

## 2

**A MISTAGOGIA EM CIRILO DE JERUSALÉM**

*E o fim de todas as nossas explorações  
será chegar ao lugar de onde saímos  
e conhecê-lo  
então  
pela primeira vez.  
T.S. Eliot*

O tema da mistagogia nos conduz à teologia desenvolvida pelos Santos Padres. Uma teologia que envia à Liturgia, à pedagogia divina, à dinâmica da Revelação, à fé como experiência pessoal e comunitária, à Igreja como sacramento de Jesus Cristo no mundo. Compreendemos que, seja qual for o campo de atuação pastoral, deve haver uma pedagogia própria que perpassa a ação evangelizadora. Uma pedagogia que se dá a partir de um diálogo que Deus vai tecendo amorosamente com cada pessoa e com cada comunidade e que se torna como um “eco” desta autocomunicação divina, uma mediação entre a ação divina e a realidade pessoal, histórica e social<sup>320</sup>.

Perguntamo-nos, então, como se desenvolveu o processo de evangelização na caminhada inicial da Igreja. Teriam, os primeiros discípulos, na sua prática de anunciar a Boa Nova, uma pedagogia própria? Ao estruturar o catecumenato primitivo, os Padres da Igreja estavam atentos à dinâmica da Revelação? Poderíamos encontrar na experiência fontal da Igreja dos primeiros séculos a orientação que buscamos para a ação evangelizadora hoje?

Buscando nas fontes mais antigas e primeiras da tradição eclesial, encontramos uma experiência da iniciação à fé cristã que é fonte da sabedoria patrística: a experiência mistagógica de Cirilo de Jerusalém, presente em suas homilias voltadas aos catecúmenos e aos neófitos, em fins do século III e no século IV.

Contudo, a teologia dos Padres bebe nas fontes primitivas, na Igreja dos primeiros tempos e na evangelização apostólica: momento primeiro e fundante do Cristianismo, caracterizado fortemente pela obra do Espírito Santo, que suscita e vivifica a comunidade nascente, age nela e por ela. A Igreja dos primeiros séculos é missionária porque vive a experiência forte e revolucionária do mistério pascal,

---

<sup>320</sup> Cf. DGC n. 144.

e não pode fazer outra coisa a não ser transmiti-lo como novidade e alegria. “Cada batizado era, para seu ambiente, uma testemunha”<sup>321</sup>.

Esta teologia torna-se normativa para a prática evangelizadora de todos os tempos e situações. Nela encontramos a dinâmica da Revelação vivida sob o impulso das expectativas, das resistências e dos desafios do ambiente de vida em que a comunidade experimenta os primeiros passos e interpelações ao Cristianismo diante do cotidiano e do mundo. É uma teologia que nasce no seio vivo de uma comunidade a caminho e, no entanto, sob o impulso renovador e transformador de todas as estruturas: a Ressurreição de Jesus Cristo<sup>322</sup>.

A Igreja nascente, seguindo a trajetória da evangelização apostólica, dedicava grande cuidado à iniciação à fé cristã e seguimento de Jesus. A atividade que se iniciou com a pregação missionária passou por um processo de organização e de estruturação e veio a se tornar uma instituição eclesial, denominada catecumenato<sup>323</sup>. O Cristianismo primitivo passa a empregar o termo específico *katecheo*,<sup>324</sup> que significa, basicamente, ensinar de “viva voz” sobre a ação salvífica de Deus. Segundo esta concepção, o ensinamento catequético é como um eco, o ressoar da Palavra de Deus mediante a voz do catequista. Na verdade, a catequese era tida como a transmissão viva do depósito de fé da Igreja aos novos membros que a ela se agregavam<sup>325</sup>. O catecúmeno seria aquele que está sendo iniciado nessa “escuta”, não de uma palavra qualquer, mas da Palavra de Deus<sup>326</sup>.

O catecumenato tem início na metade do século II, como uma preparação adequada a fim de promover desde seu início uma vida cristã responsável e madura e, por outro lado, como fundamentação aos que ingressavam na fé cristã em um momento em que as perseguições exigiam convicção e firmeza no testemunho da fé. No século seguinte, a experiência catecumental estaria presente em todas as comunidades eclesiais, ocupando muitos espaços geográficos da

<sup>321</sup> PADOVESE, L. *Introdução à Teologia Patrística*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 184.

<sup>322</sup> Cf. FORTE, B. *A teologia como companhia, memória e profecia*. op. cit., p. 85.

<sup>323</sup> Os primeiros testemunhos sobre a instituição do catecumenato encontram-se no século II. Contudo, se estrutura no século III, com a herança do processo de evangelização recebido pela missão apostólica e também pela missão do próprio Jesus. Cf. Cf. LOPES, J. Catecumenato. In: FIORES, S. G. T. (org.) *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 100; PEDROSA, V. op. cit., p. 144; Cf. BOLLIN, A. e GASPARINI, F. *A catequese na vida da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 42.

<sup>324</sup> O conceito de *katechéō* apresenta no Novo Testamento os primeiros esboços do significado específico que obterá enquanto instrução cristã na fé. Cf. Rm 2,18; 1Cor 14,19; Gl 6,6.

<sup>325</sup> Cf. SANTANA, L. F. R., *Batizados no Espírito*. A experiência do Espírito Santo nos Padres da Igreja. São José dos Campos: COMDEUS, 2000, p. 14.

<sup>326</sup> Cf. LOPES, J. op. cit., p. 99.

Igreja, no Oriente e no Ocidente. Não se trata, portanto, de um fenômeno localizado, mas de uma prática pastoral amplamente difundida em toda a Igreja<sup>327</sup>.

O catecumenato delineava-se como uma instituição ao mesmo tempo litúrgica e catequética. Em seu planejamento constava a instrução na doutrina dos Apóstolos, a formação da pessoa através de ritos, orações, prática da fraternidade e a formação em vista da superação de situações que não condiziam com a fé cristã<sup>328</sup>.

A estrutura do catecumenato nasce como continuidade à práxis das comunidades apostólicas e de um esforço pastoral que vai amadurecendo aos poucos. Esta estrutura comporta a preocupação inicial de preparar bem os candidatos aos sacramentos da iniciação cristã<sup>329</sup> – Batismo, Crisma e Eucaristia –, a exortação ao discernimento comunitário quando da entrada de novos candidatos e à consciência do significado de ser cristão, a exigência da conversão e da coerência de vida<sup>330</sup>.

Enfim, no Cristianismo primitivo, chegar a ser cristão não foi entendido como o resultado de um acontecimento repentinamente transformador da pessoa, como uma reação automática ao anúncio evangélico e à formação catecumental, e sim como fruto de um processo lento, gradual, marcado pela experiência dialogal da Revelação na vida pessoal e comunitária, chamado de iniciação cristã.

O catecumenato era compreendido como um processo de Iniciação Cristã. Inicialmente voltado para a exigência de uma preparação adequada àqueles que aderiam ao Cristianismo, o catecumenato visava o processo de conversão, desde a mudança de pensar, sentir e agir em ordem à nova vida de fé, esperança e caridade que se conhecia e abraçava, como também a obediência à Igreja e a participação nos sacramentos.

Segundo o mais antigo testemunho dos Padres da Igreja, uma vez tendo sido proclamado o *kerigma*, a tarefa mais urgente e imediata da comunidade cristã era a de preparar os futuros crentes, através de um conjunto de instruções essenciais

<sup>327</sup> Ibid.

<sup>328</sup> Cf. PEDROSA, V., op. cit., p. 144.

<sup>329</sup> Até alcançar a estrutura catecumental presente na *Tradição Apostólica* de Hipólito de Roma, o catecumenato vive etapas anteriores cujos traços encontramos nas *Apologias* de Justino, como também na *Didaqué* e no *Pastor de Hermas* e nas obras de Irineu de Lyon. Cf. HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*. Trad. da versão latina e notas por NOVAK, M. G. Petrópolis: Vozes, 1971; BIHLMEYER, K. e TUECHLE, H. *História da Igreja*. vol. 1, São Paulo: Paulinas, 1964, pp. 172-194.

<sup>330</sup> Cf. LIMA JÚNIOR, J. *Evangelização, catequese e liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, pp. 46-47.

que ampliasse e aprofundasse, ao mesmo tempo, os elementos semeados ao longo do anúncio da Pessoa de Jesus<sup>331</sup>.

A partir do século III o processo educativo-comunitário em preparação ao Batismo se mostra mais exigente e já está estruturado em suas grandes linhas, sobretudo no que diz respeito à preparação para a celebração sacramental<sup>332</sup>. No entanto, esta estrutura ganha corpo e culminância no século IV, quando a Igreja vive um momento histórico excepcional, de expansão e de crescimento, atraindo um grande número de adeptos desejosos de receber o sacramento do Batismo. Por outro lado, a Igreja se percebe ante a necessidade de consolidar a formação de seus mais novos fiéis frente às interpelações trazidas pela diversidade cultural e pelas interpretações teológicas que se contrapõem às orientações da Igreja<sup>333</sup>.

Com relação à estrutura do catecumenato do terceiro século, o século seguinte pouco acrescenta. Nota-se a aparição de algumas cerimônias complementares mas, em suas grandes linhas, a instituição já está fixada. No entanto, problemas novos se apresentam: o Batismo de crianças se torna mais frequente; cresce o número de pagãos que querem se converter devido a ser a religião imperial, mas não querem mudar de vida, prolongando a duração do catecumenato para atrasar o Batismo<sup>334</sup>.

Nosso foco nesta estrutura catecumenal é a teologia subjacente à prática dos Padres da Igreja, da qual priorizamos Cirilo de Jerusalém. É da teologia subjacente às práticas e orientações para a Iniciação Cristã em Cirilo de Jerusalém que extraímos a essência do seu pensamento sobre este processo e, a partir daí,

<sup>331</sup> SANTANA, L.F. op. cit., p. 14.

<sup>332</sup> Cf. PEDROSA, V., op. cit., p. 144.

<sup>333</sup> Este momento histórico que constitui o império cristão é conhecido como a “virada constantiniana”. Após a conversão do Imperador Constantino, o Edito de Milão possibilita que a religião cristã se torne uma religião oficial de unanimidade. O Cristianismo já havia se estendido por todo o Império Romano, suas províncias orientais, como também fora dos limites do império. Para o Império esta relação resulta em uma nova forma de legitimação da ordem vigente, sacralizando-a e contando com a Igreja para garantir a hegemonia do sistema. “A Igreja, de perseguida, tornou-se ‘triumfante’. Se por um lado se dava a instrumentalização da Igreja, por outro, a Igreja se tornava a força político-ideológica mais importante do império, depois do Estado”. A alteração constantiniana conduz a um aumento daqueles que pedem para entrar no catecumenato, com motivações não piedosas, mas a fim de conquistar a simpatia dos poderosos e os favores decorrentes. Assim, o catecumenato entra em um período muito diferente, e vive um momento de decadência com relação à conversão ao Evangelho e à mudança de vida. Também se multiplica o batismo de crianças, o que, pouco a pouco, limita ainda mais o caminho catecumenal. Cf. COSTA, R. F. As Cruzadas. In: BINGEMER, M.C.L., (org.), *Violência e Religião*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 139; GOMES, F. J. S., A Igreja e o Poder: representações e discursos. In: RIBEIRO, M. B. (org.) *A vida na Idade Média*. Brasília, UNB, 1997, p. 33; BOLLIN, A. e GASPARINI, F., op. cit., p. 40-47.

<sup>334</sup> Cf. GOMES, F. J., op. cit., p. 34.

podemos resgatar esta experiência como referencial, fonte fecunda e renovadora para a atual Iniciação Cristã de Adultos.

## 2.1

### **A mistagogia como eixo referencial do Catecumenato dos séculos III e IV**

No catecumenato antigo, a Iniciação Cristã foi orientada como um caminho de introdução, abertura e diálogo com o Mistério de Deus. O princípio fundante e dinamizador do caminho é o próprio Deus que se revela na história a cada homem e mulher, em seu tempo e lugar.

A espiritualidade, a liturgia e pedagogia são dimensões integradas no caminho de Iniciação Cristã na Igreja dos séculos III e IV. A relação dialógica entre estas três dimensões fundamentais do processo de Iniciação Cristã ocorre porque os Padres da Igreja possuem uma teologia de fundo: a mistagogia.

Segundo E. Mazza, a mistagogia foi conhecida na tradição como a explicação teológica do fato sacramental ou dos ritos que compõem a celebração litúrgica, contudo é muito mais do que um gênero literário<sup>335</sup> ou uma metodologia pastoral-litúrgica. A mistagogia é a teologia dos primeiros tempos<sup>336</sup>.

No capítulo anterior trouxemos uma noção inicial da mistagogia, compreendida como fundamento e caminho do processo de Iniciação Cristã, como teologia e pedagogia. É teologia porque, no horizonte sapiencial dos Padres da Igreja, percebemos que a mistagogia é a teologia que fundamenta suas reflexões e sua compreensão de Iniciação. É pedagogia porque, em decorrência desta compreensão, são definidos os passos e procedimentos nesta trajetória.

Neste capítulo retomaremos o horizonte no qual a mistagogia cristã se originou, e como foi desenvolvida na teologia e pedagogia de Cirilo de Jerusalém. Nosso trabalho abraçará quatro momentos: a partir do termo ‘mistagogia’, sua estrutura etimológica e desenvolvimento semântico pelos Padres da Igreja nos séculos III e IV; uma breve trajetória pela vida e obra de Cirilo de Jerusalém a fim

<sup>335</sup> As homilias mistagógicas foram categorizadas como um gênero literário, peculiar naquele momento e que não retornou em outros momentos da história da Igreja. Cf. MAZZA, E. *La Mistagogia. Una Teologia della Liturgia in epoca patristica*. Roma: Centro Liturgico Vincenziano, 1988, pp. 6-7.

<sup>336</sup> MAZZA, E. op. cit., p.5.

de compreendermos o contexto no qual desenvolve suas Catequeses; a releitura das *Catequeses Mistagógicas* procurando ‘ouvir’ as palavras de Cirilo e compreender suas orientações mistagógicas; e, finalmente, estabeleceremos um diálogo com as *Catequeses Mistagógicas* procurando perceber a teologia subjacente a essas pregações e elementos-chave de seu processo mistagógico.

O termo mistagogia tem sua origem em dois vocábulos gregos: *mystes*, que significa mistério, e *agein*, que significa conduzir<sup>337</sup>. Mistagogia vai adquirir o sentido de ‘conduzir através do mistério’, ‘iniciar ao conhecimento do mistério’. Este novo termo, construído na conjugação destes dois vocábulos, carrega em si um sentido profundo: o enraizamento no conceito de mistério e a ação mediadora, de aproximação deste mesmo mistério<sup>338</sup>.

A palavra ‘mistagogia’ também aparece nos cultos pagãos – conhecidos como cultos místéricos -, contudo, não podem ser concebidos como análogos à mistagogia<sup>339</sup> dos Padres do III e IV séculos<sup>340</sup>. Veremos algumas possibilidades que o termo mistagogia evoca no contexto mais relevante para nosso trabalho: a Iniciação Cristã<sup>341</sup>.

Etimologicamente possui o sentido de ser conduzido para o interior dos mistérios, e, na Iniciação Cristã, para o Mistério que é “*Cristo em nós, esperança da glória*” (Cl 2,19)<sup>342</sup>. Na antiguidade cristã, o termo ‘mistagogia’ designa, sobretudo, a explicação teológica e simbólica dos ritos litúrgicos da iniciação, em particular do Batismo e da Eucaristia<sup>343</sup>. Outro sentido para a mistagogia está

<sup>337</sup> Mistério + conduzir = Um substantivo e um verbo que, conjugados, inauguram um novo significado ou mesmo novos significados. Dependendo do contexto, a conjugação destes dois vocábulos nos leva à polissemia do termo.

<sup>338</sup> Cf. SCHREIBER, B. La mistagogia. In: ANCILLI, E. e PAPAROZZI, M. *La Mistica. Fenomenologia e riflessione teológica*. Roma: Città Nuova, 1964, p. 363.

<sup>339</sup> Os termos *μυσταγωγέω* (*mystagôgêô*) e *μυσταγωγία* (*mystagôgía*) possuem sua origem nos rituais pagãos, indicavam o culto aos mistérios pagãos com uma prévia iniciação. Aparecem sempre relacionados a contextos sagrados e em estreita conexão com *mysterion*, *mystikos* e *mystes*. Ao usarem esta terminologia, os Padres da Igreja reconhecem o quanto são significativos e expressivos para designarem o processo da Iniciação Cristã e, passam a utilizá-los de acordo com os fundamentos teológicos do Cristianismo. Cf. FEDERICI, T. La mistagogia della Chiesa. op. cit., p. 181 e MAZZA, E. *La Mistagogia. Una Teologia della Liturgia in epoca patristica*. Roma: Edizioni Liturgiche, 1988, p. 13.

<sup>340</sup> Cf. CASPANI, P. *La pertinenza storica della nozione di iniziazione cristiana*. Milano: Edicion Glossa, 1999, pp. 122-123.

<sup>341</sup> Cf. FEDERICI, T. op. cit., p. 181.

<sup>342</sup> Cf. TABORDA, F. *Nas fontes da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 32.

<sup>343</sup> Cf. LA BROSSE, O. HENRY, A. e ROLLARV, P. (dir.) *Dicionário de Termos da Fé*. Aparecida, Santuário e Porto: Editorial Perpétuo Socorro, original francês de 1989.

relacionado à ação sacramental, que configura o neófito como nova criatura, renascido pela água do Batismo e alimentado com o Pão da Vida<sup>344</sup>.

São os Padres Capadóci<sup>345</sup> os primeiros a aplicarem o termo mistagogia às ações sacramentais do Batismo e Eucaristia. Em Gregório de Nazianzo, o termo mistagogia indica a ação sacramental em três expressões: o Batismo, a Eucaristia e o ministério presbiteral, visto como exercício da mistagogia, que o sacerdote cumpre em nome de Cristo, em virtude de sua ordenação<sup>346</sup>.

Em Cirilo de Jerusalém, o termo emerge em situações diferentes. Nas *Catequeses Pré-Batismais* e nas *Catequeses Mistagógicas*<sup>347</sup> indica tanto a celebração dos sacramentos<sup>348</sup> como as instruções que se seguem<sup>349</sup>. Cirilo utiliza o termo mistagogia também em algumas tipologias, designando uma ação de salvação, proveniente de alguém que acolhe o Mistério de Deus e se torna mediador deste Mistério<sup>350</sup>.

Ambrósio de Milão<sup>351</sup> apresenta suas homilias de caráter mistagógico sempre depois dos sacramentos da Iniciação Cristã. Suas explicações pressupõem

<sup>344</sup> Nos sacramentos da iniciação – Batismo, a Confirmação e a Eucaristia – se cumpre sacramentalmente o dom total da Salvação, a objetiva comunicação do mistério de Deus. Neles, o fiel é completamente inserido na economia da Salvação, em Cristo e pelo Espírito Santo, como dom único e irrevogável. Cf. CERVERA, J. C. *La Mistica dei sacramenti dell'iniziazione Cristiana*. In: ANCILLI, E.; PAPAROZZI, M. *La Mistica. Fenomenologia e riflessione teológica*. Roma: Città Nuova, 1964, p. 77.

<sup>345</sup> Basílio Magno (329-379), Gregório de Nissa (335-394) e Gregório Nazianzo (330-390) são conhecidos por terem desenvolvido diversos temas doutrinários com ênfase na doutrina da Santíssima Trindade, no entanto, aqui nos interessa o testemunho das Igrejas da Capadócia sobre seu programa teológico e catequético. Cf. ROMERO POSE, E. *Catequesis en la época patrística*. In: VVAA. *Nuevo Diccionario de Catequética*. Madrid: San Pablo, 1999, p. 368.

<sup>346</sup> Cf. CASPANI, P. op. cit., p. 126.

<sup>347</sup> As dezoito *Catequeses Pré-Batismais* e as cinco *Catequeses Mistagógicas* são a obra catequética atribuída à Cirilo de Jerusalém. O primeiro grupo de *Catequeses* é dirigido aos catecúmenos que participarão do Sacramento do Batismo e o segundo grupo, as *Mistagógicas*, é dirigido aos recém-batizados. Neste mesmo capítulo veremos de forma mais detalhada a questão das obras de Cirilo e o debate quanto à autenticidade de sua autoria.

<sup>348</sup> Nas *Catequeses Pré-Batismais*, o eixo mistagógico de Cirilo pode ser identificado nas explicações homiléticas sobre a Profissão de Fé e sobre o Pai Nosso. Nas *Catequeses Mistagógicas*, como o próprio nome diz, estão centradas no sentido mais profundo das realidades sacramentais das quais os neófitos participaram na noite da Vigília Pascal. Mais adiante, veremos pormenorizadamente o tratamento mistagógico que Cirilo dá a cada um desses momentos da Iniciação Cristã.

<sup>349</sup> As homilias mistagógicas se propunham a explicar aos neófitos as ações litúrgicas das quais participaram. Eram pronunciadas após os sacramentos, em um tempo determinado, propício para a compreensão dos mistérios sacramentais.

<sup>350</sup> Na Quinta *Catequese Mistagógica*, Cirilo fala em Davi como mediador do mistério de Deus. “*Não ouviste como o bem-aventurado Davi te introduziu neste mistério*” (CM 5,2). O verbo traduzido por – introduzir –, no texto grego - *μυσταγωγῶντος* -, tem o sentido de conduzir ao mistério, uma ação mistagógica. Cf. FIGUEIREDO, F. In: CIRILO DE JERUSALEM. *Catequeses Mistagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2004.

<sup>351</sup> Ambrósio de Milão (339-400), conhecido por sua intensa atividade pastoral, social, política,

a experiência do Mistério de Deus através de descrições, questões e aprofundamento<sup>352</sup>.

O termo ‘mistério’ aponta para uma realidade desconhecida, íntima, oculta, uma presença por se revelar. No Cristianismo, o Mistério de Deus se revela à humanidade e convida a uma abertura existencial, que conduz tudo e todos à plena realização. É a História da Salvação, plenificada na encarnação, na redenção, na Páscoa de Jesus. É o Mistério pascal, ou Mistério de Cristo, Mistério da fé.

A liturgista I. Buyst apresenta dois momentos constitutivos do Mistério pascal que se faz presente nas celebrações eucarísticas: a liturgia da Palavra e a liturgia sacramental.

Na liturgia, o mistério pascal de Jesus se faz presente, em toda a sua densidade e extensão, atuando no rito litúrgico, na celebração memorial, principalmente na celebração eucarística. É o mistério da fé presente *na e pela* ação ritual que inclui: a narrativa e interpretação dos fatos - liturgia da Palavra -; e as ações simbólicas relacionadas com esses fatos - liturgia sacramental<sup>353</sup>.

A fonte deste saber reside na elaboração dos Padres da Igreja da liturgia recebida pelas tradições apostólicas<sup>354</sup>, em diálogo com as reflexões teológicas de seu tempo. A Palavra de Deus é fonte mistagógica e as ações litúrgicas são sinal e presença do próprio Cristo, mistagogia viva e fecunda para a comunidade eclesial que se reúne em torno deste altar. Desde estas releituras, podemos compreender mais facilmente os dois elementos mais constantes na concepção de ‘mistagogia’ nos Padres da Igreja: a liturgia sacramental e a sua explicação teológica.

---

elabora sua teologia a partir dos Padres Gregos e de autores judeus e pagãos, como Filon e Plotino. Sua obra é largamente documentada com escritos exegéticos, morais, ascéticos, dogmáticos, além de discursos, cartas e hinos. As obras de caráter catequético, mais próximas de nossa pesquisa são *De sacramentis* e *De Mysteriis*. Cf. ANGRISANI S. M. L. Ambrósio de Milão. In: BERNARDINO A. (org.) *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis/São Paulo: Vozes/Paulus, 2002.

<sup>352</sup> Também João Crisóstomo apresenta suas catequeses mistagógicas segundo a prática litúrgica pós-batizmal. Cf. FEDERICI, T. op. cit., p. 189.

<sup>353</sup> BUYST, I. e SILVA, J. A. *O Mistério celebrado: memória e compromisso*. São Paulo: Paulinas, 2004, pp. 82-83. (grifo nosso)

<sup>354</sup> As tradições apostólicas são escritos que refletem a pregação apostólica, imagem da Igreja nascente. Possuem uma intenção prática, exortam à penitência, à disciplina eclesiástica, explicam de modo simples alguns conteúdos doutrinários. Enfim, são geralmente orientados no sentido de edificação e de instrução e são a fonte mais antiga depois dos escritos neotestamentários. Estão entre eles a *Didaqué*, *Doutrina dos Doze Apóstolos*, de autor desconhecido; a *Epístola de Barnabé*, atribuída ao apóstolo Barnabé, colaborador de Paulo; a *Carta de Clemente de Roma*; os *escritos de Inácio de Antioquia*; a *carta de Policarpo de Esmirna* e os *escritos do bispo Papias*. Cf. BOLLIN, A. e GASPARINI, F. op. cit., p 28.

Para além destes dois elementos acessíveis na teologia dos Padres, encontramos outros sentidos igualmente relevantes para compreendermos a mistagogia como fundamento teológico de suas reflexões e ações litúrgico-pastorais. Elencamos abaixo diversos sentidos para a mistagogia, a partir dos termos encontrados nas obras patrísticas do século III e IV:

- como iniciação ao Mistério;
- como instrução nos Mistérios divinos;
- como exposição dos significados da Sagrada Escritura;
- como orientação, guia no caminho misterioso de Deus;
- como o próprio Mistério que se revela;
- como a própria Sagrada Escritura;
- como ação sacramental – Batismo e Eucaristia;
- como celebrações dos ritos;
- como o tempo da Páscoa, incluindo o período quaresmal;
- como princípio fundante e dinâmico do sacerdócio;
- como Povo de Deus a caminho;
- como Igreja, sacramento de Cristo no mundo<sup>355</sup>.

Importa para nós o fato de que a ‘mistagogia’ para os Padres é um eixo diferente do eixo catequético. É a referência central de sua teologia, a partir da experiência espiritual da Igreja enquanto comunidade de fiéis, que tem sua razão de ser na vivência, sempre mais profunda, do Mistério Pascal do Senhor.

É verdade que a mistagogia é uma terminologia, mas, para além da demarcação etimológica, devemos estar atentos à riqueza deste conceito central para a Iniciação Cristã. Vejamos um trecho do especialista T. Federici, no qual ele identifica a grandeza e complexidade da mistagogia para a Iniciação Cristã.

A mistagogia é toda a Comunidade de batizados e confirmados do único Espírito no único Corpo de Cristo. É a Igreja na sua completude de fiéis novos e contemporâneos que, por se auto-compreender dessa forma, se encontra imersa para sempre na realidade da Palavra de Deus. Essa só pode partir da experiência cristã consignada na iniciação, como condição permanente de vida. Não se trata

---

<sup>355</sup> T. Federici apresenta um esquema global detalhado do conteúdo mistagógico nos Padres da Igreja. Outro esquema excelente se encontra em BORNERT, R. *Les commentaires byzantins de la Divine Liturgie du VII<sup>e</sup>. au XV<sup>e</sup>. siècle*. Paris: Institut français d'études byzantines, 1966, pp. 29-31. Cf. FEDERICI, T. op. cit., pp. 194-195.

de um complexo de atos e palavras, de gestos e sinais, em determinado momento ritual.

É necessária uma atitude permanente de abertura e contemplação do Mistério divino que vem de dentro de cada fiel e de toda a comunidade do povo santo de Deus. Tal caminho é condição de vida, assinalada por uma tensão incessante do Mistério divino, econômico, cósmico, escatológico, que dinamiza uma eclesiologia centrada em uma cristologia pneumatológica, em uma nova antropologia, em um novo modo de ser e de contemplar a realidade existente<sup>356</sup>.

Na sabedoria dos Padres da Igreja, a mistagogia é a vida da Igreja, em sua dimensão espiritual, litúrgica, pastoral, contemplativa e escatológica. Esta sabedoria é expressa nas obras patrísticas revelando os vários aspectos que envolvem sua compreensão de mistagogia:

- é fonte de abertura à dinâmica da Revelação;
- é caminho, percurso, trajetória de adesão, crescimento, aperfeiçoamento;
- é participação nos ritos e celebrações litúrgicas;
- é a Palavra acolhida e que revoluciona a dinâmica pessoal e comunitária;
- é contemplação orante do Mistério que se revela na história da humanidade;
- é a penetração progressiva até o encontro definitivo com o Mistério de Deus;
- é a Igreja sacramental e caminhante no mesmo processo mistagógico<sup>357</sup>.

A mistagogia nos Padres dos séculos III e IV é tudo isto, mas é ainda mais. Porque não é um conceito que se esgota nas categorias teológicas. Sublinhamos as duas mãos na dinâmica da Revelação – Deus e a pessoa humana – e, nessa perspectiva, podemos perceber o caráter ativo e criativo deste processo nos contextos pessoais, comunitários, sociais, históricos e escatológicos. A mistagogia é um fundamento e uma experiência na qual se entra e se caminha até o encontro definitivo de toda a Criação em Deus.

O grande liturgista A. Triacca, leva em consideração que a mistagogia dos Padres da Igreja deve ser devidamente fundamentada na dinâmica da Revelação e na Igreja. Não consistia em uma experiência sentimental, piedosa ou vagamente subjetiva. Por outro lado, também não se tratava de um encontro ‘face a face’ com

<sup>356</sup> FEDERICI, T. op. cit., p. 199.

<sup>357</sup> Ibid., p. 193.

o Mistério divino, mas como uma experiência inaugural, de um plano, no qual se adentra até o encontro definitivo<sup>358</sup>.

Na teologia contemporânea, é K. Rahner quem resgata a pedagogia do Mistério e nos fala na presença da mistagogia na evangelização, como uma dinâmica na qual o anúncio da fé cristã dialoga com as condições e com as questões que a pessoa humana traz em si. Dinâmica esta que não se limita às exposições doutrinárias, mas dialoga com a busca da verdade experimentada na vida e na comunidade eclesial. Para K. Rahner, se a evangelização se detiver na dimensão doutrinária estará errando gravemente, estará indo contra sua própria essência, pois a mistagogia é “apelo irrompido do mais íntimo âmago da pessoa humana agraciada”<sup>359</sup>.

Em consonância com a experiência da Igreja primitiva, K. Rahner afirma que a mistagogia deve estar presente em todo o processo de evangelização. É ela que orienta para que esta tarefa não se detenha na doutrinação, no ensino, numa concepção errônea, como se o anúncio viesse de fora para dentro, do pregador para o ouvinte. A perspectiva mistagógica considera que o anúncio feito pelo pregador levanta questões que o iniciante já traz em seu íntimo.

Tal mistagogia encontra seu ponto de partida na convicção cristã de que, antes de toda e qualquer pregação, Deus, pelo oferecimento de sua co-participação no Espírito Santo, já é a pergunta e a resposta (ao mesmo tempo) no homem, mesmo que tal resposta permaneça não pronunciada<sup>360</sup>.

Assim sendo, a mistagogia revela-nos a verdadeira compreensão da ação evangelizadora, como mediadora da dinâmica salvífica, ciente de seus limites e em permanente diálogo com Deus, pela meditação, pela oração, pela celebração comunitária, pela proclamação e hermenêutica da Palavra. Nesse curso, iniciante e comunidade devem caminhar lado a lado, pois é a comunidade cristã que assume a responsabilidade de ser mediadora da iniciativa gratuita e amorosa de Deus, desde o acolhimento do iniciante como durante sua formação e acompanhamento.

---

<sup>358</sup> Cf. TRIACCA, A. M. *Mystagogie doctrinale de la Prière*. In: *Mystagogie : pensée liturgique d'aujourd'hui et liturgie ancienne*. Conférences Saint-Serge, XXXIXe Semaine d'études liturgiques. Paris: Triacca e Pistoia (edit.), 1992.

<sup>359</sup> Cf. RAHNER, K. *O desafio de ser cristão*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 48.

<sup>360</sup> Ibid.

M. Dujarier retrata nas palavras abaixo uma eclesiologia na qual a Iniciação Cristã é uma fonte da vida nova em Cristo não apenas para os iniciantes, mas para toda a comunidade.

A comunidade local não deve apenas cuidar dos próprios fiéis; animada pelo zelo missionário, é convidada também a abrir a todos os homens a estrada que conduz a Cristo. Em especial deve se incumbir dos catecúmenos e neófitos, que gradualmente são educados à consciência e à prática da vida cristã.(...) Por sua vez, a própria comunidade é educada a dar testemunho do Cristo vivo, a estar em estado permanente de conversão<sup>361</sup>.

A mistagogia vem a ser um carisma no âmbito da Igreja, que comporta a dimensão teológica própria da dinâmica da Revelação e Fé, como também o processo pedagógico da Revelação na História da Salvação. Esta chave de leitura patrística continua a ser fonte para a Iniciação Cristã atual<sup>362</sup>.

Compreendida como caminho mistagógico, a Iniciação Cristã tem seu princípio ativo na própria iniciativa divina e na abertura livre da pessoa que se converte ao Deus vivo e verdadeiro, pela graça do Espírito, e se torna participante da comunidade de fé, a Igreja. É uma realidade dinâmica, que implica pessoa e comunidade. É caminho que conduz a uma nova configuração de cada pessoa em Jesus Cristo, em comunhão com os ensinamentos recebidos, com a vida da Igreja e como testemunho vivo da fé que professa.

### 2.1.1

#### **Cirilo de Jerusalém e seu tempo**

#### **Aspectos do contexto sócio-histórico e eclesial**

O século de ouro da patrística é o período compreendido entre os concílios de Nicéia e Calcedônia (325-451). Período marcado pelas grandes reflexões teológicas provenientes das controvérsias sobre o tema da dogmática, da ontologia de Deus, origem, natureza e relação trinitária. Os grandes Concílios marcam esse momento tão fundamental para a história da Igreja e para a fundamentação dogmática, ou seja, a constituição do Credo cristão: o Símbolo que configura

<sup>361</sup> DUJARIER, M. La funzione materna della Chiesa nella pratica catecumenale dell' antichità. In: CAVALLOTO, G. (org.) *Iniziazione Cristiana e Catecumenato*. Bologna: EDB, 1996, p. 123.

<sup>362</sup> Cf. *DGC*, n. 89.

identidade da Igreja, definindo a ontologia divina e a própria natureza da Revelação<sup>363</sup>.

Não é propriamente um momento histórico tranquilo para o Magistério eclesial, que se depara com grandes questões dogmáticas, determinantes para a identidade cristã. Por outro lado, essa dinâmica histórica vai configurando a própria identidade e missão pastoral da Igreja. No influxo dessas mudanças surge também a necessidade da formação cristã e, como consequência, a preocupação dos Padres da Igreja, não apenas com a identidade e a defesa da fé, mas também com o processo catecumenal, com a acolhida e a introdução de novos membros.

Os Padres da Igreja constroem, pouco a pouco, uma iniciação teológica, uma aproximação dos iniciantes do quadro formativo no qual encontramos duas fortes características: catequese e liturgia caminham juntas e, a experiência pessoal e o testemunho comunitário se tornam fonte de comunhão e conversão.

É neste quadro histórico e teológico que Cirilo de Jerusalém se inclui. Ao lado de outros Padres, Cirilo é um presbítero atento ao seu tempo e à sua comunidade. Não encontramos uma biografia de Cirilo que nos apresente, com segurança e detalhes, sua vida e trajetória como pastor da Igreja<sup>364</sup>. Através de dados coletados por historiadores, filólogos e pesquisadores da Patrística, alguns escritores delinearão traços básicos de sua biografia, porém, indicados com algumas incertezas e até mesmo contradições. Vejamos alguns dados biográficos que nos auxiliem a conhecer um pouco de Cirilo e do contexto em que viveu e pregou suas Catequeses.

Seu nascimento é habitualmente situado em Jerusalém ou em uma cidade vizinha, por volta de 315<sup>365</sup>, há dois passos do edito de Milão, em 313, no qual Constantino outorgou a paz à Igreja. Recordamos que neste período surge o

<sup>363</sup> O Concílio de Nicéia fixou em seu Credo a identidade de natureza (*homoousia*) do Filho com o Pai: o Filho é *homoousios* com o Pai, 'da mesma natureza' que o Pai, consubstancial ao Pai. O Concílio de Constantinopla I (381), na linha de continuidade de Nicéia, desenvolve o Credo, especialmente com referência ao Espírito Santo, à Igreja, ao Batismo, à ressurreição dos mortos e à vida eterna. Pela continuidade e relação entre estes dois Concílios, o Credo aprovado em Constantinopla foi chamado de niceno-constantinopolitano e, desde então, é assumido por toda a Igreja. Cf. ELORRIAGA, C. In: CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequesis*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1991, pp. 27-28; PADOVESE, L. op. cit., pp. 70-71.

<sup>364</sup> Alguns autores são citados como especialistas nos estudos sobre Cirilo, no entanto, sua biografia ainda está por ser escrita. Entre os principais estudiosos estão A. Augustin Touttée (1720), W. K. Reischl e J. Rupp(1848); Johann Mader(1891); William Telfer(1955); Anthony A. Stephenson e Leo P. McCauley(1969); Peter Walker(1990) e Alexis Doval(2001). Cf. DRIJVERS, J. W. *Cyril of Jerusalem. Bishop and City*. Boston: Brill, 2004, introd. pp. XII-XIII.

<sup>365</sup> Cf. DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 31; QUASTEN, J. *Patrologia*. Madrid: BAC, 1977, p. 403; BONATO, A. *La dottrina trinitaria di Cirilo de Gerusalemme*. Roma: IPA, 1983, p. 16.

arianismo<sup>366</sup>, com a negação da divindade do Verbo e a fratura do Mistério fundamental da fé católica: a Trindade<sup>367</sup>. A teologia trinitária em franca elaboração e os debates entre as diversas correntes heterodoxas conduzem aos concílios, sínodos, configuração das fórmulas de fé<sup>368</sup>. Neste mesmo caminho aproxima-se o Concílio de Nicéia, 325, que definiu a divindade do Verbo com o termo – *homooúsios*<sup>369</sup>.

É provável que Cirilo tenha pregado suas Catequeses quando ainda era presbítero, por volta do ano 348<sup>370</sup> e, possivelmente, neste mesmo ano, tenha sido nomeado bispo de Jerusalém<sup>371</sup>, como sucessor de Máximo<sup>372</sup>. Recebeu ordenação episcopal do bispo metropolitano de Cesaréia, Acácio, considerado ariano<sup>373</sup>.

Seu episcopado viveu momentos de altos e baixos. Foi um período marcado por relações tensas entre os dois pontos mais importantes da Palestina: Cesaréia e Jerusalém. Há principalmente duas questões neste conflito: com relação à doutrina e outra, de ordem jurisdicional, com relação à própria

<sup>366</sup> Para o Arianismo, o Logos não era Deus, como afirma a Igreja, mas a primeira criatura de Deus, dotada de força divina; não era nascido do Pai, mas dele criado e assumido por sua vontade como Filho. Era, portanto, substancialmente diferente do Pai.

<sup>367</sup> Pela doutrina da Trindade professamos apenas uma natureza divina – um só Deus -, em que subsistem três pessoas; Deus uno em essência e trino em pessoas. O Logos, segunda pessoa da Trindade é filho real de Deus, por natureza e não por adoção, gerado realmente do Pai e em tudo similar (homoiós) a ele. Cf. BIELSA, J. S. In: CIRILO DE JERUSALÉN. *Catequesis*. Trad., introd. e notas de J. S. Bielsa. Madrid: Ciudad Nueva, 2006, pp. 9-10.

<sup>368</sup> Neste contexto outros Padres da Igreja colaboraram com seriedade e profundidade na condução dos debates teológicos, como Basílio Magno, Gregório Nazianzeno, Gregório de Nissa, Cirilo de Alexandria e outros. Cf. FIGUEIREDO, F. op. cit., p. 11; DRIJVERS, op. cit., p. 86; RIVAS, P. H. In: CIRILO DE JERUSALÉN, *Catequesis*. Buenos Aires: Paulinas, p. 12.

<sup>369</sup> O termo grego *homooúsios* designa a realidade da consubstancialidade - da mesma substância, com a mesma essência. Foi introduzido no Credo em Nicéia (325). O termo indica que o Filho é da mesma substância (*ousía*) do Pai. O Filho é gerado pelo Pai, o que equivale a dizer que não se trata da produção de algo distinto de Deus, como sucede na criação, em que Deus é causa eficiente (gerado, não criado). Por outro lado, não se pode entender esta geração divina de modo material, como se o Filho fosse parte do Pai ou tivesse havido uma divisão da substância divina. Cf. ROVIRA BELLOSO, J. M. Trindade. In: PIKASA, X. e SILANES, N. (dir.) *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1988, p. 881.

<sup>370</sup> Há referências de que Cirilo, ainda presbítero, tenha substituído o bispo durante a quaresma, na preparação dos catecúmenos para o Batismo e tornou-se conhecido como grande orador por suas Catequeses pronunciadas desde esta ocasião. Outros estudos concluem que, por ocasião das pregações, ele já era bispo, e atribuem a data das homilias catequéticas ao ano de 350. Cf. HAMMAN, A. *Guida pratica dei Padri della Chiesa*. Milão: Ancora, 1968, p. 207; QUASTEN, J. op. cit., p. 405.

<sup>371</sup> A data em que Cirilo foi consagrado bispo, é frequentemente mencionada entre os anos 348 e 349, com base na data da morte de Máximo e na data da aparição da cruz luminosa em Jerusalém, maio de 351, quando ele, já como bispo, escreve uma carta ao imperador Costanzo. Cf. YARNOLD, E. J. Cyrillus von Jerusalem. *Theologische Realenzyklopädie* 8. Berlin/New York: Walter de Gruyter (1981/1993) pp. 261-266; CAYRÉ, F. *Patrologia e Storia della Teologia*. Roma: Desclée e Ci, 1936, p. 376; BONATO, A. op. cit., p. 18; PIEDÁGNEL, A. op. cit., p. 12.

<sup>372</sup> YARNOLD, E. J. op.cit., p. 262

<sup>373</sup> Cf. PIEDÁGNEL, A. In: CYRILLE DE JÉRUSALÉM. *Catéchèses Mystagogiques*. Paris: Du Cerf, 1966, p. 12; CAYRÉ, F. op. cit., p. 376.

autoridade na igreja-província. Cirilo e Acácio reivindicavam o direito de supremacia da própria sede. Cirilo com base na fundação apostólica e Acácio requerendo dignidade enquanto bispo metropolitano da Palestina. O reconhecimento ao bispo de Jerusalém, efetuado no Concílio de Nicéia aumentou o conflito entre os dois bispos<sup>374</sup>. Estavam em jogo processos de ordem disciplinar, como nomeações, destituição, interesses pessoais.

No plano doutrinal, os dois bispos também tinham graves controvérsias. Cirilo, acusado por Acácio de sabelianismo<sup>375</sup> e de ser um seguidor do *homooousion*, ou seja, da consubstancialidade entre Cristo e o Pai. Acácio, em oposição no plano ortodoxo, acusado por Cirilo de professar uma doutrina filiariana, sem dar relevância à divindade do Filho<sup>376</sup>.

Também sobre Cirilo foram levantadas suspeitas de arianismo. Sua nomeação por Acácio<sup>377</sup>, unida à amizade de Cirilo com outros bispos semi-arianos e à ausência do termo niceno ‘*homooúsios*’ em suas Catequeses, serviu para que vários escritores tenham projetado sombras sobre a figura de Cirilo, acusando-o de infidelidade à doutrina da Igreja<sup>378</sup>. Há indicações de que nos seus primeiros anos como bispo não era totalmente ortodoxo, mas que, paulatinamente, foi se tornando um opositor ao arianismo, o que lhe serviu de pretexto para as perseguições de Acácio<sup>379</sup>.

<sup>374</sup> Constantinopla I e também a Constituição Apostólica chamavam Jerusalém de “mãe de todas as igrejas”. E, de acordo com o 7º. Cânon do Concílio de Nicéia, o bispo de Jerusalém era considerado o mais proeminente do mundo cristão, depois dos bispos de Roma, Alexandria e Antioquia. Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. (trad.) *The works of Saint Cyril of Jerusalem.*, England: America Press. 1969, p. 15; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 15.

<sup>375</sup> O sabelianismo foi uma modalidade do monarquianismo modalista, e recebeu esse nome devido ao herético que difundiu essa doutrina no Egito e na Líbia: Sabélio. Considerava a divindade uma mônada que se manifestava em três operações diferentes – Pai no AT, Filho na encarnação e Espírito Santo em pentecostes. Cf. PADOVESE, L. op. cit., pp. 66-67; SCHNEIDER, T. (org.) *Manual de Dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 439-440.

<sup>376</sup> Cf. BONATO, A. op. cit., p. 23.

<sup>377</sup> Encontramos dados históricos que indicam que Cirilo não foi o sucessor imediato de Maximo, e sim Heraclius. Através de um acordo com outros bispos arianos, Acácio teria forçado Heraclius a abdicar e nomeado Cirilo, contando com seu apoio junto aos arianos e impedindo que os adversários elegessem um outro candidato, desfavorável aos arianos. Cf. DRIJVERS, J.W. op. cit. p. 35; MAESTRI, G. e SAXER, V. In: CIRILLO E GIOVANNI DI GERUSALEMME. *Catechesi Prebattesimali e mistagogiche*. Milano: Pauline, 1994, p. 13; BONATO, A. op. cit., 21.

<sup>378</sup> RIVAS, P. H. op. cit., p. 5.

<sup>379</sup> Os estudos indicam um processo, em que Cirilo foi modificando sua posição, da seguinte forma: inicialmente era representante da ala moderada da frente eusebiana, próxima à ortodoxia nicena; em Seleucia, 359, era reconhecida a posição dos expoentes do partido homousiano e, depois, em 365, se uniu a ala homousiana que, sem renegar a própria fórmula, tinha aceito a identificação do “símile” por aproximação com “consubstancial”. Cf. BONATO, A. op. cit., p. 32; DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 35; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 20; CAYRÉ, F. op. cit., p. 377; YARNOLD E. J. *Cyrillus von Jerusalem*. op. cit.

O fato de Cirilo nunca utilizar a fórmula nicena – ὁμοούσιος τον πατρι – *consustancial ao Pai* - foi tema de debate acirrado sobre a ortodoxia de Cirilo quanto à questão trinitária<sup>380</sup>. Contudo, ao longo da leitura de sua obra catequética (*Catequeses Pré-Batismais e Catequeses Mistagógicas*) percebe-se a preocupação pedagógica de Cirilo no emprego de termos teológicos em seus ensinamentos e orientações e, principalmente, fundamentando toda a pregação na Sagrada Escritura<sup>381</sup>. Se ele não utiliza a terminologia oficial não se pode dizer o mesmo do conteúdo doutrinal, que apresenta de acordo com a ortodoxia e a definição niceana<sup>382</sup>.

A omissão do termo *homooúsios* em suas *Catequeses* pode ter diversas causas: pedagogia catequética, prioridade à fundamentação bíblica, prudência no uso do termo niceano, uma postura eusebiana de não afrontar os grupos arianos e semi-arianos. Vejamos um pouco mais detalhadamente essas possibilidades.

Uma possibilidade se fundamenta em sua metodologia catequética. Suas orientações têm como base a Sagrada Escritura, num método histórico-tipológico, utiliza uma linguagem simples, endereçada a um auditório diverso e de iniciantes na fé<sup>383</sup>.

Outra hipótese seria uma atitude de prudência no uso de uma nova categoria teológica, que remete ao conhecimento filosófico e teológico, o que também assinala seu cuidado pedagógico e atitude ponderada. O fervor das discussões teológicas não é o alvo de Cirilo e sim a formação dos iniciantes na fé. Sem tomar partido, assume uma postura de adaptação pastoral<sup>384</sup>, coerente com o

<sup>380</sup> Cf. TELFER, W. *Cyril of Jerusalem and Nemesius of Emesa*. London: SCM Press LTD, p. 61; FIGUEIREDO, F. op. cit., p. 12; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., pp. 12-15.

<sup>381</sup> Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., pp. 9.13.35; ALTANER, B. op. cit., p. 11; PIÉDAGNEL, A. op. cit., p. 7; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 11. 53; DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 55; CAYRÉ, F. op. cit., p. 348; FIGUEIREDO, F. op. cit., p. 12; BONATO, A. op. cit., p. 23; RIGGI, C. In: CIRILLO DI GERUSALEMME. *Le Catechesi*. Roma: Città Nuova, 2<sup>o</sup>. Edição, 1997, pp.1-11.19.

<sup>382</sup> Sobre este tema ver especialmente a dissertação de Risi, Francesco Maria. *Di una nuova edizione delle opere di S. Cirillo Gerosolimitano ossia di un errore gravissimo falsamente attribuito a S. Cirillo*. S.C. di Propaganda Fide, 1884. Risi apresenta todo o debate sobre a questão homousiana, analisando os textos de Cirilo e dos padres de seu tempo. Ver também cf. CROSS, F.L. In: CYRIL OF JERUSALEM'S. *Lectures on the Christian Sacraments*. Londres: SPCK, 1951, p. XXX.

<sup>383</sup> Cirilo conhece bem o método tipológico na hermenêutica da Sagrada Escritura. Cf. RIGGI, C. In CIRILLO DI GERUSALEMME. *Le Catechesi*. Roma: Città Nuova, 2<sup>o</sup>. Edição, 1997, pp.10-11.19; MAZZA, E. op. cit., p. 173.

<sup>384</sup> YARNOLD, E. *The awe inspiring rites of initiation. Baptismal Homilies of the fourth century*. Grã-Bretanha: Saint Paul Publications, 1971, p. 65.

clima de Jerusalém, mais voltado para a mediação bíblica do que para as questões doutrinárias.

Frente à complexidade dos debates teológicos, o uso da terminologia niceana ainda não é radicalizada por seus contemporâneos. Neste sentido, Cirilo compartilhava da posição eusebiana<sup>385</sup>, uma tendência que crescia no âmbito eclesiástico, evitando os radicalismos de tipo ariano, sabeliano ou marceliano<sup>386</sup>. Neste eixo justifica-se a ausência da terminologia niceana, pela proximidade do debate e dúvidas que ainda pairavam na compreensão de muitos<sup>387</sup>. Há estudiosos que aventam ainda a hipótese de Cirilo agir com certa diplomacia, frente ao calor do debate e não se indispor com amigos e bispos que aderiam ao arianismo<sup>388</sup>.

Priorizando o embasamento bíblico, Cirilo se atém à expressão bíblica *homoios* (ὅμοιος): em tudo similar ao Pai. A escolha de Cirilo responde em grande parte aos pressupostos de fundo da teologia oriental, prefere uma fórmula alternativa, o *homoios*. Desenvolve uma teologia substancialmente fiel à ortodoxia, na catequese trinitária<sup>389</sup>, cristológica, pneumatológica<sup>390</sup> e sacramentária<sup>391</sup>.

Cirilo refaz, através da teologia de Eusébio de Cesaréia, a tradição apologética que pensava a geração do Filho pelo Pai, conexas com a união eterna do Espírito Santo. Reconhece uma hierarquia na Trindade; reconhece também que as três Pessoas pertencem absolutamente à sede do divino e do transcendente. As três Pessoas da Santíssima Trindade foram parceiras na Criação e Redenção,

<sup>385</sup> A teologia de Eusébio de Cesaréia segue o esquema de Orígenes, expressa a subsistência das pessoas divinas em âmbito trinitário e sua relação recíproca afirmando que as pessoas são três quanto à hipóstase e uma apenas quanto à harmonia. Permite uma postura intermediária, sem rejeitar totalmente o símbolo niceno. Cf. BONATO, A. op. cit., pp. 9-10; Cf. ALTANER, B. *Patrologia*. Madrid. 1953, p. 242; BIELSA, J. S. op. cit., p. 11; MORESCHINI, C. e NORELLI, E. *História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 75.

<sup>386</sup> O marcelianismo é também uma modalidade de monarquismo modalista, na qual Marcelo de Ancyra (374) concebe a Deus como mônada indivisível: Pai, Filho e Espírito Santo constituem a mônada da divindade. Cf. WERBICK, J. Doutrina da Trindade. In: SCHNEIDER, T. (org.) *Manual de Dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 439-440.

<sup>387</sup> Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., p. 13; BONATO, A. op. cit., p. 11.

<sup>388</sup> Cirilo se relacionava com os chamados homousianos e, por isso, muitos o identificaram como ariano ou simpatizante do arianismo. Cf. CAYRÉ, F. op. cit., p. 377; BIELSA, J. S. op. cit., p. 12.

<sup>389</sup> Sobre a teologia trinitária e a cristologia na obra de Cirilo ver o excelente trabalho de BONATO, A. *La dottrina trinitária di Cirilo de Gerusalemme*. SEA, Roma: IPA, 1983.

<sup>390</sup> Sobre a pneumatologia em Cirilo de Jerusalém ver os trabalhos de SANTANA, L.F.R. *A dimensão pneumática da espiritualidade cristã*. Tese de Doutorado, Departamento de Teologia, PUC/RJ, 1998 e MIGUEL FERNANDES, J.L. *Pneumatologia de Cirilo de Jerusalém*. Dissertação de Mestrado, Madrid: Pontificium Institutum Orientalium Studiorum, 1974.

<sup>391</sup> Cf. RIGGI, C. op. cit., pp. 7-9; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., pp. 12-15.

juntas regem o mundo e a história, e são exclusivamente a fonte do ser, da vida e da salvação<sup>392</sup>.

Por outro lado, não apenas Acácio de Cesaréia, mas também arianos e imperadores que favoreciam esta heresia, estiveram em conflito com Cirilo. Até tal ponto chegaram os conflitos que por três vezes abandonou sua sede episcopal para marchar para o desterro, num período total de 13 a 14 anos<sup>393</sup>. A primeira vez, em 357, quando o bispo Acácio reuniu um concílio composto por arianos em Jerusalém, e condenou Cirilo ao desterro<sup>394</sup>. Consta que, nesse primeiro exílio, tenha ido para Antioquia e depois para Tarso, onde foi acolhido pelo bispo Silvanus. Neste período, Cirilo teria exercido seu ministério como pregador, demonstrando a defesa da fé ortodoxa contra o arianismo e o maniqueísmo crescentes, o que aumentou a fúria de Acácio, exigindo que o bispo Silvanus proibisse Cirilo de pregar<sup>395</sup>.

As questões doutrinárias ainda o afastaram de sua sede por duas vezes: em 360, pelo Concílio de Constantinopla e, em 366, pelo imperador Valens, que também se tornou ariano<sup>396</sup>. Os conflitos e decorrentes períodos de deposição de seu episcopado foram provocados pelo grupo partidário do arianismo, que o atacou como defensor e confessor da fé nicena sobre a consubstancialidade do Verbo com o Pai<sup>397</sup>.

Cirilo retorna ao episcopado no final dos anos 370. Em 381, participou do II Concílio Ecumênico, realizado em Constantinopla<sup>398</sup>, com um grupo

<sup>392</sup> Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., pp. 36-37.

<sup>393</sup> Cf. DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 48.

<sup>394</sup> Constam em alguns depoimentos que, no Concílio de Acácio foram banidos pelo Imperador, em 360: Macedonius, Eustathius, Basil, Silvanus, Eleusius, Anianus, Sophronius, Neonas de Seleucia e Cirilo. Cirilo foi acusado de colocar à venda bens da igreja para socorrer os necessitados em tempo de fome; além disso, foi acusado por questões doutrinárias, por fidelidade a Nicéia e oposição ao arianismo. Essa atitude, que revela sua percepção e atuação pastoral, pode ter sido um dos fatores responsáveis por seu retorno e acolhida em Jerusalém, a cada exílio. Cf. RIVAS, P.H. op. cit., p. 6; MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., p. 29 e p. 69; DRIJVERS, J.W. op. cit., p. 38; MAESTRI, G. e SAXER, V., op. cit., p. 20; CARRARO, G. In: CIRILLO, *Le catechesi*. Traduzione e note G. Carraro, Vicenza, 1942, p. 10.

<sup>395</sup> Cf. DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 39.

<sup>396</sup> Ibid., p. 41.

<sup>397</sup> Este período de turbulência de heresias e lutas políticas, nas quais Cirilo está envolvido, explica em parte, os dados confusos, e até mesmo, contraditórios que chegam até nós. Cf. BIELSA, J. S. op. cit., p. 9; RIVAS, P.L.H. op. cit., p. 12.

<sup>398</sup> Cf. QUASTEN, J. op. cit., pp. 403-405; FOLCH GOMES, C. *Antologia dos Santos Padres*. São Paulo: Paulinas, 1979, p. 225; DANIELOU, J. *Sacramentos y culto según los Santos Padres*. Madrid: Guadarrama, 1964, pp. 20-21; CAYRÉ, F. op. cit., p. 377; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 14.

majoritário de 150 bispos, considerados ortodoxos e 36, arianos<sup>399</sup>. Este concílio selou um compromisso entre as teologias trinitárias do Oriente e do Ocidente. Na linha de continuidade com o Concílio de Nicéia, o Concílio de Constantinopla restabelece o Credo Niceno e condena todas as heresias<sup>400</sup>. Cirilo de Jerusalém tem um papel importante nesta reflexão conciliar, para alguns estudiosos constitui uma força motriz por já professar, em Jerusalém, um Credo bastante semelhante à definição final, em Constantinopla<sup>401</sup>. Este Concílio reabilita Cirilo de qualquer dúvida quanto à sua fidelidade eclesial, reconhece a validade da sua ordenação episcopal e a ortodoxia de sua fé<sup>402</sup>.

Com base nos dados históricos, Cirilo deve ter falecido em 18 de março de 387, com a idade de 70 a 72 anos, depois de 37 a 38 anos de episcopado, dos quais um terço ou mais foram passados em exílio. Foi sucedido por João. No quinto século é canonizado pela Igreja oriental. Em 1882, o papa Leão XIII o proclama doutor da Igreja<sup>403</sup>.

Como vimos até aqui, da complexidade de fatores presentes durante o episcopado de Cirilo, suas Catequeses e atitudes políticas e eclesiais, emerge uma pessoa de forte personalidade, originalidade e profundidade teológicas. Apesar das hipóteses iniciais quanto à sua postura anti-niceana, ao contrário, os textos catequéticos apresentam fidelidade à caminhada eclesial ortodoxa e um espiritualidade mística, tanto nos confrontos com as heresias e questões políticas, como diante de sua missão pastoral<sup>404</sup>.

Centrado na formação dos iniciantes na fé e na adesão a Cristo numa perspectiva sacramental, integral, mistagógica, Cirilo é nomeado por muitos como

<sup>399</sup> Neste Concílio, Cirilo estava entre os bispos mais proeminentes como Meletius, de Antioquia, Gregório de Nazianzo, bispo de Constantinopla e Timóteo, de Alexandria. Uma nota interessante para compreender a participação de Cirilo é a própria definição do Credo, pois o credo professado em Jerusalém já era bastante semelhante ao Niceno-constantinopolitano, contendo 100 das 174 palavras que foram definidas pelo Concílio para o Símbolo. Cf. DRIJVERS, op. cit., pp. 45-46.

<sup>400</sup> Ibid.

<sup>401</sup> Ibid.

<sup>402</sup> Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 14.

<sup>403</sup> Cf. DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 48; MC CAULEY e STEPHENSON, op. cit., p. 34.

<sup>404</sup> Os estudiosos indicam como uma das atitudes de Cirilo que gerou controvérsias, a venda de bens da igreja de Jerusalém para atender necessidades dos pobres. Essa atitude revela o cuidado pastoral de Cirilo, compreendendo como parte de sua missão de bispo, a atenção e solidariedade concreta com as necessidades de sua comunidade. Demonstrou, acima de tudo, uma grande liberdade de espírito a respeito de sua responsabilidade pastoral e litúrgica. Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., p. 66; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 20.

‘catequista por excelência’<sup>405</sup>, reconhecido pelos padres conciliares contemporâneos como um homem de Deus, comprometido na catequese dos estrangeiros, pagãos, iniciantes, e combatendo em todas as circunstâncias as posições arianas<sup>406</sup>.

### 2.1.2

#### A obra de Cirilo de Jerusalém e o debate quanto à autenticidade dos textos

Não podemos pensar em Cirilo sem ter em conta todo este contexto: seu nascimento, no pórtico de Nicéia, as primeiras grandes questões teológicas, os conflitos com os arianos, a constituição do Símbolo e a peculiaridade da cidade em que exerce seu episcopado: Jerusalém.

O caminho para resgatarmos seu pensamento teológico e pastoral é através de parte de sua obra, preservada e analisada por especialistas e estudiosos. É indubitável que é uma obra selada pela legítima autoridade de Cirilo, como bispo e doutor da Igreja, por sua elaboração teológica e habilidade no ministério eclesial. Seu pensamento pode ser recuperado através de suas palavras, em grande parte estenografadas por seus ouvintes e, com outras limitações quanto à disponibilidade dos códices encontrados ao longo dos anos<sup>407</sup>.

Encontramos controvérsias quanto à autoria de Cirilo sobre a totalidade dos textos a ele atribuídos – as *Catequeses Pré-Batismais*, as *Catequeses Mistagógicas*, a *Carta ao imperador Costanzo*<sup>408</sup> e o *Sermão do Paralítico*<sup>409</sup>. A

<sup>405</sup> Teodoreto, perito em história da Síria e da Palestina, julga positivamente o trabalho de Cirilo como bispo, sem discutir os particulares de sua eleição episcopal, mas confirmando seu zelo na defesa das verdades de fé e mérito na dignidade episcopal. Também os padres conciliares, contemporâneos de Cirilo, o reabilitaram das acusações que o conduziram ao exílio por 3 vezes. Além disso, no período da Reforma e Contra Reforma, seja por parte dos protestantes, como dos católicos, Cirilo foi considerado grande catequista e seguido pela originalidade de seu trabalho na Iniciação Cristã e perspectiva do sacerdócio comum dos fiéis. Cf. BONATO, A. op. cit., p. 20; RIGGI, C. op. cit., p. 18.

<sup>406</sup> Cf. RIGGI, C. op. cit., p. 9.

<sup>407</sup> Uma variedade de palavras de Cirilo foi recuperada, por meio de códices e em muitas linguagens (grego, siríaco, armênio, copta) Os principais Manuscritos encontrados e analisados pelos estudiosos são: 1. *Monacensis gr. 394* (séc. X); 2. *Ottobonianus 86* (séc. X ou XI), cópia *Vaticanus Gr 602* (séc. XVI); 3. *Neapolitanus-Vindobonensis 8* (séc. XI); 4. *Vindobonensis 55* (séc. XI ?); 5. *Bodleianus Thos. Roe 25* (séc. XI); 6. *Ottobonianus 446* (séc. XV); 7. *Coislinianus 227* (séc. XI); 8. *Marcianus gr. II* (séc. XII); 9. *Monacensis gr 278* (séc. XVI); 10. *Ottobianus 220* (séc. XVI-XVII). Cf. PIÉDAGNEL, A. op. cit., p. 51; CROSS, F. L. op. cit., p. XXXIV.

<sup>408</sup> As obras de Cirilo de Jerusalém citadas constam na Patrologia de MIGNE, J. P. *Patrologiae cursus completus*. Paris: Series Graeca, 1857-1866. Usaremos a sigla PG para esta referência.

autenticidade de Cirilo já não é discutida quanto à *Introdução* às Catequeses, as *Catequeses Pré-Batismais* e a *Carta ao imperador Costanzo*. Ainda em debate quanto à autoria está um segundo grupo de textos - o *Sermão do Paralítico* e as *Catequeses Mistagógicas*<sup>410</sup>.

A *Introdução* às Catequeses, as dezoito *Catequeses Pré-Batismais* e cinco *Mistagógicas*, somam um total de vinte e quatro conferências catequéticas. O primeiro grupo compreende o discurso introdutório e dezoito catequeses dirigidas aos candidatos para o Batismo por ocasião da Páscoa próxima, num total de dezenove *Catequeses Pré-Batismais*. Elas teriam sido pronunciadas durante a Quaresma. O segundo grupo são as cinco últimas instruções, chamadas *Catequeses Mistagógicas* e dirigidas aos neófitos (recém-batizados) na semana da Páscoa, e teriam sido pronunciadas na capela do Santo Sepulcro<sup>411</sup>. Estas cinco catequeses explicam a doutrina e a liturgia dos sacramentos da iniciação e são consideradas tesouros preciosos da liturgia do IV século<sup>412</sup>. As duas primeiras tratam do Batismo, a terceira da Confirmação, a quarta da Eucaristia e a quinta da liturgia da Celebração Eucarística.

Sendo a mistagogia o tema central de nossa pesquisa, nosso trabalho se dedicará mais de perto às *Catequeses Mistagógicas*<sup>413</sup>. Será a elas que nos dedicaremos a analisar os nuances metodológicos e teológicos, como também a organização e a sistematização desta etapa do catecumenato primitivo<sup>414</sup>. No

---

<sup>409</sup> A *Carta ao Imperador Costanzo* (PG 33,1165-1176) narra a aparição da cruz luminosa, em Jerusalém, a 7 de maio de 351, da qual foi Cirilo foi testemunha ocular. Considerada como uma confirmação, vinda dos céus, do apoio divino ao imperador e às suas campanhas contra os inimigos. A carta é um louvor a Costanzo e à centralidade de Jerusalém para o cristianismo. O segundo texto, em discussão quanto à autoria, é a *Homilia sobre o Paralítico*, (PG 33, 1131-1154) no qual o autor trabalha sobre o evangelho de Jo 5,1-18, insistindo sobre o poder de Cristo como médico da pessoa, corpo e alma. Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., pp. 16-22; DRIJVERS, J. W. op. cit., pp. 51-52.

<sup>410</sup> Cf. DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 49. Além desses trabalhos, ainda encontram-se em análise quanto à autoria, alguns fragmentos: sobre o *Cântico dos Cânticos* (parte da *Homilia sobre o Paralítico*); sobre o *milagre de Caná* (Jo 2); sobre *Palavras de Jesus sobre seu retorno ao Pai* (Jo 16,8); o *Discurso sobre o encontro do Senhor com Simeão*; uma *Cronologia*. Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., pp. 23-25; RIGGI, C. op. cit., p. 9.

<sup>411</sup> Cf. QUASTEN, J. op. cit., p. 404; PIÉDAGNEL, A. op. cit., pp. 14-15; DANIÉLOU, J. op. cit. p. 27; FIGUEIREDO, F. op. cit., p. 15.

<sup>412</sup> Cf. DRIJVERS, W. L. op. cit., p. 53.

<sup>413</sup> Cf. QUASTEN, J. op. cit., pp. 403-405; FOLCH GOMES, C. op. cit., p. 225; DANIÉLOU, J. op. cit., pp. 20-21.

<sup>414</sup> Segundo J. Daniélou, as Catequeses Mistagógicas são os documentos mais importantes para a teologia do culto, mas não são os únicos, já que em diversas obras encontramos passagens relacionadas com a mistagogia e os sacramentos. Por exemplo, em *De Trinitate*, de Dídimo, no *Tratado do Espírito Santo*, de Basílio, referindo-se principalmente aos sacramentos e ao ciclo litúrgico. Cf. DANIÉLOU, J. op. cit., p. 27.

entanto, teremos presente o diálogo com as primeiras dezenove Catequeses de Cirilo, a fim de melhor compreendermos a teologia subjacente e a metodologia desse grande Padre da Igreja no processo de Iniciação Cristã de Adultos.

Sobre a autoria das *Catequeses Mistagógicas* muitos estudos já foram realizados, por diversos especialistas. A questão surgiu no século XVI, quando se inicia o debate de que as catequeses possam ter sido atribuídas a Cirilo de Jerusalém erroneamente<sup>415</sup>. As hipóteses versam sobre algumas diferenças encontradas entre as dezenove primeiras *Catequeses* e as cinco *Mistagógicas*. São analisadas diferenças quanto ao estilo e linguagem<sup>416</sup>, desenvolvimento teológico, metodologia, diferenças entre os ritos litúrgicos e quanto ao período de compilação das mesmas<sup>417</sup>.

Sabemos que Cirilo pronunciou suas Catequeses, mas não que as tenha publicado. Os textos foram preservados devido a fiéis que faziam pequenas anotações enquanto ele pregava. Estas não foram revisadas pessoalmente por Cirilo<sup>418</sup>. O fato concreto é que não foram encontradas anotações pessoais de Cirilo, ou mesmo revisão dos textos anotados por fiéis, e sim manuscritos que contêm variações entre eles, quanto ao estilo, citações bíblicas e desenvolvimento teológico. Esta já é uma grande dificuldade para compreender os manuscritos, em suas extensas variações<sup>419</sup>.

A teologia presente nas últimas *Homilias Catequéticas*, principalmente 16 e 17 e nas *Catequeses Mistagógicas* pressupõe uma pneumatologia mais desenvolvida, assim como os conteúdos referentes à Eucaristia, ao Pai Nosso, à unção do Crisma. São argumentos esperados nos anos 390 e não 40 anos antes<sup>420</sup>.

Uma das fortes hipóteses sobre a autoria das *Catequeses Mistagógicas* é a de que poderiam ter sido proferidas por João de Jerusalém, bispo e seu sucessor na cátedra. Neste caso, elas poderiam ter sido escritas ou compiladas por João,

<sup>415</sup> Cf. DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 15.

<sup>416</sup> Cf. QUASTEN, op. cit., p. 405.

<sup>417</sup> W.K Reischl e J. Rupp, A. Piédagnel, Salaville, E. Yarnold e G. Bardey atribuem as Catequeses Mistagógicas a Cirilo; já Th. Schermann, W.J.J. Swanns, M. Richard e W. Telfer atribuem a João de Jerusalém. A posição de Quasten é de que Cirilo as pronunciou e João as revisou. Cf. SAXER, V. op. cit., pp. 20-33; TELFER, W. op. cit., pp. 39-42; PIÉDANEL, A. op. cit., p. 28.

<sup>418</sup> BARBISAN, E. In: CIRILLO DI GERUSALEMME. *Le catechesi*. Versão, introd. e notas de E. BARBISAN, E. São Paulo: Paulinas, 1966, p. 19.

<sup>419</sup> Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., pp. 2-3.

<sup>420</sup> *Ibid.*, p. 4; TELFER, W. op. cit., p. 40

mas tendo como fonte primordial as primeiras dezoito Catequeses, seu eixo e fundamentação teológica<sup>421</sup>.

Os manuscritos não possuem evidências a favor de Cirilo. O mais antigo, *Codex Monacensis 394*, menciona João como autor e há outros - *Ottobonianus 86 e 446*, *Monacensis 278* e *Vaticanus 602* -, que mencionam ambos, Cirilo e João<sup>422</sup>. Nenhum manuscrito nomeia Cirilo como único autor.<sup>423</sup> As análises também não chegam a uma definição pela autoria apenas de João.

Um dos fortes argumentos a favor da paternidade ciriliana é de que os textos que chegaram às mãos dos estudiosos, não seriam da metade do séc. IV e sim do final da vida de Cirilo, entre 383 e 386<sup>424</sup>. Há estudiosos que sublinham as similaridades entre os dois grupos de textos, tanto no que concerne à teologia, como estilo e espiritualidade. Acreditam que as diferenças que provocam o debate podem ser atribuídas à própria evolução do pensamento de Cirilo. Neste caso, os manuscritos não seriam decisivos para negar a paternidade ciriliana do segundo grupo de textos, as *Catequeses Mistagógicas*. O próprio João de Jerusalém pode ter usado das notas de Cirilo em suas conferências, e por isso, os manuscritos o citarem como autor das mesmas<sup>425</sup>.

Considerando os aspectos quanto à avançada teologia presente em algumas conferências e as diferenças de estilo e linguagem, convida-se a deixar aberta a datação, abrangendo o período da segunda metade do século IV. Dessa forma, pode-se abraçar tanto a possibilidade de que o próprio Cirilo tenha registrado anotações que expressam um novo momento de sua reflexão litúrgica e teológica, como a possibilidade de que João de Jerusalém seja o autor ou parceiro de Cirilo, nas *Catequeses Mistagógicas*.

O debate que vem percorrendo cinco séculos aponta para um consenso entre os estudiosos mais recentes, de que não se encontra na tradição manuscrita um respaldo suficiente para negar a autoria de Cirilo. Por outro lado, uma prova

<sup>421</sup> Cf. TELFER, W., op. cit., p. 39; RIVAS, op. cit., p. 9; DRIJVERS, J.W. op. cit., p. 59-62; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 33.

<sup>422</sup> Cf. FIGUEIREDO, F. op. cit., p. 18; TELFER, W. op. cit., 39; DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 59-62; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 33.

<sup>423</sup> Yarnold argumenta que a diferença de estilo entre os dois trabalhos possa ser explicada pelo fato de que as primeiras conferências foram anotadas por ouvintes, e as demais, provenientes de notas de Cirilo. Possivelmente ele mesmo teria expandido suas notas e aprofundado suas idéias teológicas. Cf. RIVAS, op. cit., p. 9; DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 59.

<sup>424</sup> Cf. DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 60.

<sup>425</sup> Ibid., p. 60-61.

irrefutável, que legitime a autoria de Cirilo, ou de João, ainda não foi localizada e, provavelmente, não o será<sup>426</sup>.

Até o século XVI, Cirilo foi considerado seu autor, sem contestação, e ainda não foi encontrada uma prova que recolha a unanimidade dos especialistas a ponto de afirmarem que não sejam de sua autoria. Elas alcançaram reconhecimento por sua elevada qualidade teológica, espiritual, estilística e também pela excelente visão que transmitem da prática litúrgica e dos ensinamentos da fé cristã da época<sup>427</sup>.

Enfim, o que é fundamental para o nosso estudo se mantém preservado, independente do debate quanto à paternidade de Cirilo o valor apologético das cinco *Catequeses Mistagógicas*, mesmo que não de sua autoria, refletem o pensamento da Igreja de Jerusalém ao fim do século IV e, teologicamente, o próprio pensamento do próprio Cirilo<sup>428</sup>.

### 2.1.3

#### O processo da Iniciação Cristã nas Catequeses Pré-Batismais

Antes de dialogarmos propriamente com as *Catequeses Mistagógicas*, vejamos algumas considerações sobre as *Catequeses Pré-Batismais*, a fim de melhor compreendermos e nos situarmos na obra posterior. Elas constituem uma parte central na obra de Cirilo de Jerusalém. Foram pregadas durante a quaresma, na primavera de 348, na basílica do Santo Sepulcro.

Já vimos até aqui o contexto da Igreja de Jerusalém no que concerne à questão política, administrativa e teológica, no período do século IV, em que Cirilo desenvolveu seu ministério episcopal. Vejamos agora, o contexto próprio da instituição catecumenal que começava a se organizar e a encontrar uma sistematização.

A sistematização do catecumenato pode ser atestada, a partir do século III, pela *Tradição Apostólica*, de Hipólito de Roma. Contudo, será no século seguinte que encontraremos os principais documentos sobre o catecumenato, contendo orientações quanto aos conteúdos e métodos, como também para a dimensão

<sup>426</sup> Ibid.

<sup>427</sup> Cf. DROBNER, H. R. *Manual de Patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2003, pp. 309-310.

<sup>428</sup> Cf. BARBISAN, E. op. cit., p. 18.

litúrgica e comunitária indissolúvelmente presentes naquela visão de catequese. Os principais documentos que refletem tal práxis são: As *Catequeses*, de Cirilo de Jerusalém (±348-351); as *Homilias Catequéticas*, de Teodoro de Mopsuéstia (±388-428); as *Catequeses batismais*, de João Crisóstomo (±388-397); os *Tratados sobre os Sacramentos e os Mistérios*, de Ambrosio de Milão (±380-397); os *Discursos Catequéticos*, de Gregório de Nissa (±388-396) e *A Instrução dos Catecúmenos*, de Agostinho (±413-426)<sup>429</sup>.

Em suas grandes linhas, podemos observar que a formação propriamente catecumenal se realizava mediante a catequese bíblica, centrada na narração de História da Salvação; a preparação imediata ao Batismo, por meio da catequese doutrinal, que explicava o Símbolo Apostólico e o Pai Nosso, recém entregues, com suas implicações morais; e a etapa que sucedia os sacramentos de iniciação, mediante a catequese mistagógica, que ajudava a interiorizar tais sacramentos e a incorporar-se na comunidade.

Através dos documentos encontrados, temos notícia de que se iniciava um processo catequético elaborado com primor pelos Padres da Igreja. Podemos afirmar que os textos denotam o desenvolvimento de certo gênero literário<sup>430</sup> ao qual Cirilo corresponde e também colabora como pastor, místico e teólogo de seu tempo.

A partir das próprias *Catequeses Pré-Batismais*, podemos ter uma orientação do que seria o modelo catecumenal deste período, assim como o modelo religioso e litúrgico que se configuravam com tanto primor<sup>431</sup>. Elas marcam um itinerário no qual a pregação da mensagem cristã está orientada para a compreensão dos fiéis, a adesão e mudança de vida, a partir de uma relação essencial entre catequese, liturgia e Palavra de Deus.

Através da exposição das catequeses, os fiéis recebiam um verdadeiro sistema doutrinário. Em Jerusalém, por exemplo, a exposição do Credo era

<sup>429</sup> Neste desenvolvimento teológico-literário, os textos de Cirilo ocupam lugar privilegiado no século IV e, em ordem cronológica, é o primeiro a ser encontrado. Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 45; YARNOLD, E. *The awe inspiring rites of initiation*. op. cit., Introd. p. IX; BOLLIN, A. e GASPARINI, F. op. cit., p. 50; LOPES, J. Catecumenato. op. cit., p. 106; Cf. SANTANA, L. F. R. *Batizados no Espírito, A experiência do Espírito Santo nos Padres da Igreja*. São José dos Campos: COMDEUS, 2000, p. 15.

<sup>430</sup> No mesmo gênero literário, catequético, encontramos ainda, no IV e V séculos, textos de Cromazio de Aquília e Niceta di Remesiana e, no VI século, de Severo de Antioquia e Cesário de Arles. Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., pp. 45-46; DRIJVERS, W. L. op. cit., p. 54.

<sup>431</sup> Cf. HAMMAN, A. op. cit., p. 211.

minuciosamente trabalhada durante todo o período da Quaresma<sup>432</sup>. Este fator doutrinário era cuidadosamente ligado ao período litúrgico, com ritos de acolhida, proposta de mudança de vida, exorcismos, testemunhos e acompanhamento individual e comunitário dos iniciantes na fé. A Iniciação Cristã que ali se configurava era, para nossa compreensão, marcadamente mistagógica. Mais adiante, veremos passo a passo como essa relação foi construída.

As *Catequeses Pré-Batismais*, como o próprio nome faz referência, eram voltadas para aqueles que buscavam a Iniciação Cristã, e que se inscreviam para os sacramentos. Estas Catequeses também são conhecidas como “aos iluminandos”, porque eram endereçadas aos catecúmenos que se preparavam para receber a graça, ou a “iluminação”, do Batismo<sup>433</sup>.

Cirilo anuncia aos “iluminandos” a imensa dignidade e profundo mistério que consiste o caminho em direção ao Batismo.

*Considera quão grande é a dignidade que Jesus te doa. Te chamavam catecúmeno, que ressoava em torno de ti; ouvias falar de esperança, mas não a vias, ouvias celebrar os mistérios, mas sem compreendê-los; ouvias as Escrituras, mas sem entender sua profundidade. Estes sons, agora, não ressoarão mais fora de ti, mas internamente. De fato, o Espírito que habita em ti faz agora, da tua mente, uma morada divina<sup>434</sup>. (PCat. 6)*

A admissão ao processo passava por uma apresentação da parte de um responsável, que poderia ser um parente próximo ou alguém da própria comunidade. Esta apresentação era dirigida e acolhida pelo bispo local, num ritual de imposição de mãos e oração.

A esta primeira aproximação e compromisso assinalado diante da comunidade local seguia-se o processo catecumenal, com a participação nas homilias catequéticas, exortações, rituais e mudanças na própria vida, preparando-se para assumir a vida nova pelo Batismo.

Em sua primeira Catequese, chamada *Preliminar* ou *Introdução às Catequeses Pré-Batismais*, Cirilo fala das disposições necessárias para a preparação batismal e orienta os fiéis a experimentarem o jejum, a penitência e a

<sup>432</sup> A Profissão de fé era um sinal da identidade das comunidades cristãs, de tal maneira que quem a professava poderia ser considerado cristão, ou seja, professava o reto parecer da ortodoxia. Cf. ELORRIAGA, C. op. cit., p. 29.

<sup>433</sup> Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 26.

<sup>434</sup> Os trechos das Catequeses Pré-Batismais apresentados neste trabalho são da edição crítica de MAESTRI, G. e SAXER, V. In: CIRILLO E GIOVANNI DI GERUSALEMME. *Catechesi Prebattesimali e mistagogiche*. Milano: Pauline, 1994.

confissão dos pecados, expressando o verdadeiro compromisso e vontade de mudar sua situação existencial<sup>435</sup>.

A essa fase segue-se a verdadeira preparação catequética, com dezoito homilias, nas quais Cirilo se dedica à fé cristã e suas fontes - A Sagrada Escritura e a Tradição -, transcorrendo temas centrais da fé cristã e detendo-se pormenorizadamente nos artigos do Credo<sup>436</sup>. Nas duas primeiras, Cirilo fala sobre o compromisso que será assumido, sobre a renúncia ao pecado e a necessidade da Penitência. Na terceira, trata do Batismo e seus efeitos. Na quarta, ele faz uma exposição complexa sobre a doutrina cristã, expondo as principais verdades dogmáticas. Estas serão retomadas, mais detalhadamente, nas homilias seguintes, que versam sobre o Credo. Da quinta à décima-oitava Catequese, Cirilo trabalha sobre os artigos do Credo<sup>437</sup>, sempre fundamentando cada passo na Sagrada Escritura, explicitando a linha de continuidade entre Antigo Testamento e Novo Testamento.

As *Catequeses Pré-Batismais* são precedidas de uma leitura bíblica. O vínculo Sagrada Escritura-Tradição é estabelecido desde esse primeiro momento. É o próprio Deus que fala e a Igreja é a mediação da Palavra de Deus. Os fiéis recebem da Igreja o que devem crer, a Sagrada Escritura é o fundamento desta fé<sup>438</sup>.

*Sois já discípulos da nova Aliança e partícipes dos mistérios de Cristo, agora, por vocação, mas em pouco tempo também como um dom: 'forjai em vós um coração novo e um espírito novo' para que se alegrem os moradores do céu. (C. 1,1; ref. Ez 18,31)*

Cirilo apresenta os ensinamentos da fé cristã com a reverência de quem transmite os santos mistérios, sempre fundados nas Escrituras e, impossíveis de serem compreendidos se prescindimos do texto sagrado<sup>439</sup>. Cirilo está seguindo um método no seu trabalho como orientador e teólogo, em que é a própria Escritura que fala, que revela os conteúdos, numa teologia fundada na iniciativa

<sup>435</sup> Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 26; FIGUEIREDO, F. op. cit., pp. 14-15.

<sup>436</sup> Cf. FIGUEIREDO, F. op. cit., pp. 12-13.

<sup>437</sup> Cf. TELFER, W. op. cit., p. 34.

<sup>438</sup> Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 54.

<sup>439</sup> Para uma análise dos textos bíblicos com os quais Cirilo vai tecendo suas Catequeses ver o excelente trabalho de Jesús Sancho Bielsa, no qual apresenta um Índice Bíblico detalhado indicando todas as citações presentes nas Catequeses Pré-Batismais e Mistagógicas. In: CIRILO DE JERUSALÉN. *Catequesis*. introd., trad. e notas de J. S. BIELSA. Madrid: Ciudad Nueva, 2006.

Cf. RIVAS, P.L.H. op. cit., p. 9; MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., p. 5.

de Deus. Aparentemente, é o mesmo método da escola de Alexandria, de Clemente e de Orígenes, em que o processo teológico de seleção dos textos bíblicos é inspirado e iluminado por Deus, revelando verdadeiramente os conteúdos doutrinários<sup>440</sup>.

Ainda na trajetória da escola de Alexandria, observamos em Cirilo uma postura filosófico-metodológica diante do fenômeno gnóstico<sup>441</sup>. O pensamento gnóstico está entre os grandes desafios<sup>442</sup> com os quais a Igreja se defronta neste período<sup>443</sup>. Cirilo, na mesma dinâmica da escola de Alexandria, não separa fé e o conhecimento, mas os integra com o liame da própria Palavra de Deus. Anuncia que ali estão as bases sólidas do verdadeiro conhecimento, pois este vem das Escrituras<sup>444</sup>.

Nesse período inicial do catecumenato primitivo, como preparação para os Sacramentos de Iniciação, Cirilo coloca as bases da fé, dialoga com os argumentos próprios de seu tempo, provenientes de culturas pagãs, das religiões politeístas, das heresias com as quais se convive. O Credo, explicado artigo por artigo, a partir de sua base bíblica, é confiado pela Igreja, pela Tradição apostólica aos novos fiéis. Por isso mesmo, percebemos nas Catequeses uma força dogmática e o convite à adesão incondicional do discípulo à Profissão de Fé, que ele passa a compreender, acolher no seu coração e orientar sua própria vida<sup>445</sup>.

<sup>440</sup> Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., p. 5.

<sup>441</sup> A gnose era uma espécie de conhecimento superior, adquirido de modo direto, intuitivo, que buscava respostas para todos os problemas que angustiam a pessoa humana. Desenvolve-se nos primeiros séculos. Tratava-se fundamentalmente de uma doutrina de salvação que incorporava elementos mais antigos e se desenvolveu paralelamente e em oposição ao cristianismo. Seu principal interesse era explicar o mal o mundo, a situação do homem nele e a possibilidade de salvação. Alguns princípios em comum estão presentes nas diversas correntes do pensamento gnóstico: a maldade da matéria e da carne, a infelicidade do homem, prisioneiro do seu próprio corpo, a existência de uma alma inferior e manchada pelo pecado e de uma alma superior, celestial. Em suma, um dualismo firmado no distanciamento radical entre estas duas dimensões. Cf. DROBNER, H. R. op.cit., pp. 111-113

<sup>442</sup> Entre os séculos II e IV, a Igreja se vê diante de correntes religiosas que se esforçam para exercer uma espécie de sedução sobre os homens de seu tempo: a gnose, sob formas diversas, e as religiões do mistério. Cf. JEDIN, H. *Manual de Historia de la Iglesia*. Barcelona: Herder, 1966, 369-380; FIGUEIREDO, F. op. cit., pp. 10-11.

<sup>443</sup> O termo gnosticismo é derivado do termo grego *gnôsis*, que significa conhecimento revelado. O movimento surgiu a partir das filosofias pagãs anteriores ao Cristianismo, que floresciam na Babilônia, Egito, Síria e Grécia (Macedônia). Algumas evidências sugerem que uma forma incipiente de gnosticismo surgiu na era apostólica e foi o tema de várias epístolas do Novo Testamento no combate a essas heresias (I João; epístolas pastorais). A maior polêmica contra os gnósticos apareceu, entretanto, no período patrístico, com os escritos apologeticos de Irineu (130-200), Tertuliano (160-225) e Hipólito (170-236). Cf. ALTANER, B. e STUIBER, A. *Patrologia*. São Paulo: Paulinas, 1972, pp. 156-178.

<sup>444</sup> Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., pp. 6-9.

<sup>445</sup> Cf. RIVAS, P. L. H., op. cit, p. 12.

*Este sumário da fé não foi composto pelos homens arbitrariamente, mas foram selecionadas de toda a Escritura as afirmações mais importantes, que compõem e oferecem o conteúdo de uma única doutrina de fé (...) Assim, pois irmãos, considerem e conservem as tradições que agora recebeis, gravando-as na profundidade do vosso coração. (C. V,12)*

O Credo é explicado por Cirilo não como um ensinamento doutrinal, mas com o duplo fundamento que integra a fé e a vida, seguido de exortações a libertar-se de tudo que pode comprometer a integridade da Profissão de Fé<sup>446</sup>.

*A natureza do culto divino consta de dois elementos: os sagrados dogmas e as boas obras, e nem a doutrina sem as boas ações é agradável a Deus, nem Deus aceita as obras prescindindo das crenças religiosas. (C. IV,2).*

A fé pedida ao catecúmeno é caracterizada por uma relação com Deus, com os homens à luz de Deus, aderindo às verdades reveladas com a própria vida, de forma existencial, cotidiana. É na relação com Deus que a graça concedida vai operando as mudanças e configurando a própria vida no caminho do seguimento de Jesus<sup>447</sup>.

O Credo é a Profissão de Fé, é ato performativo, e por isso mesmo deve ser professado solenemente diante da comunidade, em sinal de compromisso que transforma a vida e a configura de acordo com as afirmações de fé proferidas. Além disso, é profissão comunitária, é compromisso vivido na unidade, na comunhão e na correção fraternas. Não se crê sozinho, se crê em Igreja, em comunidade eclesial, em participação com todo o Povo de Deus.

O relacionamento com Deus é algo dinâmico, processual, em que o pecado e a salvação são duas faces do mesmo Mistério, numa tensão que vai convidando o fiel, aberto ao Mistério do qual participa, a deixar-se envolver existencialmente numa orientação soteriológica.

*Escuta o que diz o salmista: Que grande é tua bondade, Senhor! (Sl 31,2) Teus pecados acumulados não vencem a imensa misericórdia de Deus. Tuas feridas não podem mais do que a experiência do médico supremo. Entrega-te sinceramente a ele com fé; indica-lhe tua enfermidade. (C.II,6)*

---

<sup>446</sup> Ibid.

<sup>447</sup> Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 53.

Em Cirilo, a proposta cristã está mergulhada no Mistério da Redenção, a Cruz está no centro da história bíblica e, em certo modo, cósmica<sup>448</sup>.

*Estendeu suas mãos na cruz para abarcar os confins do mundo. (...) E, não é minha palavra, mas do profeta que disse: 'Autor da salvação no meio da terra'.(Sl 74,12) (C. XIII,28)*

A Profissão de Fé torna-se uma exortação à conversão concreta, à mudança de vida, ao testemunho através das obras, da moral, das escolhas cotidianas. Os artigos da fé e os preceitos morais estão em absoluta relação: a fé e a vida; a doutrina e a prática cristã. Os conteúdos são expostos como riqueza e dom de Cristo que, pela força da fé professada, e pela graça batismal, tornam-se vida nova para o fiel. Na quarta Catequese Pré-Batismal, Cirilo dedica-se ao edifício dogmático da Igreja em seu tempo, ao *fides quae*, exortando aos fiéis a colocarem os dogmas da fé na própria alma, a fim de não caírem nos erros e vícios da idolatria e heresias.

*Se alguém grava bem em seu interior a doutrina de que Deus é o princípio único e crê nele de coração, impedirá o atropelo e o ímpeto dos vícios da idolatria e dos erros dos hereges. Portanto, coloca pela fé este primeiro dogma na tua alma. (C.IV, 6)*

O Sacramento do Batismo é apresentado não como um rito sacramental de salvação, mas como uma etapa fundamental da iniciação do fiel a um processo de consciência do Mistério da salvação e sua progressiva inserção neste Mistério<sup>449</sup>. A palavra encontrada nos textos originais é *kairós*, o que indica que, para Cirilo, o momento do Batismo é tempo oportuno de salvação.

*Pela fé sincera da alma prepara os vasos limpos para receber o Espírito Santo. (...) Pois o esposo chama a todos sem distinção, já que se trata de uma graça abundante. Todos são reunidos pelo chamado em alta voz de quem faz o anúncio. (C. III,2)*

*Também tu, descendo à água, e sepultado em certo modo nela, como Jesus no sepulcro, serás ressuscitado para uma vida nova.(C.III,12)*

A dinâmica salvífica Morte-Ressurreição é experimentada pelo Sacramento do Batismo. O Mistério Pascal de Jesus é um novo princípio vital, ao qual todos os fiéis são chamados a participar. Para a vida cristã, essa dinâmica

<sup>448</sup> Ibid., p. 64.

<sup>449</sup> Ibid., p. 79.

reorienta seus princípios e escolhas, implementando um novo componente ético que, para o fiel, é muito mais do que uma consequência lógica. É a libertação processual do pecado, pela ação da Graça de Jesus Ressuscitado no homem, que possibilita atitudes coerentes com a dignidade a que é chamado a viver.

Cirilo conclui sua série de *Catequeses Pré-Batismais* com 2 catequeses sobre o tema do Espírito Santo e uma sobre o tema da Igreja. A densa pneumatologia presente nestas Catequeses é um forte testemunho da consciência teológica da Igreja sobre o Espírito Santo<sup>450</sup>.

Para nossa breve reflexão, acentuamos a continuidade que Cirilo estabelece com relação aos temas anteriores, coroando a orientação catecumenal com a presença do Espírito Santo, o Paráclito, o Consolador, o Espírito de Jesus que atua de modo adequado em cada pessoa, que a todos ilumina e inspira a consciência e as atitudes.

*O Espírito opera de modo apropriado em cada um e, estando entre nós, vê a situação de cada um. Vê os nossos pensamentos e nossa consciência, o que dizemos e o que pensamos. (C.XVI, 22)*

*Se chama Paráclito porque consola, fortalece com suas exortações e nos ajuda em nossa debilidade (...)(C.XVI, 20)*

O mesmo Espírito, presente na história da humanidade, no Antigo Testamento – desde a Criação, passando por sua presença junto aos Patriarcas e Profetas -, como no Novo Testamento – desde a Encarnação, junto ao próprio Jesus – se faz movimento, força e vigor na comunidade apostólica e na Igreja. Dessa forma, ele retoma o tema que mobiliza todo o processo catecumenal, a Iniciação Cristã, o desejo de participar do seguimento de Jesus na comunidade eclesial, pelo Sacramento do Batismo.

*Pois o Espírito Santo não vem proferido com a língua, mas alguém vivo, que nos concede a capacidade de falar com sabedoria, sendo ele mesmo quem fala e ensina. (C. XVI, 13)*

*Para cada um o Espírito opera de modo adequado e, estando no meio de nós, vê as disposições de cada um. Vê também nossos pensamentos e a nossa consciência, o que dizemos e o que pensamos. Grande é isto que acabo de dizer e, todavia, é ainda pouco. (C.XVI,22)*

As *Catequeses Pré-Batismais* trazem o testemunho de um processo de Iniciação Cristã com grande riqueza doutrinal e fecundidade pastoral, centrado

---

<sup>450</sup> Cf. SANTANA, L. F. R. *Batizados no Espírito*. op. cit., p. 43.

prioritariamente na Sagrada Escritura. Esta é a base das homilias de Cirilo, inclusive para a transmissão da Profissão de Fé. Sua metodologia reúne a contemplação dos fatos e mensagens da Sagrada Escritura, a reverência ao Mistério no qual serão inseridos pelo Batismo, e o convite à acolhida livre e compromissada da dinâmica desse Mistério de Salvação na vida pessoal.

Vejamos a seguir as *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém, através de uma leitura atenta às suas palavras, à forma como conduz os neófitos nos caminhos do seguimento de Jesus Cristo e na inserção progressiva desse processo na vida pessoal, comunitária e social.

## 2.2

### O caminho mistagógico nas *Catequeses Mistagógicas*

As *Catequeses Mistagógicas* orientavam-se à instrução dos neófitos, como um percurso de introdução à fé, incluindo o catecumenato e a instrução batismal<sup>451</sup>. As *Catequeses Mistagógicas* são um valioso testemunho de como a Igreja, no final do século III e início do século IV, vivenciava este período catecumenal, do desenvolvimento alcançado pela consciência dogmática eclesial, e a imprescindível relação entre a catequese e liturgia no processo de Iniciação Cristã. Cirilo de Jerusalém, em unidade com os seus contemporâneos<sup>452</sup>, considerava a mistagogia como um tempo forte e determinante para o conhecimento e para a adesão à fé e privilegiava o trabalho de iniciação à vida cristã.

Nossa metodologia será, num primeiro momento, procurar ‘ouvir’ Cirilo falar, no sentido de entrarmos em sintonia com seu tempo, o contexto em que as *Catequeses* acontecem, tanto no sentido sócio-cultural, como no sentido catecumenal e litúrgico. Estamos cientes de que a distância histórica e ausência de documentos precisos sobre as *Catequeses* são fatores limitadores de nossa ‘audição’. No entanto, acreditamos que esse processo é o único que pode nos conduzir pela mão, de maneira mistagógica, também a nós, pelos caminhos que

<sup>451</sup> Cf. *DGC*, n. 88.

<sup>452</sup> Cirilo não é o único conhecido pelas *Catequeses Mistagógicas*, no IV séc. Há também conferências sobre os mistérios por Ambrosio, João Crisóstomo e Teodoro de Mopsuestia. Cf. DRIJVERS, J. W. op. cit., p. 92; YARNOLD, E. *The awe inspiring rites of initiation*. op. cit., Introd. p. IX.

Cirilo orienta seus neófitos e, dessa forma, inspirados em Cirilo, cultivarmos um caminho catecumenal-mistagógico para nosso tempo.

Nosso segundo momento será de dialogarmos com Cirilo, através de um processo hermenêutico voltado para a compreensão de seu pensamento teológico e de seu eixo como formador, do ponto de vista pastoral e pedagógico<sup>453</sup>.

Vejamos passo a passo, como Cirilo<sup>454</sup> orientava este processo, quais os aspectos que julgava relevantes, como articulava a evangelização com a liturgia, com o processo de adesão e conversão e com a própria comunidade<sup>455</sup>.

A catequese mistagógica pressupunha as etapas anteriores e a dimensão da graça sacramental dos sacramentos de iniciação - Batismo, Confirmação e Eucaristia -, recebidos na vigília pascal. Era uma nova etapa catequética e sacramental, delimitada pela oitava pascal e que poderia estender-se até Pentecostes. Compreendia-se que os neófitos, renovados em seu espírito, assimilavam mais profundamente os mistérios da fé e os sacramentos da Igreja, experimentando quão “suave é o Senhor”<sup>456</sup>. (Mt 11,30)

Nas cinco *Catequeses Mistagógicas*<sup>457</sup>, Cirilo de Jerusalém adota o método da exposição popular, em linguagem simples e clara, viva e fervorosa, bem adaptada às necessidades intelectuais ou morais de seus ouvintes e, por isso mesmo, muito prático e objetivo<sup>458</sup>.

Em nossa metodologia de trabalho privilegiamos as edições críticas de A. Piédagnel, G. Maestri e V. Saxer e C. Riggi<sup>459</sup>, levando também em consideração

<sup>453</sup> Cf. ARAÚJO, J. M. Análise teológica das catequeses mistagógicas de São Cirilo de Jerusalém. In: *Fragmentos de Cultura*. Vol. 13, n. 4. Goiania: UCG, 2003, p. 774.

<sup>454</sup> Para efeitos de elaboração teológica, citaremos o próprio Cirilo de Jerusalém como teólogo que elabora, orienta e está subjacente às Catequeses Mistagógicas, salvando as observações sobre a autoria já apresentadas na seção anterior.

<sup>455</sup> Cf. ARAÚJO, J. M. op. cit., p. 778.

<sup>456</sup> Texto bíblico citado pelos Padres da Igreja ao se referirem ao encontro mistagógico entre Deus e o homem, como experiência inefável e de profunda integração com a própria vida. Cf. MISTRORIGO, A. Mistagogia. In: *Dizionario Liturgico-pastorale*, EMP, 1977, pp. 1104-1106.

<sup>457</sup> A data na qual as Catequeses Mistagógicas foram pronunciadas também divide os especialistas. Yarnold atribui a datação a 30 a 40 anos depois das Batismas; Telfer, ao contrário, acredita que foram pronunciadas antes de 350; já Rivas supõe a datação no ano de 350 ou pouco antes. Cf. RIVAS, J. J. op. cit., p. 9; TELFER, W. op. cit., p. 39; BONATO, A. op. cit., p. 21.

<sup>458</sup> Cf. FIGUEIREDO, F. Introdução. In: CIRILO DE JERUSALEM, *Catequeses Mistagógicas*. Trad. F. VIER, introd. e notas F. FIGUEIREDO. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 18.

<sup>459</sup> PIÉDAGNEL, A. In: CYRILLE DE JÉRUSALEM. *Catéchèses Mystagogiques*. Paris: Du Cerf, 1966; RIGGI, C. In: CIRILLO DI GERUSALEMME. *Le Catechesi*. Roma: Città Nuova, 2ª. Edição, 1997 e MAESTRI, G. e SAXER, V. In: CIRILLO E GIOVANNI DI GERUSALEMME, *Catechesi Prebattesimali e mistagogiche*. Milano: Pauline, 1994. Nesta última edição os autores atribuem a autoria das Catequeses Mistagógicas a João de Jerusalém. Contudo, mesmo tendo,

as observações de outras edições críticas pesquisadas<sup>460</sup>. As citações das próprias *Catequeses Mistagógicas* serão do trabalho do Frei F. Vier<sup>461</sup>, em português, contudo, estabelecemos uma análise comparativa com o texto grego disponibilizado por F.L.Cross<sup>462</sup>.

## 2.2.1

### Primeira Catequese Mistagógica aos Recém-Iluminados

Vejamos como Cirilo inicia sua Primeira Catequese Mistagógica de forma simples, acolhedora e centrada no Mistério Pascal, do qual os ouvintes já participam:

*Desde há muito tempo desejava falar-vos, filhos legítimos e muito amados da Igreja, sobre estes espirituais e celestes mistérios. Mas como sei bem que a vista é mais fiel que o ouvido, esperei a ocasião presente, para encontrar-vos, depois desta grande noite, mais preparados para compreender o que se vos fala e levar-vos pelas mãos ao prado luminoso e fragrante deste paraíso. Além disso, já estais melhor preparados para apreender os mistérios todo-divinos que se referem ao divino e vivificante batismo. Uma vez, pois, que vos proporemos uma mesa com doutrinas de iniciação perfeita, é necessário ensinar-vos com precisão, para penetrardes o sentido do que se passou convosco nesta noite batismal.( CM I,1)*

As palavras iniciais são ternas e sábias, de quem conhece o processo de amadurecimento na Iniciação Cristã e, como um pai ansioso que esperava o

---

nossa pesquisa, chegado a uma hipótese diferente, não podemos abrir mão da excelência de sua pesquisa e comentários.

<sup>460</sup> CIRILO DE JERUSALÉN. *Catequesis*. Edición y notas de C. ELORRIAGA. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1991; CIRILO DE JERUSALÉN, *Catequesis*. Tradução do grego e introdução por P. H. RIVAS. Buenos Aires: Paulinas: 1985; CIRILO DE JERUSALÉN. *Catequesis*. Introdução, tradução e notas de J. S. BIELSA. Madrid: Ciudad Nueva, 2006; CYRIL OF JERUSALEM AND NEMESIUS OF EMESA. Tradução e notas de W. TELFER. London: SCM Press LTD, 1955; CIRILLO DI GERUSALEMME. *Le catechesi*. Versão, introdução e notas de E. BARBISAN. São Paulo: Paulinas, 1966; CIRILLO. *Le catechesi*. Traduzione e note del. Sac. Dolt G. CARRARO, Tipografia commerciale editrice Vicenza, 1942.

<sup>461</sup> Diante das muitas edições críticas e traduções analisadas, presentes em nossa bibliografia, a escolha pela tradução em português, não apenas é uma escolha com base em nossa redação, mas também devido à proximidade com o texto grego. Depois da tradução de A. Piédagnel, observamos que o trabalho de F. Vier é o mais próximo do texto grego. Nas demais traduções encontradas, encontramos algumas expressões-chave modificadas e omissões que, a nosso ver, podem prejudicar a análise do trabalho de Cirilo de Jerusalém. Cf. CIRILO DE JERUSALEM, *Catequeses Mistagógicas*. Trad. F. VIER, introd. e notas F. FIGUEIREDO. Petrópolis: Vozes, 2004.

<sup>462</sup> A fonte grega com a qual trabalhamos está disponibilizada em CROSS, F. L. In: CYRIL OF JERUSALEM'S. *Lectures on e Christian Sacraments*. Londres: SPCK, 1951 que tem sua fonte na Patrologia Grega de J. Migne/PG.

momento certo para revelar o maior segredo<sup>463</sup>. São palavras movidas pelo coração, pelo desejo, pela emoção de quem partilha um tesouro. Não estamos diante de uma acolhida formal, mas familiar, paternal, no sentido de filiação. Ele se coloca como pai espiritual inserido em uma família, que é a Igreja. Cirilo fala de dentro da Igreja, e já inclui os neófitos, recém-batizados, na família eclesial, e no grande Mistério do qual participam.

Ainda nesta acolhida, faz menção à experiência que foi vivida na vigília Pascal, uma experiência única, de participação no Mistério de Cristo. A partir, e só depois dessa experiência sacramental, torna-se possível compreender a complexidade do Mistério vivido pelos ensinamentos, chamados de mistagógicos. Observemos que, neste pequeno parágrafo introdutório, Cirilo fala como mistagogo, como orientador espiritual que vai levar a cada um pela mão, pelo caminho maravilhoso do qual já são participantes, mesmo que não o compreendam plenamente. A expressão grega – εὐπροσαγωγότερους - *levar-vos pelas mãos*<sup>464</sup> - indica alguém que bem conduz. Cirilo predispõe seus ‘ouvintes’ a se conscientizarem de sua participação efetiva no Mistério divino, e convida-os a abrirem os ouvidos, para melhor compreenderem e poderem mergulhar mais profundamente no Mistério que lhes está sendo revelado.

O caminho mistagógico é acenado com a imagem do paraíso pleno de luz, numa referência ao projeto de Deus, onde tudo é bondade e abundância porque Deus está presente. Quando se participa e se compreende a grandeza do Mistério de Deus, é como caminhar no paraíso primeiro, origem de tudo, fecundo de vida nova.

<sup>463</sup> Cirilo pode estar referindo-se aos segredos revelados, sob a influência da disciplina do arcano, possivelmente presente naquele contexto. A disciplina do arcano tem sua origem nas religiões pagãs místicas, e crê que os mistérios não podem ser ensinados a pessoas não iniciadas, sob pena de serem profanados ou mal interpretados. Entre os estudiosos do tema a questão é bastante controversa. Para alguns não há nenhuma indicação de que a disciplina do arcano vigorava no século IV; outros afirmam que pode ter influenciado o aspecto ‘mistagógico’ presente nos Padres da Igreja. Podemos perceber em Cirilo a valorização dada às instruções mistagógicas realizadas após a experiência sacramental, no entanto, a ênfase ao temor, própria da disciplina do arcano, não está presente em suas Mistagogias. Na ProCatequese, encontramos Cirilo corrigindo uma postura de curiosidade, e convidando à experiência cristã integral: “*Que nenhum de vós entre dizendo: vamos ver o que os crentes fazem; mas, uma vez que tenha entrado, observe atentamente e procure aprender o que acontece*”. Cf. CIRILLO DI GERUSALEMME. *Catechesi Prebatesimali e Mistagogiche*. Introdução e notas de G. MAESTRI e V. SAXER. Milano: Pauline, 1994, p. 146; YARNOLD, E. *The awe inspiring rites of initiation*. op. cit., pp. 51-52; CURA ELENA, S. op. cit., p. 828; Cf. FIGUEIREDO, F. op. cit., p. 16.

<sup>464</sup> Em itálico traduziremos para o português as expressões recolhidas da fonte grega, como referência para o leitor.

Conclui esta acolhida falando do caráter pedagógico das Catequeses. O termo grego sugere a educação dedicada, atenta, acurada - ἀκριβῶς παιδεύσωμεν - ensinar-vos com precisão. São ensinamentos densos e profundos, e serão transmitidos com cuidado, a fim de que realmente possam apreender a grandeza do Mistério.

Cirilo prossegue esta *Primeira Catequese*, fazendo memória da parte inicial do ritual litúrgico do qual os neófitos participaram. A preleção recupera o local, gestos litúrgicos, renúncia a satanás<sup>465</sup> e sentido bíblico da liturgia realizada.

Nas *Catequeses Pré-Batismais* já encontramos a fundamentação eminentemente bíblica nas pregações de Cirilo. Observamos que, ele dá continuidade ao seu método catequético, não apenas partindo dos relatos bíblicos, mas sempre estabelecendo um vínculo entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento<sup>466</sup>. Nessa catequese, em particular, explicita o conceito de ‘figura’ do Novo Testamento, já antecipada no Antigo Testamento.

Entre os Padres da Igreja este método, a catequese tipológica<sup>467</sup>, que constrói a compreensão da liturgia em unidade com a História da Salvação, já estava presente<sup>468</sup>. Nas *Catequeses Mistagógicas*, assim como nas anteriores, percebemos o quanto Cirilo conhece bem esta metodologia e tem intimidade e familiaridade com o ritual litúrgico e com as narrativas bíblicas, num processo de identificação e interpretação muito bem articulados. Contudo, vale a pena observar, que Cirilo não concentra suas Catequeses neste método, usa-o pontualmente, apontando apenas algumas ‘figuras’ bíblicas presentes na liturgia no decorrer das Catequeses<sup>469</sup>.

(...) *É preciso que saibais que na história antiga há uma figura deste gesto. Quando o faraó, o mais inumano e cruel tirano, oprimia o povo livre e nobre dos hebreus, Deus enviou Moisés a tirá-los desta penosa escravidão dos egípcios.*(...)

<sup>465</sup> O termo ‘satanás’ aparece nas Catequeses sempre com inicial minúscula, por isso respeitamos a forma citada pelo autor.

<sup>466</sup> Cf. ARAÚJO, J. M. op. cit., p. 776.

<sup>467</sup> É chamada catequese tipológica porque revela a novidade de Cristo a partir de ‘figuras’ (tipos/*typos*) que a anunciavam nos fatos, palavras e símbolos da Antiga Aliança. Segundo a pedagogia divina da salvação, a significação de uma celebração sacramental encontra seu fundamento nos acontecimentos da antiga Aliança e se revela em plenitude na pessoa e obra de Cristo. Cf. ONATIBA, I. El Catecismo de la Iglesia Católica en comparación con la Sacrosanctum Concilium. La Liturgia en el Catecismo de la Iglesia Católica. In: *Phase 73*. Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1997, p. 18.

<sup>468</sup> Cf. ONATIBA, I. op. cit., p. 17.

<sup>469</sup> Cf. MAZZA, E. op. cit., pp. 173-181.

*Passai agora comigo das coisas antigas às novas, da figura à realidade. Lá Moisés foi enviado por Deus ao Egito; aqui Cristo, do seio do Pai, foi enviado ao mundo. Aquele para tirar o povo oprimido do Egito; Cristo para livrar os que no mundo são acabrunhados pelo pecado.(CM I,2-3)*

Interessante observarmos a narrativa bíblica. Este é um fator presente nas Catequeses, apresentar os relatos da História da Salvação, conduzindo o ouvinte para dentro do cenário. Os adjetivos e detalhes auxiliam na composição e até mesmo em uma experiência vivencial do fato bíblico, num processo de identificação entre o ontem e o hoje, entre o povo de Deus e a comunidade atual, entre dois contextos e duas perspectivas que se correspondem na História da Salvação.

Vemos também que, neste pequeno trecho, Cirilo trabalha a dimensão pascal do Batismo. Estão subjacentes os conceitos de Antiga e de Nova Aliança, de Cristo como novo Moisés, de libertação provisória e libertação definitiva pelas águas da salvação, as águas do Batismo.

O pano de fundo do relato não é outro senão o próprio acontecimento batismal, com a entrada no batistério, os gestos que indicam o processo de libertação, a renúncia à opressão e o banho batismal. É a liturgia que ilumina a compreensão da dinâmica pascal prefigurada no Antigo Testamento e experimentada eficazmente no sacramento do Batismo. A passagem do ‘antigo’ ao ‘novo’ demarca a compreensão fundamental de mudança radical de vida, no sentido de um novo eixo orientador, no qual Cristo reorienta toda a vida, tornando-a ‘nova’, re-criada, nascida de novo, pela imersão batismal.

A Catequese avança explicitando a necessidade da renúncia ao mal, ou seja, da renúncia a satanás, com tudo que pode afastar o neófito do processo de libertação. Também aqui ele principia com a compreensão dos gestos e palavras proferidas na liturgia.

*Entretanto, ouves, com a mão estendida, e dizes como a um presente: ‘Eu renuncio a ti, satanás’. Quero também falar-vos porque estais voltados para o Ocidente, pois é necessário. O Ocidente é o lugar das trevas visíveis e, como aquele é trevas, tem o seu poder nas trevas. Por essa razão, simbolicamente olhais para o Ocidente e renunciáis a este príncipe tenebroso e sombrio. (...) Em seguida, numa segunda fórmula, és ensinado a dizer: ‘E a todas as tuas obras’. Obras de satanás são todos os pecados, aos quais é necessário renunciar (...) Todo o gênero de pecado está, pois, incluído nas obras do diabo. (...) Renuncias, pois, às obras de satanás, isto é, a todas as ações e pensamentos contrários à promessa.(CM I,4-5)*

A renúncia a satanáis inicia com o gesto e pronunciamento que indica o livre compromisso, a dimensão da liberdade responsável pela decisão tomada diante da comunidade. Cirilo adverte que os pecados são obras do diabo, antagônicas às obras de salvação, que são provenientes do bem, de Deus. Relembra a promessa, a aliança firmada entre Deus e os homens, da qual o neófito é participante, e o quanto a fidelidade à promessa deve ser coerente com a resposta negativa a todas as ações e pensamentos que forem adversos ao projeto de Deus.

O gesto de rejeitar o Ocidente e orientar-se pelo Oriente é apresentado como gesto simbólico. Além de estar ensinando sobre o significado do símbolo, por onde passa a dimensão litúrgica e a densidade do Mistério experimentado, Cirilo faz referência ao nascimento de Cristo, sol que nasce no Oriente, luz do mundo. O Ocidente simboliza o ocaso, o reino das trevas, ao qual se deve renunciar para sempre<sup>470</sup>.

O último termo do trecho apresentado – λόγον γινομένους - vem sendo traduzida como ‘promessa’ por alguns estudiosos. Segundo A. Piédagnel, o termo indica a atitude coerente de renunciar ao mal, caminho contrário à lógica do compromisso batismal<sup>471</sup>.

A Catequese prossegue apontando a ‘pompa’ e o ‘culto’ como ‘obras’ de satanáis. Cirilo refere-se aos espetáculos de teatro, corridas de cavalo e vaidades deste gênero como desejo de ‘pompa’. São obras que conduzem ao mal, às emoções desenfreadas, enfim, à perdição nos hábitos e, conseqüentemente, a tomada de um caminho oposto ao caminho de salvação. No mesmo grupo insere a idolatria e oferendas aos deuses pagãos. Refere-se a estes cultos, como ‘culto do diabo’, por serem simulacros inanimados que atraem pessoas, que buscam adivinhações e magias. O neófito deve manter-se afastado dessas ‘obras’, e até mesmo fugir para não sucumbir às tentações e fazer de sua vida um caminho contrário ao cristão. Vejamos mais alguns trechos sobre este tema:

<sup>470</sup> Cf. FIGUEIREDO, F. In: CIRILO DE JERUSALÉM. op. cit., p. 26; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 110.

<sup>471</sup> No texto original, o termo usado é *logon*, mas como Cirilo está se referindo ao Batismo, alguns autores preferem traduzi-lo como promessa, e não como razão, palavra, ou Cristo, como Verbo encarnado. Cf. FIGUEIREDO, F. In: CIRILO DE JERUSALÉM, op. cit., p. 28; PIÉDAGNEL, A. SCh 126, p. 91; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 585.

*Pompa do diabo é a mania do teatro, das corridas de cavalo, da caça e de toda vaidade desta espécie. Dela pede o santo para ser livrado, dizendo a Deus: 'Não permitas que meus olhos vejam a vaidade'. (...) Assim como o pão e o vinho da Eucaristia, antes da santa epiclese da adorável Trindade, eram simplesmente pão e vinho, mas depois da epiclese o pão se torna corpo de Cristo e o vinho, sangue de Cristo, da mesma maneira estes alimentos que pertencem à pompa de satanás, por sua própria natureza simples, tornam-se, pela invocação dos demônios, impuros. (...)*

*Culto do diabo é a prece feita nos templos dos ídolos, tudo que se faz em honra dos simulacros inanimados. (...) Não vá atrás destas coisas. Augúrios, adivinhação, agouros, amuletos, inscrições em lâminas, magias e outras artes más são culto do diabo. Foge, portanto, de tudo isto. Se a eles sucumbes, depois de teres renunciado a satanás e aderido a Cristo, experimentarás um tirano mais cruel. Aquele que antes te tratou talvez como familiar e te libertou da dura escravidão, agora está fortemente irritado contra ti. De Cristo serás privado e experimentarás aquele. (...) Cuida, pois, de ti mesmo e não te voltes novamente para trás, depois de teres posto a mão no arado, para a prática amarga desta vida. Foge antes para a montanha, para junto de Jesus Cristo, a pedra talhada não por mãos e que encheu a terra. (CM I, 6-8)*

É interessante notar que, Cirilo elenca aqueles hábitos e costumes, dos quais o neófito deve se afastar, numa postura pedagógica, de aconselhamento. Ele não se furta em elucidar os hábitos que afastam a pessoa de sua opção cristã, e desorientada, pode perder os fundamentos cristãos para as escolhas morais e religiosas.

A referência à Eucaristia aparece aqui como esclarecimento de que não se devem confundir os dois altares, uma vez que, apenas no altar divino, da Trindade, se realiza o sacramento da Eucaristia. A pregação adverte para a necessidade da perseverança, olhando sempre para frente e não para trás, como nostalgia ou retorno ao caminho que deve ser deixado definitivamente, sob pena de não gozar mais da plenitude oferecida em Cristo.

Ainda nesta etapa, ele menciona a adesão a Cristo como compromisso consequente à renúncia a satanás. No entanto, não cita o ritual ou a fórmula desta adesão, provavelmente também proferida no rito litúrgico. Será o senhorio de Cristo na própria vida que garantirá a vitória sobre o mal e suas tentações. O símbolo da montanha é também uma referência bíblica – *φεύγε εἰς τὸ ὄρος* – *foge para a montanha* - um lugar privilegiado para o encontro com Deus, no qual a pessoa pode se distanciar das coisas mundanas e buscar discernimento na oração.

Não podemos deixar de apontar a presença em toda a Catequese de trechos bíblicos que vão indicando o caminho da pregação e a origem bíblica de cada orientação que vai sendo dada. Nesta fase onde o tema da renúncia a satanás é

abordado, encontramos a teologia paulina de Hebreus, Romanos, Gálatas, Tiago, Filipenses e Coríntios, e ainda referência aos Salmos, ao Deuteronômio, Tobias e a Gênese, lembrando a atitude da esposa de Lot ao ‘olhar para trás’<sup>472</sup>.

Para concluir esta *Primeira Catequese Mistagógica*, Cirilo nos fala da Profissão de Fé como chave final, como compromisso firmado e vitorioso frente à renúncia a satanás. Refere-se às *Catequese Pré-Batismais*, exortando a terem presentes os ensinamentos recebidos anteriormente, por ocasião da preparação para os sacramentos de Iniciação. A Profissão de Fé trinitária e centrada no único Batismo é a síntese apresentada, é o querigma-pascal-trinitário, que nos traz a fé professada desde as primeiras comunidades, na Igreja nascente, como sinal de adesão, compromisso e testemunho cristãos<sup>473</sup>.

*Então, te foi ordenado que disseses: ‘Creio no Pai e no Filho e no Espírito Santo e no único batismo de penitência’. Disto vos falamos extensamente, nas catequese anteriores, como no-lo permitiu a graça de Deus. (...)*

*Fortalecido por estas palavras, vigia. Pois nosso adversário o diabo, como foi lido, anda ao redor, buscando a quem devorar.(...) Depois do batismo sagrado da regeneração, Deus enxugou toda lágrima de todas as faces.*

*Com efeito, já não choras por teres te despido do velho homem, mas estás em festa porque te revestiste com a vestimenta da salvação, Jesus Cristo.*

*Tudo isso se realizou no edifício exterior. Se aprouver a Deus, quando nas Catequese Mistagógicas seguintes entrarmos no Santo dos Santos, conheceremos, então, os símbolos das coisas que lá se realizam. (CM I, 9-11)*

Aparece aqui o tema da vigilância, atitude de prontidão diante do adversário, das tentações, do mal. O cristão deve estar atento às manobras presentes no cotidiano, que o podem conduzir para longe do projeto salvífico. Cirilo fala do *batismo de regeneração* - *παλιγγενεσίας λουτροῦ* - a expressão remete não apenas ao renascimento espiritual, mas integral, à totalidade do homem<sup>474</sup>.

A Catequese fala do homem velho que se torna novo homem, em Jesus Cristo, tema forte na teologia paulina. Temos aqui também uma forte referência, não apenas à dinâmica salvífica, mas à liturgia vivenciada, onde o neófito se

<sup>472</sup> Referências bíblicas presentes na *Primeira Catequese Mistagógica*: 1Pd 5,8-11; Ex 12,7.13.22-23; Ex 14,22-30; 1Pd 1,19; Hb 10,14-15; Rm 2,25-27; Gl 2,18; Tg 2,9-11; Fl 3,19; 1Cor 10,18-22 e Sl 118, 37; Gn 19,15-26; Dt 4,23; Tb 4,13; Lc 9,62; Is 28,15; Gn 3,23; 1Pd 5,8; Is 25,8; Ap 21,4; Is 61,10; Rm 13,14; Gl 3,27. Cf. FIGUEIREDO, F. In: CIRILO DE JERUSALÉM, op. cit., pp. 25-30.

<sup>473</sup> Cf. SANTANA, L. F. op. cit., pp. 49-51.

<sup>474</sup> Cf. FIGUEIREDO, F. In: CIRILO DE JERUSALÉM, op. cit., p. 30.

‘despediu’ simbolicamente das antigas vestes e recebeu uma nova veste, símbolo da nova criação, à imagem de Deus, revestido pelo próprio Jesus Cristo.

Interessante observarmos que, ao final, Cirilo anuncia a continuação do caminho mistagógico, com a entrada no Santo dos Santos e novas Catequeses que auxiliarão na compreensão da liturgia sacramental. É Deus quem está à frente de todo o processo de Revelação, e sua vontade está colocada ao final da pregação de Cirilo, indicando a iniciativa divina.

### 2.2.2

#### Segunda Catequese Mistagógica sobre o Batismo

Esta *Segunda Catequese*, era proferida provavelmente na terça-feira, após o domingo de Páscoa. Ela se dedica a fazer memória mistagógica de três etapas do rito: o momento do despojamento das vestes, a unção do corpo, a recepção da nova veste e a imersão na piscina batismal. Estas três etapas do rito batismal representam os efeitos do Batismo: a remissão dos pecados, adoção filial e a participação na Paixão e Morte de Cristo.

Cirilo não descuida do sentido cultural-comunitário da fé cristã: as dimensões celebrativas, vivencial e comunitária estão integradas, e este vínculo fundamental é explicitado logo no início desta Catequese<sup>475</sup>.

*É necessário que vos proponha o que se segue à instrução mistagógica de ontem, a fim de que compreendais a significação simbólica do que foi realizado por vós no interior do templo. (CM II, 1)*

Cirilo inicia sua Catequese com a carta aos Romanos, anunciando a novidade da Graça presente na vida dos neófitos. Dando continuidade à Catequese anterior, trabalha sobre o tema da veste e da conversão, do ‘homem velho’ ao ‘homem novo’. Sua referência principal é o próprio Cristo, nu sobre a cruz, como sinal visível do novo Adão, primeiro homem, imagem e semelhança de Deus que, antes do pecado, não tinha porquê se envergonhar de sua nudez.

*Logo que entrastes, despistes a túnica. E isto era imagem do despojamento do velho homem com suas obras. Despídos, estáveis nus, imitando também nisso a Cristo nu sobre a cruz. (...) Oxalá a alma, uma vez despojada do homem velho*

<sup>475</sup> Cf. ARAÚJO, J. M. op. cit., p. 778.

*corrompido, jamais torne a vesti-lo. (...) em verdade éreis imagem do primeiro homem Adão, que no paraíso andava nu e não se envergonhava.(CM II, 2)*

Assim também, o neófito despojado de suas vestes, é como o primeiro homem, que tem diante de si a Graça do paraíso, renascido pela vida nova, pelo Batismo. A nudez é também sinal de entrega, de desapego, de renúncia, enfim, de despir-se do homem velho.

Após o ritual das vestes, o neófito fora ungido e Cirilo se prolonga na leitura e interpretação dessa experiência mistagógica. A unção por todo o corpo tem uma simbologia complexa e fundamental. Em primeiro lugar, Cirilo fala sobre a própria substância que é utilizada, o óleo, fruto da oliveira, símbolo do próprio Jesus Cristo. Ser ungido é participar da riqueza de Cristo e uma bênção que afugenta as forças do mal. A unção foi acompanhada de orações e pedidos de intercessão dos santos e invocação de Deus.

*Depois de despídos, fostes ungidos com óleo exorcizado desde o alto da cabeça até os pés. Assim, vos tornastes participantes da oliveira cultivada, Jesus Cristo. (...) Com a insuflação dos santos e invocação do nome de Deus, qual chama impetuosa, queimam e expelem os demônios, assim este óleo exorcizado recebe, pela invocação de Deus e pela prece, uma tal força que, queimando, não só apaga os vestígios do pecado, mas ainda põe em fuga as forças invisíveis do maligno.(CM II,3)*

Há aqui uma breve alusão à força da oração comunitária e à invocação dos santos, em comunhão proporcionada pela liturgia batismal<sup>476</sup>.

O momento seguinte no rito batismal é a própria imersão do fiel na piscina. O texto principia com a referência mistagógica no verbo – ἐχειραγωγείσθε - *conduzir pela mão* – e identificando este momento com o momento da morte de Jesus e seu sepultamento. É a Igreja, na pessoa do ministro, quem pergunta sobre a Profissão de Fé, conduzindo cada neófito a assumir livremente este compromisso.

Observemos que a presença dos adjetivos que qualificam os gestos e lugares sagrados - *novos* ensinamentos; *novas* realidades; *verdadeira* oliveira; *santa* piscina; *divino* batismo; profissão *salutar* -, vão configurando uma narrativa de cunho ascético, reverente à dimensão do sagrado. Pela via da liturgia, do mistério, esta dimensão está sempre presente, perpassando toda a Catequese.

<sup>476</sup> Mais adiante, neste mesmo capítulo, nos deteremos nesse aspecto que reflete uma visão eclesiológica de Cirilo.

*Depois disto fostes conduzidos pela mão à santa piscina do divino batismo, como Cristo da cruz ao sepulcro que está à vossa frente. E cada qual foi perguntado se cria no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. E fizestes a profissão salutar, e fostes imersos três vezes na água e em seguida emergistes, significando também com isto, simbolicamente, o sepultamento de três dias de Cristo. (...) No mesmo momento morrestes e nascestes. Esta água salutar tanto foi vosso sepulcro como vossa mãe.(CM II,4)*

O sacramento do Batismo aparece aqui em simples palavras, porém densas do sentido teológico. O tema do sepulcro de Cristo, do morrer e nascer para a vida nova, o símbolo da imersão por três vezes como Mistério pascal falam dos principais conceitos relacionados com o Batismo. Cirilo demonstra grande saber teológico e imensa habilidade pedagógica. É próprio da postura pedagógica o conhecimento profundo e a seleção dos conceitos fundamentais que orientarão o percurso do ensinamento. Em poucas palavras, Cirilo apresenta aos neófitos a densidade do Mistério que experimentaram no Sacramento e que iluminará suas vidas de agora em diante.

A água também recebe um novo significado, mediação para a experiência sacramental do sepultamento e do novo nascimento, é água salutar. Na memória litúrgica Cirilo evoca referências bíblicas prenes de significado pascal: o êxodo e libertação do povo hebreu, à água que salva do dilúvio, ao batismo de João e ao Batismo de Cristo<sup>477</sup>.

Muito ilustrativa a forma que Cirilo fala da imersão batismal como uma nova visão temporal, o que nos fala do Mistério pascal e do conceito de *kairós*, tempo da graça de Deus<sup>478</sup>.

<sup>477</sup> Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit, pp. 89-90.

<sup>478</sup> No grego clássico, o substantivo *καίρως*, aparece pela primeira vez em Hesíodo, originalmente denotando ‘medida certa’. Outro conteúdo possível era no sentido de ‘localidade’, ‘lugar apropriado’. No sentido material e temporal, caracterizava uma situação crítica, que exigiria uma decisão. Ao longo do desenvolvimento da filosofia grega, o conceito foi direcionado para o tempo segundo sua realidade cósmica e cíclica. Os Padres da Igreja bebem na fonte da filosofia grega, mas prioritariamente na Sagrada Escritura. A tradução dos LXX, o termo *kairós*, ganha um novo sentido, pois é o tempo de Jesus. O Novo Testamento compreende o tempo não apenas como um conceito formal (*chronos*), mas como ação de Deus, o *kairós*. Esta concepção de tempo o qualifica de forma nova, pois, com o evento histórico Jesus, o tempo da graça é experimentado, raiou um novo tempo, um tempo sem igual, mediante o qual, todo o tempo é qualificado. A encarnação de Jesus marca para hoje, agora, a salvação, o tempo favorável: “Eis o tempo favorável por excelência. Eis agora o dia da salvação” (2Cor 6,2c; Is 49,8). Cf. SILVA, I. P. *Chronos e Kairós na dýnamis do Espírito Santo, a partir da leitura de Atos 1,6-8*. Dissertação de Mestrado em Teologia. Rio de Janeiro: PUC, 2007, pp. 86.95-99.

*O que Salomão disse em outras circunstâncias, sem dúvida, pode ser adaptado a vós: 'Há tempo para nascer, e tempo para morrer'. Mas para vós foi o inverso: tempo para morrer, e tempo para nascer. Um só tempo produziu ambos os efeitos e o vosso nascimento ocorre com vossa morte. (CM II,4)*

A homilia segue refletindo de que forma o sacramento do Batismo se identifica com a Páscoa de Cristo, principalmente diferenciando os conceitos de imagem e o de verdade. É uma reflexão fundamental para que os neófitos compreendam sua participação na morte de Cristo e na sua Ressurreição, numa dimensão sacramental.

*Oh! Fato estranho e paradoxal! Não morremos em verdade, não fomos sepultados em verdade, não fomos crucificados e ressuscitados em verdade. A imitação é uma imagem; a salvação, uma verdade. Cristo foi crucificado, sepultado e verdadeiramente ressuscitou. Todas estas coisas nos foram agraciadas a fim de que, participando, por imitação, de seus sofrimentos, em verdade logremos a salvação. Oh! Amor sem medida! Cristo recebeu em suas mãos imaculadas os pregos e padeceu, e a mim, sem sofrimento e sem pena, concede graciosamente por esta participação e salvação.(CM II, 5)*

A pregação coloca o primado de Cristo. A poética exclamação inicial convida o ouvinte a se extasiar diante do Mistério, do inefável que toca a terra, que se revela. Assim como a exclamação colocada no meio do texto – ὁ φιλανθρωπίας ὑπερβαλλούσης - *Oh! Amor sem medida!* – expressa o amor de Cristo à humanidade, concretizado nos gestos de entrega radical e salvífica. Não é simplesmente um vocativo poético, mas denso da cristologia, na qual Cirilo fundamenta suas instruções. Convida o neófito a uma atitude radical, de contemplação de dentro do Mistério em direção à própria vida, de compreensão, entrega e compromisso vital.

Ao mesmo tempo, a mistagogia de Cirilo não separa a atitude contemplativa da atitude interpretativa, de compreensão do Mistério, de esclarecimento de possíveis dúvidas ou enganos que possam acontecer, quando se está diante da dimensão sacramental. Nesta Catequese observamos que Cirilo conhece por onde passam os possíveis enganos, e se antecipa na revelação dos segredos escondidos e, ao mesmo tempo, revelados, àqueles que experimentam esse Mistério em suas vidas.

Estabelecendo o fundamento bíblico, Cirilo ensina sobre a diferença imprescindível entre o batismo de penitência, de João Batista, e o Batismo em Jesus Cristo. Nos ensinamentos a seguir, Cirilo parece estar atento a erros de

interpretação do Batismo na sua dimensão pascal, de participação, por imitação, na paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

*Ninguém, pois, creia que o batismo só obtém a remissão dos pecados, como o batismo de João só conferia o perdão dos pecados. Também nos concede a graça da adoção de filhos. Mas nós sabemos, com precisão, que, como é purificação dos pecados e prodigalizador do dom do Espírito Santo, é também figura da Paixão de Cristo. (CM II,6)*

Neste esclarecimento, observamos que esta Catequese relata os dons recebidos pelo sacramento do Batismo; a remissão dos pecados, a adoção como filhos, a purificação, os dons do Espírito Santo, a participação como figura, da Paixão do Senhor. Dessa forma, Cirilo retoma os ensinamentos anteriores e faz uma espécie de síntese dos efeitos do Batismo, sempre lembrando que não são efeitos no sentido produtivo do termo, mas no sentido da experiência mistagógica a qual os neófitos estão inseridos.

A seguir, o tema da Ressurreição é anunciado com toda a sua grandeza e também elucidado com a imagem da videira e com a diferenciação dos conceitos de semelhança e de realidade.

*Para que aprendêssemos que tudo o que Cristo tomou sobre si foi por nós e pela nossa salvação, tudo sofrendo em verdade e não em aparência e para que nos tornássemos participantes dos seus sofrimentos, exclamava veementemente Paulo: ‘Se fomos plantados com Ele pela semelhança de sua morte, também o seremos pela semelhança de sua ressurreição’. (...) Fixa a mente com toda a atenção nas palavras do Apóstolo. Não disse: fomos plantados com Ele pela morte, mas pela semelhança da morte. Deveras, houve em Cristo uma morte real, pois a alma se separou do corpo. Houve verdadeiramente sepultamento, pois seu corpo sagrado foi envolvido em lençol limpo e foi verdadeiro tudo o que nele ocorreu. Para nós há a semelhança da morte e dos sofrimentos. Quando se trata da salvação, porém, não é semelhança e sim realidade. (CM II,7)*

Não é a primeira vez que vemos Cirilo trabalhar um conceito a partir do significado dos termos, diferenciando através de exemplo, assim como aproximando, da mesma forma, ou com termos semelhantes. No texto citado vemos sua preocupação com os conceitos de semelhança e de realidade. Estamos diante de outra estratégia de cunho pedagógico. A fim de construir um conceito, Cirilo tem o cuidado de analisar os significados que estão presentes na cultura do grupo e, a partir desta análise somada a exemplos metafóricos ou de narrativas bíblicas, explicitar os significados coerentes com a proposta cristã. Vemos que

não é uma análise abstrata ou vaga, mas concreta, com exemplos concretos e narrativas bíblicas.

No centro do texto acima, Cirilo convoca a uma atitude de atenção diante da Palavra apostólica presente no texto bíblico. A expressão utilizada na tradução *fixa a mente* – ἐπίστησον -, se contrapõe a qualquer dispersão ou confusão de significados. Exige uma atenção maior diante de um conceito que, se mal compreendido, compromete a interpretação da experiência sacramental do Batismo e, conseqüentemente, as decorrências desse compromisso assumido. Ao final, numa frase-síntese, ele explicita o dado da Revelação, real, plena, definitiva, sobre a qual não deve restar dúvidas, pois a iniciativa de Deus é absoluta e não parcial e provisória.

Cirilo conclui esta *Segunda Catequese Mistagógica*, convocando os neófitos a perseverarem nesse caminho através da fixação na memória de tudo que lhes está sendo revelado. Entretanto, prosseguindo na homilia, vemos que ele não se refere a uma simples memorização, mas à vivência e à transmissão do que é guardado na memória, *‘conservando a tradição’*.

*Todas estas coisas foram ensinadas suficientemente: retende tudo em vossa memória, rogo-vos, para que eu, ainda que indigno, possa dizer-vos: ‘Amo-vos porque sempre vos lembrais de mim e conservais as tradições que vos transmiti’. Ademais, poderoso é Deus que de mortos vos fez vivos, para conceder-vos que andeis em novidade de vida. A Ele a glória e o poder, agora e pelos séculos. Amém. (CM II,8)*

O tema da conservação da Tradição e de sua transmissão é muito caro para a Igreja, desde os primeiros tempos, e o vemos aqui reforçado por Cirilo<sup>479</sup>. A conservação e a transmissão de tudo o que foi revelado – ao Povo de Deus, na Palavra de Deus, na caminhada apostólica e eclesial – é também compromisso daqueles que aderem à comunidade de fé. Através do testemunho de vida nova e da Palavra tradicional, o neófito é convidado a participar da missão apostólica. A motivação está centrada no amor de Deus, em Sua vitória sobre a morte, em Sua presença vivificante na graça batismal.

Nesta Catequese pudemos observar a constante da fundamentação bíblica. A teologia paulina continua sendo um forte embasamento, unida às referências ao

<sup>479</sup> Cf. RIVAS, P.L.H. op. cit., p. 12; Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., p. 34; TELFER, W. op. cit., p. 61; Cf. BIELSA, J.S. op. cit., p. 7

Evangelho de Mateus e, no Antigo Testamento, ao livro do Gênesis e ao Eclesiástico<sup>480</sup>.

### 2.2.3

#### Terceira Catequese Mistagógica sobre o Crisma

Esta Catequese se dedicará ao sacramento do Crisma, ao qual os neófitos foram conduzidos logo após o Batismo. O centro do Mistério é o Cristo e a participação, pelo Batismo, no Mistério pascal na própria vida, como filhos adotivos do Pai. Pelo Batismo, “participam inteiramente do mistério total de Cristo, como discípulos da Nova Aliança, tendo o coração e o espírito revestidos da novidade da graça divina”<sup>481</sup>.

*Batizados em Cristo e dele revestidos, vos tornastes conformes ao Filho de Deus. Em verdade, Deus predestinando-os à adoção de filhos, nos fez conformes ao corpo glorioso de Cristo. Feitos, pois, partícipes de Cristo, não sem razão, sois chamados cristos e é de vós que Deus disse: ‘Não toqueis os meus cristos’. Ora, vós vos tornastes cristos, recebendo o sinal do Espírito Santo, e tudo se cumpriu em vós em imagem, pois sois imagens de Cristo. (CM III,1)*

A teologia paulina<sup>482</sup> que vem sendo desenvolvida até aqui, nas Catequeses anteriores, ganha agora uma afirmação que denota um processo de maturidade dos ouvintes. Cirilo não se delonga no tema da configuração em Cristo, ao contrário, parte deste pressuposto e avança assinalando a plenitude da unção recebida no sacramento. O símbolo remete à unção que potencializa a identidade crística, a bênção do Senhor sobre aqueles que são ‘seus’.

O nome de Cristo é repetido fazendo alusão à sua semântica – Χριστοῦ - ‘ungido’. É a partir deste significado que Cirilo dá mais um passo na compreensão da participação no Mistério de Cristo. Ungidos pelo crisma, são ‘χριστῶν’, na dignidade de imagem do próprio Cristo e sob as bênçãos do Pai, que cuida de ‘seus consagrados’, de ‘seus ungidos’<sup>483</sup>.

Vemos o termo ‘imagem’ sendo aplicado mais uma vez, e sem delongas, o que demonstra que Cirilo considera que esta já é uma aprendizagem adquirida,

<sup>480</sup> Referências bíblicas presentes nesta *Segunda Catequese Mistagógica*: Rm 6,3-14; Cl 3,9; Cl 2,15; Ef 4,22; Ct 5,3; Gn 2,25; Rm 11,17-24; Mt 12,40; Ecl 3,2; Mt 27,59; 1Cor 11,2. Cf. FIGUEIREDO, F. In: CIRILO DE JERUSALÉM. op. cit., pp. 32-36.

<sup>481</sup> Cf. ARAÚJO, J. M. op. cit., p. 783.

<sup>482</sup> Cf. PIÉDAGNEL, A. op. cit, pp. 7-16.

<sup>483</sup> Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 91.

elaborada nas Catequeses Mistagógicas anteriores. Mais adiante, o conceito de ‘figura’ também é resgatado e a presença do Espírito Santo naquele que é unguido, pelo próprio Senhor, pela mediação da Igreja. Cirilo refere-se à unção do Espírito sobre o próprio Cristo, profetizada por Isaías no Antigo Testamento.

*(...) Também a vós, ao sairdes das águas sagradas da piscina, se concede a unção, figura daquele com que Cristo foi unguido. Refiro-me ao Espírito Santo, do qual o bem-aventurado Isaías, na profecia a respeito dele, disse, na pessoa do Senhor: ‘O Espírito do Senhor repousa sobre mim, pelo que me ungiu; enviou-me para levar a boa-nova aos pobres’.(CM III,1)*

Na referência a Cristo já se prepara o tema da missão, vocação, dom e tarefa daquele que é batizado em Jesus Cristo, participante do Mistério pascal, portanto, chamado ao seguimento. Cirilo prossegue esclarecendo que foi o Pai quem ungiu a Cristo. Em nosso caso, no Batismo, fomos ungidos por um homem, um sacerdote.

A perspectiva cristocêntrica do texto demonstra a cristologia elaborada pelos Padres da Igreja e uma resposta madura às heresias cristológicas contemporâneas. Sem tocar nas questões heréticas, Cirilo deixa evidente a comunhão trinitária e o cristocentrismo do projeto salvífico<sup>484</sup>.

*Na verdade, Cristo não foi unguido com óleo ou unguento material por um homem. Mas foi o Pai que, estabelecendo-o com antecedência como Salvador de todo o universo, o ungiu com o Espírito Santo, conforme diz Pedro: ‘Jesus de Nazaré, a quem Deus ungiu como o Espírito Santo’. E o profeta Davi exclamou: ‘Teu trono, ó Deus, é para os séculos dos séculos; centro de retidão, o cetro de tua realza. Amaste a justiça e por isso te ungiu Deus, teu Deus, com o óleo da alegria, mais que teus companheiros’.*

*(...) Ele foi unguido com o óleo espiritual da alegria, isto é, com o Espírito Santo, chamado óleo de alegria, por ser causa da alegria espiritual. Vós fostes ungidos com o óleo, feitos partícipes e companheiros de Cristo. (CM III,2)*

O dom da alegria espiritual aparece como um sinônimo da unção no Espírito, em sinal do dom que significa esta unção, como participantes e companheiros do próprio Cristo. Adiante, Cirilo esclarece sobre a sacramentalidade do óleo que, por obra do Espírito Santo, não é mais apenas um

<sup>484</sup> O conteúdo central de Cirilo é cristológico, porque em Cristo se realiza a salvação. Paralelamente ao discurso sobre Deus, Cirilo, com procedimento análogo, analisa o discurso cristológico a partir da idéia de unicidade e singularidade inconfundível de Cristo. Cirilo evidencia claramente a função mediadora e reveladora realizada por Cristo, sublinha a posição de centralidade de Cristo em toda a economia salvífica. Cf. BONATO, A. op. cit., pp. 56-60.

unguento comum, mas capaz de santificar e vivificar aquele que é ungido no Espírito.

*(...) é dom de Cristo e obra do Espírito Santo, pela presença de sua divindade. Com ele se unge simbolicamente tua fronte e outros sentidos. Se, por um lado, o corpo é ungido com o unguento sensível, por outro, a alma é santificada pelo santo e vivificador Espírito. (CM III,3)*

O rito da unção no sacramento do Crisma é descrito em sua dimensão mistagógica, sempre com o cuidado de unir liturgia e catequese, tudo fundamentando na Sagrada Escritura. A corporalidade se torna sinal sacramental e, cada parte do corpo que recebe a unção, se integra na vida nova e no compromisso crismal.

*E primeiro sois ungidos na fronte, para serdes libertados da vergonha que o primeiro homem transgressor levou por toda parte e para que, de face descoberta, contempleis a glória do Senhor. Depois nos ouvidos, para terdes ouvidos conforme disse Isaías: ‘E o Senhor me deu um ouvido para ouvir’ e o Senhor no Evangelho: ‘Quem tem ouvidos para ouvir que ouça’. Em seguida nas narinas, para que, ao receberdes este divino unguento, possais dizer: ‘Somos para Deus, entre os que se salvam, o bom odor de Cristo’. Depois no peito, a fim de que, ‘tendo revestido a couraça da justiça, resistais aos artifícios do diabo’. Como na verdade o Salvador, após seu batismo e a descida do Espírito Santo, saiu a combater o adversário, assim também vós, depois do santo batismo e da mística unção, revestidos da armadura do Espírito Santo, resistis à força inimiga e a venceis dizendo: ‘Tudo posso naquele que me conforta, Cristo’. (CM III,4)*

O embasamento bíblico é praticamente o único instrumento que Cirilo utiliza dessa mistagogia, em que habilidosamente alinhava os textos bíblicos com o ritual experimentado e os mistérios espirituais realizados na celebração sacramental<sup>485</sup>.

O nome de cristão é mencionado por Cirilo como um dom, o mesmo nome de Cristo, o ungido, é recebido pelos novos ‘cristos’ – *χριστιανοί* -, ungidos pelo Espírito Santo. A dignidade do nome é conferida em unidade com a unção recebida. No entanto, Cirilo fala do caminho percorrido como fundamental no processo. Os dons sacramentais não são concebidos como resultado mágico ou instantâneo, e sim como um processo, no qual foram vividas etapas que conduzem

<sup>485</sup> Referências bíblicas presentes nesta *Terceira Catequese Mistagógica*; 1Jo 1,20-28; Gl 3,27; Rm 8,29; Ef 1,5; Fl 3,21; Sl 194,15; Is 61,1; Lc 4,18; At 10,38; Sl 44,7-8; Gn 3,7-10; 2Cor 3,18; Is 50,4; Mt 11,15; 2Cor 2,15; Ef 6,11-14; Is 11,5; Is 59,17; 1Ts 5,8; Mt 4,1-11; Mc 1,12-13; Lc 4,1-13; Ef 6,11; Fl 4,13; Lv 8,1-12; 1Rs 1,38-39.45; Rm 11,16; 1Cor 5,6-7; 1Cor 15,23; 1Jo 2,27; Is 25,6-7; Is 2,2; 2Cor 5,9; Hb 2,10. Cf. FIGUEIREDO, F. In: CIRILO DE JERUSALÉM, op. cit., pp. 37-39.

à abertura ao Mistério pascal em Cristo Jesus. Este pensamento indica a compreensão mistagógica que Cirilo possui, de Iniciação Cristã, como caminho, como processo, como trajetória.

*Feitos dignos desta santa unção, sois chamados cristãos. Assim, pela regeneração, mostra ser direito o nome de cristãos. Antes, pois, de serdes declarados dignos do batismo e da graça do Espírito Santo, não éreis dignos deste nome, mas estáveis a caminho de serdes cristãos. (CM III,5)*

Cirilo conclui esta Catequese mais uma vez retomando o vínculo entre Antigo e Novo Testamentos, inserindo a unção do crisma na trajetória da História da Salvação e, dessa forma, inserindo cada neófito na caminhada do Povo de Deus, como escolhido, eleito, preferido e testemunha messiânica no mundo. Aqui temos, mais uma vez, a centralidade de Cristo, para onde toda a história da humanidade se volta como primícias, começo e fim do projeto salvífico.

*É necessário que saibais que há o símbolo desta unção na Escritura Antiga. E na verdade, quando Moisés comunicou ao irmão a ordem de Deus e o estabeleceu sumo sacerdote, depois de lavar-se com água, o ungiu e foi ele chamado Cristo, em virtude, evidentemente, da unção figurativa.(...) A vós, porém, não em figura, mas em verdade. Isso, já que o começo de vossa salvação remonta àquele que foi ungido pelo Espírito Santo. (CM III,6)*

Retorna o recurso ao conceito de figura e verdade nas orientações catequéticas. Podemos verificar em muitos momentos-chave, Cirilo recorrer à catequese tipológica, como esse em que trabalha a unção, enfatiza a diferença entre *figura* e *verdade* – οὐ τυπικῶς ἀλλ’ ἀληθῶς. Ele procura conduzir a compreensão da presença real de Cristo na Eucaristia, questão crucial naquele contexto, não com a terminologia teológica<sup>486</sup>, e sim com a catequese tipológica, metodologia que já vem trabalhando no decorrer da Iniciação Cristã.

A menção à Igreja visível aparece pela primeira vez nesta etapa das *Catequeses Mistagógicas*, apesar de estar todo o tempo em ambiente eclesial. A experiência sacramental se dá na comunidade eclesial, onde esta é vivida, acompanhada e, nesta Catequese, é interpretada de forma pedagógica. A Igreja aparece sob o símbolo da montanha visível. Para esta ‘montanha’ os povos devem se dirigir, o testemunho cristão deve conduzir. É neste ‘lugar’ de encontro com Deus, que todos os povos participarão das alegrias provenientes da plenitude da

<sup>486</sup> Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 92.

salvação. Cirilo estabelece uma relação entre cada fiel e a História da Salvação, como guardião da promessa, como testemunho vivo inserido nesta história, nesta tradição e promessa, na qual Cristo já é o vencedor.

*Foi isto que desde tempos antigos o santo Isaías profetizou, dizendo: 'E preparará o Senhor para todos os povos nesta montanha'. Por montanha ele designa a Igreja, como outras vezes quando diz: 'E nos últimos dias será visível a montanha do Senhor'; 'Beberão vinho, beberão a alegria, serão ungidos de unguento'. E para que mais te assegures, ouve o que diz sobre este unguento em sentido místico: 'Transmite tudo isso às nações, pois o desígnio do Senhor se estende sobre todos os povos'.*

*Assim, pois, ungidos com este santo crisma, guardai-o sem mancha e irrepreensível em vós, progredindo em boas obras e tornando-vos agradáveis ao autor de nossa salvação, Cristo Jesus, a quem a glória pelos séculos dos séculos. Amém. (CM III,7)*

É oportuno chamar a atenção para as ações verbais utilizadas por Cirilo, quando se dirige aos neófitos e às suas experiências mistagógicas. Vejamos apenas nesta *Terceira Catequese*, a fim de observarmos o caminho mistagógico que vai estabelecendo: *batizados, revestidos, vos tornastes, conformes, chamados, recebendo, fostes, tidos por dignos, ungidos, feitos partícipes, santificada, libertados, receberdes, revestidos, resistais, feitos dignos, estáveis a caminho, saibais, guardai, permanecer, ouvistes, ouve, transmite, ungidos, progredindo, tornando-vos*. As ações verbais indicam o processo, o convite e a resposta livre, a dinâmica da revelação e abertura ao Mistério, o caminho mistagógico enfim. A pedagogia de fundo aponta para este eixo teológico e pastoral que se traduz na linguagem catequética. Mais. Revela uma atitude mediadora na Revelação que se anuncia e, como expressão mesma do amor de Deus que se revela e chama à participação e salvação, com carinho, cuidado, respeito e perseverança de Deus amor-presença-misericórdia.

#### 2.2.4

#### **Quarta Catequese Mistagógica sobre o Corpo e Sangue de Cristo**

Esta Catequese dedica-se ao sacramento da Eucaristia, recebido pelos neófitos na Iniciação Cristã. É o terceiro dos sacramentos da Iniciação Cristã que, nesta caminhada da Igreja de Jerusalém, são recebidos conjuntamente, na noite da vigília Pascal.

A primeira epístola de Paulo aos Coríntios é o fundamento teológico e mediação mistagógica para esta Catequese, quando o apóstolo narra a noite da última Ceia com o Senhor e a herança que nos foi dada pelo próprio Cristo, ou seja, Ele mesmo, na Eucaristia.

*Este ensinamento do bem-aventurado Paulo foi estabelecido como suficiente para vos assegurar acerca dos divinos mistérios, dos quais, tendo sido julgados dignos, vos tornastes concorpóneos e consanguíneos com Cristo. O próprio Paulo proclama precisamente: 'Na noite em que foi entregue, Nosso Senhor Jesus Cristo, tomando o pão e depois de ter dado graças, partiu-o e o deu a seus discípulos, dizendo: Tomai, comei, isto é o meu corpo. E tomando o cálice e tendo dado graças, disse: Tomai, bebei, isto é o meu sangue'. Se ele em pessoa declarou e disse do pão: 'Isto é o meu corpo', quem se atreveria a duvidar doravante? E quando ele afirma categoricamente e diz: 'Isto é o meu sangue', quem duvidaria dizendo não ser seu sangue? (CM IV,1)*

Cirilo principia este ensinamento garantindo o testemunho apostólico atestado por Paulo sobre a herança deixada por Cristo: a Eucaristia. Logo após o texto bíblico que legitima a experiência sacramental, ele começa a trabalhar sobre as dúvidas que podem surgir de uma leitura fundamentalista do texto ou de uma leitura que não atribua veracidade às palavras de Jesus. O Mistério da Eucaristia pede ao neófito uma acolhida mistagógica, no sentido de abrir-se ao Mistério, acreditar em Jesus, confiar-se a Ele, compreender a profundidade de suas palavras e o próprio Mistério do qual participou.

Os dois adjetivos utilizados – *σύσσωμοι καὶ σύνναιμοι* - *concorpóreo e consanguíneo* – são palavras fortes, para falar mais uma vez da configuração de cada cristão em Cristo e da participação, através do sacramento, do Mistério revelado. Podemos dizer que, estes dois adjetivos, conduzem também a uma atitude contemplativa sobre o rito, com o qual o próprio Jesus se faz presente sempre, através da consagração do pão e do vinho em seu corpo e sangue na mesa compartilhada entre os irmãos na fé<sup>487</sup>.

*Portanto, com toda certeza recebemo-los como corpo e sangue de Cristo. Em forma de pão te é dado o corpo, e em forma de vinho o sangue, para que te tornes, tomando o corpo e o sangue de Cristo, concorpóreo e consanguíneo com Cristo. Assim nos tornamos portadores de Cristo, sendo nossos membros*

<sup>487</sup> Este documento traz uma ilustração do dogma da Eucaristia. Recordamos que este período no qual as Catequese são pronunciadas é particularmente importante no que diz respeito ao desenvolvimento e organização da Celebração Eucarística. Cirilo enfatiza a participação do neófito no mistério de Cristo por meio da experiência sacramental da Eucaristia. Cf. PIÉDAGNEL, A. op. cit., p. 7; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 92-95.

*penetrados por seu corpo e sangue. Desse modo, como diz o bem-aventurado Pedro, 'tornamo-nos partícipes da natureza divina'.(CM IV, 3)*

Na Eucaristia, Jesus participa concretamente do nosso ser, torna-se um conosco e, assim, cada um, torna-se corpo de Cristo, partícipe de sua própria natureza, como diz Pedro. O texto traz a expressão – *com toda certeza* - no entanto, a fonte grega apresenta a expressão – *πληροφορίας* – indicando uma experiência de plenitude. No Novo Testamento, o verbo correspondente significa o cumprimento das promessas do Antigo Testamento, muitas vezes utilizado no texto paulino<sup>488</sup>. Aqueles que participam da Eucaristia, são portadores de uma experiência plena, de comunhão com Cristo, que modifica o ser inteiro por esse sacramento de salvação.

A Catequese faz uma breve referência a uma possível confusão sobre alimentar-se do próprio corpo do Senhor, que, naquele contexto, ainda pairava entre alguns povos, como uma compreensão errônea sobre a Eucaristia vista por não-cristãos.

*Falando, outrora, aos judeus Cristo dizia: 'Se não comerdes minha carne e não beberdes meu sangue, não tereis a vida em vós'. Como não entendessem espiritualmente o que era dito, escandalizados, se retiraram, imaginando que o Salvador os incitava a comer carne humana. (CM IV,4)*

Depois desse breve esclarecimento prossegue referindo-se à antiga aliança. Nesta recorrente ligação entre o Antigo e o Novo Testamento no trabalho catequético, Cirilo não apenas estabelece o vínculo, mas reafirma o cristocentrismo do projeto, a Nova Aliança que supera a antiga de forma definitiva.

Ainda sobre a presença de Cristo na Eucaristia, a homilia orienta sobre a matéria – pão e vinho –, e o seu significado sacramental – corpo e sangue do Senhor. O Mistério sacramental, onde a via simbólica se torna presença real do Cristo é um convite à experiência mistagógica antes de tudo, a uma compreensão profunda da comunicação entre Deus e os homens, por meio dos sacramentos e da nossa participação no Mistério por iniciativa do próprio Deus, que se entrega e se revela.

---

<sup>488</sup> Cf. Cl 2,2; 1 Ts 1,5; Hb 6,11; Hb 10,22.

*Também no Antigo Testamento havia pães de proposição. Mas esses pães, por pertencerem à antiga aliança, tiveram fim. Na nova aliança o pão celeste e o cálice da salvação santificam a alma e o corpo. Pois, como o pão se adequa ao corpo, assim o Verbo se harmoniza com a alma.*

*Não consideres, portanto, o pão e o vinho como simples elementos. São, conforme a afirmação do Mestre, corpo e sangue. Se os sentidos isto te sugerem, a fé te confirma. Não julgues o que se propõe segundo o gosto, mas pela fé tem firme certeza de que foste julgado digno do corpo e sangue e Cristo.(CM IV,5-6)*

Uma terceira parte da Catequese sobre a Eucaristia retorna à figura do demônio como personificação do mal<sup>489</sup>. Aqui Cirilo exorta à vida sacramental como fortalecimento contra o demônio, contra as obras do mal, uma oposição construída por Deus. A unção do crisma foi apresentada como sinal do próprio Deus na vida de cada neófito e, agora, o alimento eucarístico, como o sinal definitivo, ou seja, é Jesus mesmo quem vive em cada cristão pelo Mistério eucarístico.

*(...) Antes de tua vinda os demônios preparavam para os homens uma mesa contaminada e manchada, cheia de poder diabólico, mas depois de tua vinda, ó Senhor, tu preparaste diante de mim uma mesa.(...) A primeira mesa tinha comunhão com os demônios, essa, ao contrário, comunhão com Deus. ‘Ungiste de óleo minha cabeça’. Com o óleo te ungiu a cabeça, sobre a fronte, pelo sinal que tens de Deus, a fim de que te tornes assinalado, santo de Deus. ‘E teu cálice inebria-me como o melhor’. Vês aqui mencionado o cálice que Jesus tomou em suas mãos e sobre o qual rendeu graças dizendo: ‘Este é o meu sangue, que é derramado por todos, em remissão dos pecados’.(CM IV,7)*

A mesa eucarística é preparada pelo Senhor para o seu povo, é uma mesa mística e espiritual, que a exemplo da Antiga Aliança, contém pão celestial e bebida salutar, os quais nos unirão ao próprio Deus. A homilia relembra a unidade de todo o Povo de Deus, desde a Antiga Aliança, que agora é renovada na Páscoa de Cristo. A mesa é comunitária, é mesa pascal, é mesa do Povo de Deus, ao qual nos inserimos, em primeiro lugar pelo sacramento do Batismo e pela unção do Crisma e, agora, plenamente, pela Eucaristia.

---

<sup>489</sup> O tema da personificação do mal surge nas Catequese de Cirilo também como tema bíblico, como tomada de consciência de sua existência e de superação deste, pela força da graça de Deus e inserção progressiva no Mistério pascal. No Símbolo da Fé, a Tradição proclama a vitória de Cristo sobre o mal, a redenção e salvação do mundo na Cruz. Isto, porém, não quer dizer que se deva abolir a figura bíblica de Satã, ou do diabo, ou a personificação paulina do Pecado. Estas figuras têm a função de ajudar-nos a penetrar no abismo desconcertante e terrível do Mal, cuja profundidade só é mensurável com a profundidade do Mistério do Amor de Deus ao qual ele pretende se opor. Cf. GOPEGUI, J. A. R. As figuras bíblicas do diabo e dos demônios em face da cultura moderna. In: *Perspectiva Teológica*, Ano XXIV, Belo Horizonte:CES, 1997, pp. 327-352.

A referência à mesa preparada pelos demônios lembra a idolatria, os cultos pagãos, as ofertas aos ídolos, para as quais Cirilo faz mais um reforço e esclarecimento quanto à vida nova, à renúncia aos hábitos pagãos e a não retomarem a tentação que afasta de Deus, que é antagônica à experiência desde agora já vivida.

A conclusão desta homilia mistagógica é um lindo hino contemplativo, em que Cirilo entremeia mais alguns textos bíblicos, num verdadeiro canto, no qual é o próprio Senhor que convida à mudança de vida, à nova ‘veste’, às maravilhas que são experimentadas por aqueles que se tornam partícipes dessa festa pascal.

*Por isso também Salomão, aludindo a essa graça, disse: ‘Vem, come teu pão com alegria’, o pão espiritual. ‘Vem’, designa o apelo salutar e que faz bem-aventurado. ‘E bebe, de bom coração, o teu vinho’, o vinho espiritual. ‘Derrama o óleo sobre a tua cabeça. Traja sempre vestes brancas, já que Deus sempre favorece as tuas obras’. Pois agora Deus se agradou de tuas obras. Antes de te aproximares da graça eram tuas obras ‘ vaidade das vaidades’.*

*Todavia agora, tendo despido as velhas vestes e revestido espiritualmente a veste branca, é necessário estar sempre vestido de branco. Não dizemos isso absolutamente porque é preciso estar trajado de branco, mas porque deves, em realidade, revestir a veste branca, brilhante e espiritual, a fim de dizeres com o bem-aventurado Isaías: ‘Com grande alegria me rejubilei no senhor, porque me fez revestir a vestimenta da salvação e me cobriu com a túnica da alegria’.(CM IV,8)*

O texto é profundamente mistagógico - o convite de Deus, nas palavras de Salomão, as referências simbólico-sacramentais, o ritual da festa, a presença de Deus, a mudança de veste, a veste brilhante, o sinal das bem-aventuranças e a alegria da plenitude da salvação -, tudo reunido num convite à entrega, à confiança e à alegria de uma nova vida que se inicia.

No parágrafo conclusivo, faz uma espécie de fixação dos ensinamentos desta Catequese, através de uma revisão da questão do pão e do vinho - que se tornam corpo e sangue de Cristo -, do fortalecimento das decisões mais profundas e mudança de vida. Numa oração final, Cirilo reúne uma bênção, um pedido ao Senhor, e uma louvação pelos novos cristãos.<sup>490</sup>

<sup>490</sup> Referências bíblicas presentes nesta *Quarta Catequese Mistagógica*: 1Cor 11,23-25; Jo 2,1-11; Mt 9,15; Mc 2,19; Lc 5,34; 2Pd 1,4; Jo 6,53; Jo 6,61-66; Lv 24,5-9; 1Cr 9,32; 1Cr 23,29; 1Mc 1,22; 2Mc 10,31 Sl 115,4; Sl 22,5; Mt 1,7.12; Mt 26,28; Ecl 9,7-8; Is 61,10; Sl 103,15; 2Cor 3,18. Cf. FIGUEIREDO, F. In CIRILO DE JERUSALÉM. op. cit., pp. 42-45.

*Tendo aprendido e estando seguro de que o que parece pão não é pão, ainda que pareça pelo gosto, mas o corpo de Cristo, e o que parece vinho não é vinho, mesmo que o gosto o queira, mas o sangue de Cristo – e porque sobre isto dizia vibrando Davi: ‘O pão fortalece o coração do homem, para que no óleo se regozije o semblante’ - fortalece o teu coração, tomando este pão como espiritual e regozije-se o semblante de tua alma. Oxalá, tendo a face descoberta, em consciência pura, contempleis a glória do Senhor, para ir de glória em glória, em Cristo Jesus Senhor Nosso, a quem a glória pelos séculos dos séculos. Amém. (CM IV,9)*

Mais uma vez nos deparamos com um verbo bastante significativo - πληροφορηθείς – que o autor traduziu por – *estando seguro* – mas seu sentido vai além de uma conotação de fixação dos conhecimentos, das instruções. O verbo aponta para plenitude que está sendo vivida pelo neófito, pelo sacramento da Eucaristia. Cirilo encerra esta Catequese fazendo uma síntese com conceitos-chave como este, de participação plena, de Eucaristia que se concretiza na vida pessoal, no coração humano, na consciência e conduz à comunhão definitiva e eterna.

## 2.2.5

### Quinta Catequese Mistagógica

Cirilo parece anunciar uma etapa conclusiva das *Catequese Mistagógicas*, pois inicia esta Catequese referindo-se às anteriores e como culminância do processo formativo. Dedicase aqui à própria Celebração Eucarística, com muitos detalhes quanto aos principais ritos, orações, gestos sacerdotais, culminando na oração eucarística e na comunhão. É predominantemente litúrgica, no entanto, observemos como a liturgia é relembrada mistagógicamente, também aqui, integrada à vida pessoal e comunitária, sem falarmos na fundamentação bíblica sempre presente. A segunda frase da Catequese explicita a dimensão eclesial da experiência que está sendo vivida pelos neófitos – τῇ πνευματικῇ ὑμῶν τῆς ὠφελείας οἰκοδομῇ - *para coroar o edifício espiritual de vossa instrução* - orienta a instrução para a edificação de toda a comunidade que se realiza na Celebração Eucarística.

*Pela dignidade de Deus, ouvistes de maneira suficiente, nas reuniões precedentes, sobre o batismo, a crisma e a participação do corpo e sangue de Cristo. Mas agora é necessário ir adiante, para coroar o edifício espiritual de vossa instrução. (CM V,1)*

Cirilo inicia esclarecendo particularidades nos ritos litúrgicos, orientando quanto a possíveis equívocos provenientes de uma ignorância da liturgia. Chama a atenção para o significado do ritual dos sacerdotes lavarem as mãos, como símbolo de pureza, irrepreensibilidade das ações e dignidade das obras realizadas<sup>491</sup>. O gesto é símbolo da atitude penitencial, de reconhecimento das faltas, arrependimento e compromisso com o Mistério pascal.

*Vistes o diácono oferecer água ao pontífice e aos presbíteros que rodeiam o altar de Deus para lavarem-se. (...) Lavar as mãos é símbolo de que nos devemos purificar de todos os pecados e de todas as faltas. Já que as mãos são símbolos das obras, lavamo-las, indicando evidentemente pureza e a irrepreensibilidade das obras. Não ouviste como o bem-aventurado Davi te introduziu neste mistério ao dizer: 'Lavarei as mãos entre os inocentes e andarei ao redor do teu altar, Senhor?' Então, lavar as mãos é estar limpo de pecado. (CM V,2*

O verbo usado por Cirilo para expressar a introdução no Mistério é *μυσταγωγῶντος* - *te introduziu* - no sentido de conduzir pelo Mistério, é uma ação mistagógica. Aquele que introduz é o mistagogo, o mediador entre o Mistério e a inserção do neófito nesta experiência pelo rito sacramental.

Prossegue citando o ósculo da paz, gesto de acolhida fraterna, de perdão, de esquecimento de mágoas, de reconciliação entre todos para estarem diante do altar de forma integral, sem divisões pessoais ou divisões comunitárias.

*Depois o diácono proclama: 'Acolhei-vos mutuamente e dai-vos o ósculo da paz'. Não suponhas que este ósculo seja como os que os amigos íntimos se dão na praça pública. (...) Este ósculo une as almas entre si e é para elas penhor de esquecimento de todos os ressentimentos. É sinal de que as almas se unem e afastam toda lembrança de toda injúria. Por isso Cristo disse: 'Quando fores apresentar uma oferta perante o altar, e ali te lembrares de que teu irmão tem algo contra ti, deixa ali a tua oferta diante do altar, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão, depois volta para apresentar a tua oferta'. Então, o ósculo é reconciliação, e é por esta razão que é santo.(...)(CM V,2-3)*

Após este gesto de reconciliação comunitária, o sacerdote convida todos a elevarem seus corações para junto de Deus, abandonando preocupações e voltando-se totalmente para a celebração eucarística<sup>492</sup>. A Catequese é construída com afirmações, citações bíblicas, direcionando o olhar para as atitudes pessoais,

<sup>491</sup> Neste período o significado simbólico do gesto de 'lavar as mãos' já é presente entre os Padres da Igreja, e também aparece em Teodoro de Mopsuestia, como rito de purificação e correção nas atitudes. Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 94.

<sup>492</sup> Ibid., p. 95.

para a vida, frente às palavras que ouve e que profere, ao seu significado e consequente compromisso, que vai assumindo ao longo da celebração.

A anáfora é concluída com uma ação de graças pela gratuidade do amor de Deus por cada um de nós e por nossa adoção como seus filhos em Jesus Cristo. O adjetivo que denota a bondade de Deus – *Deus benevolente* – é apresentado na fonte grega pela expressão - φιλόνηθρωπον θεόν - na qual encontramos um rosto de Deus dedicado aos homens, aos seus filhos, Deus que ama.

*Depois disso o sacerdote proclama: ‘Corações ao alto!’ Verdadeiramente, nesta hora mui tremenda, é preciso ter o coração no alto, junto de Deus, e não embaixo, na terra, nas coisas terrenas. Com autoridade, pois, o sacerdote ordena que nesta hora se abandonem todas as preocupações da vida e os cuidados domésticos e que se tenha o coração no céu, junto ao Deus benevolente.*

*Vós então respondeis: ‘Já o temos no Senhor!’ assentindo à ordem por causa do que confessais. Ninguém esteja presente dizendo apenas com a boca: ‘Nós os temos no Senhor’, tenho a mente voltada para as preocupações da vida. Sempre devemos estar lembrados de Deus. Se isso é impossível pela fraqueza humana, naquela hora isto é o que mais deve ser procurado.*

*Depois diz o sacerdote: ‘Demos graças ao Senhor’. Deveras, devemos agradecer-lhe, porque sendo indignos chamou-nos a tamanha graça que nos reconciliou, sendo seus inimigos, e nos fez dignos da adoção do Espírito. (CM V,4-5)*

Após este princípio de ação de graças, segue a prece de louvor por toda a criação que é dom de Deus, sinal do seu imenso amor que transborda para todos os seus filhos. Cirilo propõe uma atitude contemplativa de amor e louvor ao Santo dos Santos, por toda a Criação visível e invisível, associando-os aos anjos, que cantam as maravilhas de Deus.

*Depois disso mencionamos o céu, a terra e o mar, o sol e a lua, os astros, toda criatura racional e irracional, visível e invisível, os anjos e arcanjos (...). ‘Santo, santo, santo, é o Senhor dos exércitos.’ Por isso recitamos essa doxologia que nos foi transmitida pelos serafins, para que neste canto nos associemos aos exércitos celestes. (CM V,6)*

A Celebração Eucarística prossegue com a oferta e consagração do pão e do vinho ao Senhor, para que se tornem alimento espiritual, pelo dom do Espírito Santo. Cirilo chama este momento de sacrifício espiritual, memória do sacrifício de Cristo e, na presença do corpo e sangue de Jesus sobre o altar, a comunidade faz suas orações pela paz, pelos aflitos e doentes, pelos que faleceram, pela Igreja e seus ministros, pelos pecadores.

A oração tem um caráter claramente comunitário e eclesial, conduzindo os fiéis à dimensão universal do Mistério experimentado nesta Celebração e caracterizando a importância da oração comunitária, diante da mesa eucarística, do próprio Jesus que se entrega a cada celebração, para resgatar toda a humanidade para a plenitude do projeto de Deus.

Passo a passo, a Catequese revê os pedidos num processo que vai abarcando a realidade atual, o passado e o futuro, a História da Salvação, os que nos precederam, o serviço do magistério eclesial, e também a remissão dos pecadores.

*Em seguida, realizado o sacrifício espiritual, o culto incruento, em presença desta vítima de propiciação, invocamos a Deus pela paz comum das igrejas, pelo bem-estar do mundo, pelos imperadores, pelos exércitos e aliados, pelos doentes, pelos aflitos e, em geral, todos nós rezamos por todos aqueles que têm necessidade de socorro e oferecemos essa vítima.*

*Depois fazemos menção dos que adormeceram, primeiro dos patriarcas, profetas, apóstolos, mártires, para que Deus, por suas preces e intercessão, aceite nossa súplica. Depois ainda rezamos pelos santos padres, bispos adormecidos e, enfim, por todos os que nos precederam, persuadidos de que será de máximo proveito para as almas, pelas quais a súplica é elevada ante a santa e tremenda vítima. (CM V,8-9)*

A oração tem uma dimensão de solidariedade fraterna, a comunhão dos santos, na intercessão junto ao Pai pela caminhada pessoal e comunitária, para a salvação de todos. Céu e terra se unem, vivos e falecidos, numa única prece diante do Mistério eucarístico.

A partir daí, Cirilo desenvolve uma reflexão especial sobre a oração do Pai Nosso, aprofundando cada pequeno verso numa oração que envolve citações bíblicas e aplicações existenciais. Poderia ser nova *Catequese Mistagógica* pois é densa e desenvolvida com muitos detalhes.

Na primeira orientação, Cirilo apresenta uma visão global da oração, explicitando seus principais aspectos em poucas palavras. O Pai Nosso é a oração que o próprio Deus ensinou ao Filho; esse Deus é Pai de imensa bondade e misericórdia, pois perdoa os pecados e nos convida a participar da graça, nos tratando como filhos.

*Depois disso, tu dizes aquela oração que o Salvador transmitiu aos discípulos, atribuindo a Deus, com pura consciência, o nome de Pai e dizes: 'Pai nosso, que estás nos céus'. Ó incomensurável benignidade de Deus! Aos que o tinham abandonado e jaziam em extremos males é concedido o perdão dos males e a*

*participação da graça, a ponto de ser invocado como Pai. Pai nosso que estás nos céus. Os céus poderiam bem ser os que portam a imagem do mundo celestial, nos quais Deus habita e vive. (CM V,11)*

Ao final do texto, vemos que Cirilo propõe um novo significado para ‘os céus’. Não reforça uma imagem abstrata, mas de convivência e de transparência, um céu que se experimenta onde Deus habita e vive, através do testemunho e da vivência do Seu projeto.

Observemos como Cirilo revê os conceitos religiosos presentes nas culturas e vai reconstruindo pedagogicamente, a partir das reflexões sobre o Pai Nosso, passo a passo, cada conceito fundamental na formação cristã.

Prossegue no Pai Nosso, refletindo sobre o significado do ‘nome Santo’ de Deus e do compromisso de cada um de nós com essa ‘santidade’. O tema é trabalhado no contexto conhecido pelo judaísmo, em que a ‘santificação’ era parte da oração judaica, a petição está voltada para o horizonte escatológico, para o fim dos tempos. Cirilo está em unidade com os profetas do Antigo Testamento, proclamando a dinâmica entre a santidade de Deus e o testemunho de santidade dos homens<sup>493</sup>.

Na mesa eucarística, as ofertas são santificadas, assim como os fiéis que tomarão parte neste Mistério, no entanto, só um é o Santo. Cirilo provoca uma dinâmica em torno do conceito de santidade, por participação, como processo, como caminho de encontro com o Santo, elevando a dignidade de cada pessoa e, ao mesmo tempo, reconhecendo a indignidade de cada um diante do Santo dos santos<sup>494</sup>. A santidade e o agir moral humanos são possíveis na participação da santidade e da vida de Cristo<sup>495</sup>.

Nesta catequese o conceito de ‘santidade’ está relacionado com o testemunho e as obras que corroboram para a revelação de Deus para o mundo. Dessa forma, encontramos aqui uma preparação para o tema a seguir, o reino de Deus. É tratado como uma oração de petição, assim como a entrega do projeto de vida pessoal e de toda a humanidade, nas mãos de Deus.

*‘Santificado seja teu nome’. Santo é por natureza o nome de Deus, quer o digamos ou não. Mas uma vez que naqueles que pecam por vezes é profanado, segundo o que diz: ‘Por vós meu nome é continuamente blasfemado entre as*

<sup>493</sup> Cf. FIGUEIREDO, F. op. cit., p. 51.

<sup>494</sup> Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 96.

<sup>495</sup> Cf. ARAÚJO, J. M. op. cit., p. 789.

*nações’, oramos que em vós o nome de Deus seja santificado. Não que por não ser santo chegue a sê-lo, mas porque em nós ele se torna santo quando nos santificamos e praticamos obras dignas de santificação.*

*‘Venha o teu reino’. É próprio de uma alma pura dizer com confiança: ‘Venha o teu reino’. Quem ouviu Paulo dizer: ‘Que o pecado não reine em vosso corpo mortal’, e se purificar em obra, pensamento e palavra, dirá a Deus: ‘Venha o teu reino’.*

*‘Seja feita a tua vontade, assim no céu como na terra’.(...) Rezando, pois, com vigor, dize isto: Como nos anjos se faz a tua vontade, Senhor, assim na terra se faça em mim. (CM V,12-14)*

Também aqui Cirilo não abandona seu método alicerçado na Sagrada Escritura. Sua reflexão é pautada na Palavra, como quem reafirma a cada passo o primado absoluto de Deus e sua Revelação presente na Palavra. Com esta metodologia, Cirilo não parte de si mesmo, não ensina a si mesmo, através de considerações pessoais, mas anuncia o Senhor e seu projeto, até mesmo na escolha das mediações pedagógicas para seus ensinamentos.

Observemos também como a Catequese sobre o Pai Nosso é um verdadeiro diálogo entre o céu e a terra, assim como a encarnação de Jesus é a própria moradia de Deus entre nós, as palavras do Pai Nosso, cada vez que proferidas, se tornam dinâmica mistagógica nesta aproximação entre Deus e seus filhos e filhas.

O tema do ‘pão cotidiano’ é compreendido como símbolo do alimento espiritual, aquele que manterá erguida a dignidade de filho de Deus, a cada dia.

*Nosso pão substancial dá-nos hoje’. O pão comum não é substancial. Mas este pão é substancial, pois se ordena à substância da alma. Este pão não vai ao ventre nem é lançado em lugar escuso, mas se distribui sobre todo o organismo, em proveito da alma e do corpo. O ‘hoje’ equivale a dizer de ‘cada dia’, com também dizia Paulo: ‘Enquanto perdura o hoje’. (CM V,15)*

Na sequência, Cirilo comenta os versos do perdão dos pecados, da tentação e da presença do mal no mundo. Ele exorta os fiéis a uma postura consciente, de arrependimento e humildade diante de Deus e dos irmãos, reconhecendo as próprias situações de pecado.

Cirilo trata o termo ‘dívidas’ como sinônimo de ‘ofensas’ e não como dívidas de cunho material. Há uma desproporção entre nossas ofensas a Deus e as ofensas do irmão contra nós e, portanto, a exigência do perdão como um gesto simples de nossa parte, perto do amor de Deus que perdoa nossas faltas

gravíssimas. O perdão ao irmão é uma atitude consequente diante da misericórdia divina.

*E perdoa-nos as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores'. Temos muitos pecados. Caímos, pois, em palavra e em pensamento e fazemos muitas coisas dignas de condenação. 'E se dissermos que não temos pecado, mentimos', como diz João. Fazemos com Deus um pacto pedindo-lhe que nos perdoe nossos pecados como também nós perdoamos ao próximo suas dívidas. Tendo presente, portanto, o que recebemos em troca do que damos, não sejamos negligentes, nem deixemos de perdoar uns aos outros. As ofensas que se nos fazem são pequenas, simples, fáceis de reconciliar. As que nós fazemos a Deus são enormes e temos necessidade só de sua benignidade. Cuida, então, que por faltas pequenas e simples contra ti não te excludas do perdão, por parte de Deus, dos pecados gravíssimos. (CM V,16)*

O pecado é apontado como queda, e, às vezes, também como intenção. A atitude de vigilância e de tomada de consciência faz parte de um processo de amadurecimento e reconhecimento das próprias limitações e da necessidade do amor de Deus para agir com a dignidade de filho de Deus.

A tentação é abordada como algo que faz parte do processo vital e das escolhas fundamentadas no projeto de Deus. No entanto, o diferencial não é que não existam, mas que não se sucumba às tentações, deixando-se levar por elas, sem uma atitude de confronto e luta pela superação. A petição do Pai Nosso se dá no sentido do fortalecimento, a fim de se salvar nos momentos de tentação. É a graça de Deus que potencializa esta superação.

Onde o texto traduzido apresenta a fórmula '*não nos induzas*', o texto grego traz o termo – εἰσενέγκης – que, em nossa percepção, indica um pedido de fortalecimento, de uma ação de impedimento, como uma ação mistagógica do próprio Deus, que conduz e fortalece seus filhos para o combatimento, para a superação das tentações.

O verso final do Pai Nosso refere-se ao livramento do mal. Este é atribuído a um ente, um ser que personifica o mal e que é adversário de Deus e de seu projeto.

*E não nos induzas em tentação', Senhor. (...) Mas entrar em tentação jamais é o mesmo que ser submerso por ela. A tentação, pois, se assemelha a uma torrente difícil de atravessar. Os que, então, não são submersos nas tentações, atravessam, como bons nadadores, sem serem arrastados pela corrente. Os que não são assim, uma vez que entram, são submersos. Assim, por exemplo, Judas, entrando na tentação da avareza, não passou a nado, mas, submergindo, afogou-se corporal e espiritualmente. Pedro entrou na tentação de negação, mas, tendo entrado, não submergiu; antes, nadando com vigor, se salvou da tentação. (...)*

*‘Mas livra-nos do Mal’. Se a expressão ‘não nos induzas em tentação’ significasse não sermos de modo algum tentados, não se diria: ‘Mas livra-nos do Mal’. O Mal é o demônio, nosso adversário, do qual pedimos ser libertos.(CM V,17-18)*

Ainda sobre este tema, observemos os dois modelos apresentados por Cirilo, Judas e Pedro. Judas é uma chave de compreensão para aquele que submerge à tentação, o que, para ele, é fatal, porque conduz ao afastamento de Deus, ao desespero e à morte. Pedro passa pela tentação, a experimenta e até parece sucumbir a ela. No entanto, vive um processo de combate interior, espiritual, de discernimento e renovação da orientação fundamental de sua vida. Cirilo não nega a presença do mal, das tentações, e mesmo a própria experiência de errar, no sentido de sucumbir. O processo de amadurecimento exige tomada de consciência e direcionamento no sentido de combater as causas daquela tentação e caminhar na direção que fundamenta a salvação. Portanto, não significa que aquele que assume o caminho cristão não passe por tentações, não erre mais, porém ao abrir-se à graça e misericórdia de Deus, é fortalecido para superar as limitações e prosseguir no seguimento de Jesus.

Na tradução com a qual estamos trabalhando, o ‘mal’ aparece com letra maiúscula, em outras a palavra utilizada é ‘o maligno’. Nas duas formas, vemos mais uma vez a personalização do mal, recorrente nas Catequeses e formalmente afirmada ao final deste trecho. O Mal é a causa do desvio, o que induz ao erro, ao pecado, ao afastamento, às tentações plurais que se encontram no caminho do cristão. Ao Mal, com letra maiúscula, só o Bem pode combater, numa referência a Deus, supremo e único Bem.

O verso final é também apresentado como um selo de conclusão – ‘*amém*’ – e o texto bíblico que Cirilo traz aqui é o ‘sim’ de Maria, o ‘fiat’ que aceita, na liberdade e na responsabilidade, participar do projeto de Deus. O sentido do ‘amém’ colocado ao final do Pai Nosso indica a aliança, um projeto que se assume no cotidiano, um consentimento livre de que a Graça de Deus oriente todo o seu agir. Cirilo desperta nos catecúmenos a consciência cada vez mais profunda de que sua existência e seu agir moral estão enraizados no ser e no agir de Cristo<sup>496</sup>.

---

<sup>496</sup> Cf. ARAÚJO, J. M. op. cit., p. 788.

*Depois, terminada a prece, dizes: ‘amém’, selando com este amém – que significa ‘faça-se’ – o que contém na oração ensinada por Deus. (CM V,18)*

Esta Catequese sobre a Celebração Eucarística caminha agora para a etapa final, para o momento da comunhão, da participação de cada um no Mistério eucarístico. Retoma o tema da santidade, ao qual somos chamados e já participantes pelo dom de Deus. O tema da Eucaristia, já trabalhado na Catequese específica sobre o Pão e o Vinho, é lembrado brevemente, num zelo mistagógico.

Após chamar a atenção sobre o momento de culminância de toda a mistagogia que vêm experimentando, Cirilo dedica-se ao momento da comunhão, integrando as dimensões corporais, espirituais, intelectuais. O texto é belíssimo, vale a pena deliciar-se com sua descrição mistagógica.

*Ao te aproximares da comunhão, não vás com as palmas das mãos estendidas, nem com os dedos separados; mas faze com a mão esquerda um trono para a direita como quem deve receber um Rei no côncavo da mão espalmada recebe o corpo de Cristo, dizendo: ‘Amém’. Com segurança, então, santificando teus olhos pelo contato do corpo sagrado, toma-o e cuida de nada se perder. Pois se algo perderes é como se tivesses perdido um dos próprios membros. Dize-me: se alguém te oferecesse lâminas de ouro, não as guardarias com toda segurança, cuidando que nada delas se perdesse e fosses prejudicado? Não cuidarás, pois, com muito mais segurança de um objeto mais precioso que ouro e pedras preciosas, para dele não perderes uma migalha sequer?*

*Depois de teres comungado o corpo de Cristo, aproxima-te também do cálice do seu sangue. Não estendas as mãos, mas inclina-te, e, num gesto de adoração e respeito, dize ‘amém’. Santifica-te tomando também o sangue de Cristo. E enquanto teus lábios ainda estão úmidos, roça-os de leve com tuas mãos e santifica teus olhos, tua frente e teus outros sentidos. Depois, ao esperares as orações finais, rende graças a Deus que te julgou digno de tamanhos mistérios. (CM V,21-22)*

Observemos o cuidado com os detalhes, com que Cirilo relembra a experiência da comunhão do Corpo e Sangue de Jesus Cristo. A comunhão em duas espécies, o pão e o vinho, separadamente, cada um com seu ritual de acolhida do Mistério e de entrega pessoal ao dom de Deus. As mãos, o olhar, todo o ser deve convergir para o Mistério que se revela e do qual é convidado a participar integralmente. A reverência ao sagrado é feita na integralidade da pessoa. Com o exemplo da preciosidade das lâminas de ouro vemos que, mais uma vez, Cirilo se aproxima da realidade de seus ouvintes, perfazendo um ensinamento que possam compreender concretamente e render-se ao grande Mistério que está diante de seus olhos e a cada um se confia e se entrega. A

santificação dos olhos, da frente e outros sentidos é um convite à dimensão integral do processo santificador.

Ao final da comunhão, Cirilo convida ao encontro pessoal com Jesus e à ação de graças na intimidade de quem participa da santidade do Senhor e, por isso, é resgatado e elevado à dignidade pelo próprio Senhor.

*Conservai inviolavelmente essas tradições e vós mesmos guardai-vos sem ofensa. Não vos separeis da comunhão nem pela mancha do pecado vos priveis desses santos e espirituais mistérios.*

*‘O Deus da paz santifique-vos completamente. Conserve-se inteiro o vosso espírito, e a vossa alma e o vosso corpo sem mancha, para a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo’, a quem a glória pelos séculos dos séculos. Amém. (CM V,23)*

Cirilo reforça o ensinamento quanto à tradição da qual agora são herdeiros, guardiães e transmissores. É uma referência ao Povo de Deus, à Aliança firmada entre Deus e os homens e renovada em Jesus Cristo, às comunidades apostólicas e ao Magistério que orienta a caminhada eclesial. Todos os mistérios do qual participaram e os ensinamentos que receberam possuem uma história da qual agora fazem parte, uma tradição ao qual devem honrar e preservar com suas vidas e escolhas existenciais. Nem mesmo os erros e limitações que conduzirem ao pecado devem ser motivo para se afastarem do dom de Deus.

O verso conclusivo é uma oração de ação de graças, uma exortação, uma bênção sacerdotal pela santificação plena de cada um e de toda a comunidade ali reunida em nome do Senhor.

Com esta primeira leitura das *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém, nos deparamos com a sabedoria de um dos grandes Padres da Igreja. Cirilo foi um homem atento ao seu tempo, com uma espiritualidade que se expressa na delicadeza e adequação de suas palavras, e na pedagogia com a qual fundamenta seus ensinamentos, sempre na Sagrada Escritura. Ele orienta a Iniciação Cristã de Adultos como um caminho pelo qual catequista, neófitos, comunidade, Igreja, Povo de Deus, todos caminham juntos.

Neste processo catecumenal observamos alguns pontos-chave:

1. Atenta fidelidade à dogmática e à Tradição ao longo dos ensinamentos;
2. Adequação de linguagem de acordo com o grupo e as questões sociais e teológicas com as quais convivem;

3. Embasamento na Sagrada Escritura;
4. Integração entre catequese-liturgia-Palavra de Deus-vida prática;
5. Atitude paterna, pastoral, amorosa e misericordiosa;
6. Centralidade no Mistério Pascal;
7. Foco na experiência litúrgica;
8. Exortação constante à vigilância diante do mal e das tentações;
9. Motivação à atitude contemplativa e orante diante do Mistério do qual os neófitos já participam;
10. Construção pedagógica dos conceitos centrais da fé cristã;
11. Conscientização da pertença eclesial;
12. Conscientização quanto à continuidade do caminho de seguimento e necessidade da perseverança.

Estes elementos reunidos delineiam o rosto de um místico e um catequista da Igreja, que reflete em sua ação pastoral, uma dinâmica da qual não apenas anuncia, mas que experimenta em sua própria espiritualidade. É esse referencial que faz com que cada homilia de Cirilo seja um verdadeiro caminho mistagógico. Sua mistagogia brota de sua própria experiência de encontro com o Senhor, que o envia a este serviço pastoral-pedagógico, e dela também sua profunda sintonia com seu tempo e sua Igreja.

## 2.3

### O eixo mistagógico em Cirilo. Teologia e Pedagogia em parceria

Até esta etapa, nossa investigação procurou apreender a obra de Cirilo, através da análise de edições críticas e, principalmente, por meio das palavras que chegaram até nós nas *Catequeses*, especialmente, as *Catequeses Mistagógicas*. Deixamos que as palavras de Cirilo ecoassem em nossa compreensão e espiritualidade, num verdadeiro processo catequético, no sentido de ‘ouvir a voz que ressoa’<sup>497</sup> e convida a colocar em prática os ensinamentos recebidos. Fizemos,

---

<sup>497</sup> Etimologicamente, a palavra catequese procede do verbo *katecheo*, de origem grega: *katá* (a partir de) + *echos* (voz, fala, eco) -, que significa ressoar, fazer ecoar junto aos ouvidos. O ensinamento catequético é como um eco, o ressoar da Palavra de Deus mediante a voz do catequista. J. A. Silva apresenta a etimologia e aplicações do termo desde sua origem grega até nossos tempos, chamando a atenção para a idéia de ‘eco’, de ‘ressoar’, com a conservação do ‘ch’ no português arcaico (catechese), e ainda hoje, no francês (catéchèse) e no italiano (catechesi). “Podemos então dizer que a palavra catequese remete ao ecoar de algo que, na tradição cristã, é a

também nós, a experiência do catecúmeno ouvindo o mestre e acolhendo no coração e na vida o convite que vem do próprio Senhor: “*O Deus de toda graça, que vos chamou à sua glória eterna em Cristo, Ele vos restabelecerá depois que tiverdes sofrido por um pouco de tempo; Ele vos firmará, vos fortalecerá e vos há de tornar inabaláveis*”<sup>498</sup>.

Nessa etapa de nosso trabalho, buscaremos compreender a teologia que se encontra subjacente às homilias catequéticas, o pensamento do autor e a metodologia que, como fios integrados de um mesmo tecido, visam responder aos desafios pastorais de seu tempo.

A fim de nos situarmos no contexto em que o autor desenvolve as Catequeses Mistagógicas, relembremos brevemente alguns fatores importantes para nossa análise.

1. O processo de discernimento e amadurecimento da dogmática cristã e a presença das controvérsias, evidenciando-se a teologia trinitária e as heresias de cunho ariano, marceliano e sabeliano;

2. A Iniciação Cristã está dando seus primeiros passos na organização e sistematização de um processo catequético, fundado na Sagrada Escritura, na fé transmitida pelos apóstolos e na legitimidade do magistério eclesial. Desenvolve-se uma formação com base na Palavra de Deus, na liturgia como mistagogia, no compromisso explicitado na mudança de vida, e no testemunho pessoal e comunitário;

3. A diversidade cultural dos iniciantes na fé cristã, com a presença de um grupo simples, proveniente da própria Jerusalém, mas também de grupos pagãos e grupos provenientes do judaísmo<sup>499</sup>;

4. A compreensão de liturgia e dos sacramentos que observamos nas homilias do autor é presente em outros Padres da Igreja, contemporâneos de Cirilo, mas possui traços característicos de sua originalidade. A liturgia ocupa

---

Palavra que ecoou pelo mundo a partir do mistério de Cristo, e continua re-ecoando aos nossos ouvidos nas celebrações litúrgicas, quando a Palavra é proclamada e explicada, e quando fazemos memória do mistério pascal pelos Sacramentos, pelo Ofício divino e tantos outros tipos de celebrações litúrgicas”. SILVA, J. A. Relação entre Catequese e Liturgia. Uma visão histórico-teológica geral. In: SIVINSKI, M. e SILVA, J. A. (orgs) *Liturgia no coração da vida*. São Paulo: Paulus, 2006, pp. 133-134; Cf. SAEZ, J. L. Catecumenato. In: *Dicionário de Espiritualidade*. FIORES, S. G. T. (org.) São Paulo: Paulus, 1998, p. 99.

<sup>498</sup> 1Pd 5,10. Início da Primeira Catequese Mistagógica, convite à oração diante da Palavra de Deus. Cf. CIRILO DE JERUSALÉM. Petrópolis: Vozes, op. cit., p. 25.

<sup>499</sup> Cf. DRIJVERS, J. W. op. cit., Introd. XV. pp. 6-8.

lugar central na experiência cristã, é compreendida como lugar teológico, onde a pessoa se identifica com Cristo em sua centralidade salvífica e a relação entre liturgia e vida sacramental é integrada;

5. O ‘locus’ teológico que significa a cidade de Jerusalém, especial para o desenvolvimento do trabalho pastoral de Cirilo. Uma das primeiras comunidades cristãs, respeitada pelo Magistério como ‘mãe’ das comunidades eclesiais. A grande presença de peregrinos na chamada ‘cidade santa’ e forte conexão entre a topografia e a liturgia<sup>500</sup>.

Colocados esses pressupostos, vejamos como o autor das *Catequeses Mistagógicas* atua como teólogo e como catequista, estabelecendo um diálogo entre o anúncio evangélico e a problemática de seu tempo. Cirilo não prescinde de nenhum dos dois desafios. Persevera no anúncio querigmático, em um processo de evangelização fiel à sua compreensão teológica e ao Magistério. Leva em consideração as características dos grupos de iniciantes, seu contexto social, cultural e religioso e, de forma original, constrói um caminho mistagógico.

Estabeleceremos um diálogo com Cirilo de Jerusalém, a partir de características que irrompem como categorias da teologia subjacente em suas *Catequeses*. No decorrer da nossa leitura, procuramos nos aproximar do jeito de ser e agir deste pastor da Igreja, estabelecendo um vínculo, uma familiaridade com eles<sup>501</sup>. A partir daí fizemos uma releitura dos textos, procurando interpelá-los, através de um diálogo que procurou recolher os fundamentos teológicos e o eixo mistagógico presente nas *Catequeses Mistagógicas*. Em um terceiro momento, organizamos sistematicamente as categorias recolhidas dessa fonte da Tradição, com uma hermenêutica atenta ao próprio Cirilo de Jerusalém e à relevância de sua Mistagogia para todos os tempos<sup>502</sup>.

Estas categorias serão apresentadas como referenciais para nossa interpretação e como critérios abalizadores para experiências contemporâneas.

<sup>500</sup> Ibid., pp. 79-83.

<sup>501</sup> Procuramos seguir as orientações quanto aos estudos patrísticos a partir dos especialistas. Cf. PADOVESE, L. op. cit., pp. 39-40. Esta leitura das obras patrísticas é orientada por A. Grillmeier e compartilhada por H. Von Balthasar e B. Studer. Cf. GRILLMEIER, A. *Cristo en la tradición cristiana*. Salamanca: Sígueme, 1997; VILANOVA, E. *Historia de la Teologia Cristiana*. V.I. Barcelona: Herder, 1987, p. 136.

<sup>502</sup> Nesta etapa seguimos as orientações presentes no trabalho de A. AMATO. *Studio dei Padri e teologia dogmática*. In: TRIACCA, A. M. e COVOLO E. *Lo studio dei padri della chiesa oggi*. Roma: Ateneo Salesiano, 1991, p. 89.

Elencamos a seguir as categorias teológicas identificadas nas Catequeses de Cirilo:

1. *A adequação da linguagem*
2. *A concepção de Liturgia*
3. *A ênfase na participação*
4. *A compreensão de Revelação*
5. *A estrutura narrativa da Sagrada Escritura*
6. *O Símbolo da Fé*
7. *O seguimento e a conversão existencial*
8. *O embasamento na Tradição*
9. *A perspectiva missionária*
10. *A dimensão contemplativa*

Reconhecemos que a reflexão teológica e a prática pastoral do tempo de Cirilo de Jerusalém não podem ser simplesmente transpostas para as comunidades atuais. Tenhamos, portanto, diante de nosso trabalho teológico, três premissas que orientaram este diálogo aproximativo:

1. Em primeiro lugar, o fato de que estamos diante de uma experiência da Tradição da Igreja, que é fonte de sabedoria e orientação firme com relação aos princípios fundamentais da fé cristã;

2. Em segundo lugar, nossa aproximação teológica será feita de forma narrativa, a partir de um encontro vivo com os textos de Cirilo de Jerusalém, em seu contexto histórico e vivência concreta;

3. Em terceiro lugar, a partir deste diálogo teológico, estaremos atentos a recolher os fundamentos que permanecem na mistagogia, a fim de que possam ser retomados como princípios orientadores para a Iniciação Cristã com Adultos em nosso tempo.

Discorreremos, a seguir, sobre cada categoria da mistagogia identificada, observando, porém, que cada uma é parte de uma única trama que tece o eixo mistagógico que estrutura o processo implementado por Cirilo de Jerusalém.

### **2.3.1**

#### **A Adequação da Linguagem**

Um primeiro traço marcante em nosso autor é a simplicidade e habilidade na linguagem. Cirilo é conhecido por sua capacidade como orador, simples sem ser superficial, desenvolve uma catequese rica em exemplos, em aconselhamentos práticos, existenciais<sup>503</sup>.

Sua linguagem se adequa a cada grupo cultural, sintonizando-se com as experiências de vida, com as questões próprias do meio ambiente cultural e social, com as dúvidas que pairam no período de formação na fé<sup>504</sup>.

Cirilo apresenta, em sua linguagem, grande habilidade pastoral, entremeando os textos bíblicos com a compreensão da liturgia vivenciada, aplicando os ensinamentos na vida cotidiana. E isso tudo sem perder a fundamentação teológica afinada com a ortodoxia da Igreja.

Vejamos alguns exemplos do que expomos:

*Esperei a ocasião presente, para encontrar-vos, depois desta grande noite, mais preparados para compreender o que se vos fala e levar-vos pelas mãos ao prado luminoso e fragrante deste paraíso. (CM I,1)*

*E assim como nosso Salvador passou três dias e três noites no coração da terra, do mesmo modo vós, com a primeira emersão, imitaste o primeiro dia de Cristo na terra, e com a imersão, a noite. Como aquele que está na noite nada enxerga e ao contrário o que está no dia tudo enxerga na luz, assim vós na imersão, como na noite, nada enxergastes; mas na emersão, de novo vos encontrastes no dia. E neste momento morrestes e nascestes. (CM II,4)*

Mas não será por acaso que Cirilo faz uso dessa metodologia na linguagem catequética. As palavras de Cirilo, mesmo que não registradas por escrito pelo autor, são maduras, selecionadas para seus ouvintes, demonstrando conhecimento da comunidade que tem diante de si e dos desafios culturais e teológicos que vêm experimentando. A sensibilidade pastoral presente em suas homilias reflete um pastor atento, presente, acompanhando não apenas a comunidade de fiéis, mas também a sociedade em suas mudanças e interpelações à vida cristã<sup>505</sup>.

Essa é uma das características que nos deteremos mais adiante, de alguém que tem um eixo pastoral-pedagógico e, ao mesmo tempo, profunda espiritualidade e compreensão da liturgia como experiência de diálogo entre Deus e seus filhos e filhas.

<sup>503</sup> Cf. RIGGI, C. op. cit., p. 8; BIELSA, J.S. op.cit., pp. 16-17; PIEDÁGNEL, A. op. cit., p. 71.

<sup>504</sup> Cf. CROSS, F. L. op. cit., introd. pp. XXXIII-XXXIV e p.11; RIGGI, C. op. cit, p. 8; HAMMAN, A. op. cit., p. 212.

<sup>505</sup> Cf. BIELSA, J.S. op. cit., pp. 16-17.

### 2.3.2

#### A concepção de Liturgia

A segunda característica que se nos apresenta é a concepção de liturgia que alicerça as *Catequeses Mistagógicas*.

Estamos em um período no qual a liturgia é nuclear na formação e vivência do Cristianismo<sup>506</sup> e Cirilo comunga do mesmo processo que seus contemporâneos na reflexão teológica e orientação pastoral<sup>507</sup>. A dimensão pascal é central e, conseqüentemente, vigora o cristocentrismo do processo de salvação, tanto no plano antropológico quanto cosmológico<sup>508</sup>.

O primado da experiência litúrgico-sacramental é claro. É esta experiência que potencializa a formação dos neófitos. Nela se reúnem as condições da própria dinâmica da Revelação: a iniciativa de Deus, a ação sacramental, a configuração em Cristo Jesus, a revisão e mudança de vida, o testemunho e o compromisso comunitário-eclesial.

Os ritos litúrgicos têm valor sacramental. Não são apenas representativos, no sentido simbólico, mas são performativos, configurando cada fiel que experimenta a liturgia, em Cristo Jesus. As catequeses também nos falam do valor representativo e catequético dos ritos litúrgicos, mas a centralidade destes é o valor sacramental, de inserção de cada pessoa e da existência humana, no Mistério pascal<sup>509</sup>.

E. Mazza<sup>510</sup> explicita o enraizamento crístico nessa compreensão da liturgia e de seus ritos: “As ações de Cristo são portadoras de salvação, de sacramentalidade, como a imersão batismal, a nudez, que significa despir-se do

<sup>506</sup> Jerusalém tem um grande e inovador papel no desenvolvimento da liturgia na Igreja nascente, e Cirilo foi bastante responsável pela evolução dos ritos e expansão da liturgia que acontecia no IV séc. Jerusalém era uma exportadora de práticas litúrgicas para o resto do mundo cristão. Cf. DRIJVERS, J.W. op. cit., p. 71; CROSS, F. L. op. cit., Introd. p. XXXIV.

<sup>507</sup> Cf. YARNOLD, E. *The awe inspiring rites of initiation*. op. cit. Neste trabalho Yarnold analisa a configuração dos ritos de Iniciação Cristã através das obras catequéticas de Ambrosio de Milão, João Crisóstomo, Cirilo de Jerusalém e Teodoro de Mopsuestia.

<sup>508</sup> Cf. RIGGI, C. op. cit., p. 8.

<sup>509</sup> Cf. MAZZA, E. op. cit., p. 176.

<sup>510</sup> E. Mazza analisou a mistagogia como ‘Teologia da Liturgia na época patrística’, não apenas em Cirilo de Jerusalém, mas também em seus contemporâneos: Ambrosio de Milão, Teodosio de Mopsuestia e João Crisóstomo. Cf. MAZZA, E. *La Mistagogia. Una Teologia della Liturgia in epoca patristica*. Roma: Edizioni Liturgiche. 1988

homem velho. Não se trata de significados, mas de ações, de eventos que são portadores de salvação”<sup>511</sup>.

Cirilo trabalha com o conceito de *mimesis*, no sentido de imitação que configura a criatura naquele que é seu ‘modelo’. Na dimensão pascal celebrada nos rituais litúrgicos, não apenas se faz memória, mas verdadeiramente se experimenta a *mimesis* do Cristo. Em Cirilo, imitação é identidade e, liturgicamente, identificação crística. É um conceito sacramental, que não indica o ritual na sua perspectiva visível, mas a dimensão interna e invisível da celebração<sup>512</sup>. Nas Catequeses a ‘imitação’ experimentada através dos ritos litúrgicos, tem eficácia e valor sacramental.

*No mesmo momento morrestes e nascestes. Esta água salutar tanto foi vosso sepulcro como vossa mãe. (CM II,4)*

*Ora, vós vos tornastes cristos, recebendo o sinal do Espírito Santo, e tudo se cumpriu em vós em imagem, pois sois imagens de Cristo. (CM III,1)*

Cirilo está em harmonia com o pensamento de seus contemporâneos e da patrística: a liturgia é sacramental, mas distinta do momento histórico de salvação<sup>513</sup>. Em Cirilo, o que distingue o momento sacramental do momento histórico salvífico, é caracterizado com duas palavras diferentes: ‘imagem’ e ‘verdade’ – ‘ὄ τυπικῶς ἀλλ’ ἀληθῶς’<sup>514</sup>. (CM III,6)

*Passai agora comigo das coisas antigas às novas, da figura à realidade. (CM I,3)*  
*Não morremos em verdade, não fomos sepultados em verdade, não fomos crucificados e ressuscitados em verdade. A imitação é uma imagem; a salvação, uma verdade. (CM III,5)*

*(...) Mas essas coisas lhe aconteceram em figura. A vós, porém, não em figura, mas em verdade. Isso, já que o começo de vossa salvação remonta àquele que foi ungido pelo Espírito Santo. (CM III,6)*

Esta dinâmica entre a História da Salvação e o processo salvífico experimentado na liturgia sacramental é um eixo mistagógico. A Revelação é acontecimento e processo, é plena e econômica, é realização plena e caminho de seguimento de Jesus Cristo.

<sup>511</sup> MAZZA, E. op. cit., pp. 176-177.

<sup>512</sup> Ibid., pp. 174-177.

<sup>513</sup> Mais adiante retomaremos a relação entre *typos* e *antitypos* nas *Catequeses Mistagógicas*, aprofundando a relação com a liturgia.

<sup>514</sup> Cf. MAZZA, E. op. cit., pp. 177-178.

Ainda no que se refere à dimensão litúrgica da mistagogia de Cirilo, observamos o quanto a corporalidade está integrada aos ritos, gestos, ganhando significado simbólico. A corporalidade, forte elemento da liturgia, torna-se sinal sacramental, princípio que dá sentido e integra a pessoa humana na sua totalidade ao Mistério pascal. Nesse sentido, a liturgia respeita a dimensão profundamente simbólica da pessoa humana em sua corporalidade, e oportuniza uma espiritualidade igualmente densa de significados, uma experiência que escapa à própria linguagem cognitiva.

A integração do corpo, dos gestos, é feita também com cuidado pedagógico, respeitando a passagem que é experimentada no ritual, conduzindo à sensibilidade pessoal e coletiva, mais do que a racionalidade, a fim de ultrapassar uma compreensão intelectual. Estamos também aqui diante de uma forte dimensão da mistagogia, vivida como experiência inenarrável, mas que é percebida interiormente e ganha uma memória única, a memória simbólica experimentada pela própria pessoa, em sua corporalidade.

Apenas alguns trechos para ilustrar essa dimensão, pois toda a liturgia sacramental é marcada por gestos, o que tornaria muito extensa essa descrição.

*Entrastes primeiro no adro do batistério. Depois vos voltastes para o Ocidente e atentos escutastes. Recebestes então a ordem de estender a mão, e renunciastes a satanás como se estivesse ali presente. É preciso que saibais que na história antiga há uma figura deste gesto. (CM I,2)*

*Logo que entrastes, despistes a túnica. E isto era imagem do despojamento do velho homem com suas obras. Despídos, estáveis nus, imitando também nisso a Cristo nu sobre a cruz. (CM II,2)*

*Depois de despídos, fostes unguídos com óleo exorcizado desde o alto da cabeça até os pés. Assim, vos tornastes participantes da oliveira cultivada, Jesus Cristo. (CM II,3)*

Cirilo respeita uma antropologia, na qual o corpo, o entendimento, as emoções, não são elementos separados, mas integrados numa única experiência humana. Podemos dizer, em unidade com os liturgistas, que aqui há uma experiência viva da sacramentalidade do corpo<sup>515</sup>, na medida em que, os gestos não são meras repetições ou mímicas, mas são vividos simbolicamente, inseridos no Mistério litúrgico, e integrando a pessoa ao Mistério de Deus que a todos envolve.

<sup>515</sup> Cf. LAFONT, G. A experiência espiritual e o corpo. In: GOFFI, T. e SECONDIN, B. (orgs.) *Problemas e perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 16.

As *Catequeses Mistagógicas* procuram ajudar o neófito a compreender o significado dos gestos corporais que experimentou sacramentalmente, contudo, essa experiência fala por si, a cada neófito. Portanto, ao tratar da dimensão simbólica da liturgia, o que Cirilo intenta é construir uma linguagem que não visa definir a experiência, mas orientar para a grandeza do Mistério que é vivido.

Esta dimensão não tem caráter individualista, portanto, lembramos mais uma vez, o cuidado pedagógico de Cirilo no traçado da História da Salvação e da Tradição eclesial, associando cada gesto à representação e significado bíblico, ao Mistério de participação no corpo místico de Cristo, e na Igreja, corpo comunitário, sociedade visível e testemunha do Mistério na humanidade.

### 2.3.3

#### A ênfase na Participação

Para definir a relação entre o rito sacramental e o evento salvífico da Páscoa de Cristo, Cirilo faz uso recorrente do termo ‘*koinonia*’, no sentido de participação. É mais do que um simples termo pronunciado nas Catequeses, pois marca uma chave de leitura para compreensão da experiência vivida na liturgia sacramental<sup>516</sup>.

*O óleo exorcizado era símbolo, pois, da participação da riqueza de Cristo. (CM II,3)*

*Talvez dissesse estas coisas por causa de alguns, dispostos a ver o batismo como prodigalizador da remissão dos pecados e da adoção, mas não como participação, por imitação, dos verdadeiros sofrimentos de Cristo. (CM II,6)*

*Vós fostes ungidos com o óleo, feitos partícipes e companheiros de Cristo. (CM III,2)*

*Desse modo, ‘tornamo-nos partícipes da natureza divina’. (CM IV,3)*

O conceito de participação no Mistério pascal é um eixo mistagógico. A celebração torna sacramentalmente presente o Mistério salvífico a que faz referência: a Páscoa de Jesus Cristo. Na liturgia, o neófito experimenta verdadeiramente a plenitude da vida cristã ‘por meio’ e ‘na’ celebração eucarística.

Para a patrística a liturgia é o culto da Igreja, integrado no marco dos mistérios da Salvação. As ações litúrgicas são compreendidas como celebração do

<sup>516</sup> Cf. MAZZA, E. op. cit., pp. 179.

Mistério de Cristo; ritos que, em seu acontecer simbólico, manifestam, fazem presente e comunicam a morte e ressurreição do Senhor<sup>517</sup>. Os Padres da Igreja compreendem a liturgia neste eixo e Cirilo, sintonizado com esta teologia da liturgia, orienta este processo mistagógico: ao ser introduzido no Mistério pascal, pela dinâmica litúrgico-sacramental, cada pessoa é verdadeiramente participante do mesmo Mistério<sup>518</sup>.

A participação de cada pessoa, de cada cristão, no Mistério pascal constitui não apenas um gesto singular, mas pela própria sacramentalidade dos atos litúrgicos, participa da dinâmica da Revelação, a qual tudo conduz para o Reino definitivo, levando à plenitude a Igreja que caminha e, por seu envio e testemunho, toda a humanidade.

Ainda integrado com este conceito tão recorrente nas *Catequeses Mistagógicas*, o tema da participação nos conduz a uma visão eclesiológica. As instruções são realizadas em âmbito comunitário, assim como os sacramentos e toda a sua pregação integra o processo pessoal ao comunitário e, este, à dinâmica da História da Salvação, em unidade com todo o povo de Deus. Também as orações refletem essa visão eclesiológica, abrangendo a unidade de todos os fiéis e a comunhão dos santos<sup>519</sup>.

Cirilo está sintonizado com o vínculo entre liturgia e comunidade, entre comunidade local e comunidade universal. Não compreende a liturgia como um momento isolado no campo pessoal ou no campo da igreja local. As ações litúrgicas são experimentadas e interpretadas como celebrações eclesiais, como sacramento de todo o Povo de Deus eleito e peregrino na história rumo ao horizonte escatológico.

O sentido de pertença eclesial indica vários elementos: o sacerdócio comum, a identidade cristã, o aspecto testemunhal e missionário, o aspecto hermenêutico, o caráter dialógico da dinâmica da Revelação.

<sup>517</sup> Cf. GUTIÉRREZ-MARTÍN, J. L. *Belleza y misterio. La liturgia, vida de la Iglesia*. Navarra: Eumsa, 2006, p. 74.

<sup>518</sup> Cf. ARAÚJO, J. M. op. cit., p. 786.

<sup>519</sup> Em seu artigo citado anteriormente, J. M. Araújo identifica a dimensão comunitária como fundamento nas *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém: “A liturgia das catequeses está fundada no sólido ambiente fraterno e comunitário-cultural celebrativo dos mistérios da vida cristã, a partir do e no qual os neófitos restaurar-se-ão e revigorarão suas contínuas forças para viverem autenticamente a fé cristã como partícipes da natureza divina por Cristo, no Espírito Santo.” ARAÚJO, J. M. op. cit., p. 779 e 786.

### 2.3.4

#### A Dinâmica da Revelação

Nas bases desse conceito de participação no Mistério pascal reside a teologia da Revelação, a dinâmica de autocomunicação de Deus e de abertura da pessoa humana para seu projeto salvífico. Nos conteúdos e na metodologia das *Catequeses Mistagógicas*, verificamos que possuem seu fundamento teológico na dinâmica da Revelação entre Deus e seus filhos e filhas. A iniciativa do Deus que vem, que convida, que se revela, que se entrega, que é misericordioso, é encontrada passo a passo nas Catequeses.

Na teologia subjacente às Catequeses encontra-se um processo dialógico que convida à entrega e à resposta ao convite de Deus, já presente na vida do fiel, atuante na vida do povo de Deus. Cirilo sempre parte da iniciativa de Deus, é ele o autor do convite e do processo de conversão. Suas Catequeses não impõem, mas propõem; não submetem, mas anunciam o caminho; não pressupõem conversão imediata, mas respeitam as condições para a resposta pessoal; não se atêm ao discurso doutrinário, mas acompanham e orientam as escolhas pessoais em direção à vida nova que lhe é anunciada.

Vejamos alguns exemplos:

*Lá Moisés foi enviado por Deus ao Egito; aqui Cristo, do seio do Pai, foi enviado ao mundo. (CM I,3)*

*Ademais, poderoso é Deus que de mortos nos fez vivos, para conceder-vos que andeis em novidade de vida. A Ele a glória e o poder, agora e pelos séculos. Amém. (CM II,8)*

*Em verdade, Deus predestinando-nos à adoção de filhos, nos fez partícipes e Cristo (...). (CM III,1)*

*Na verdade, Cristo não foi ungido com óleo ou unguento material por um homem, mas foi o Pai que, estabelecendo-o com antecedência como Salvador de todo o universo, o ungiu com o Espírito Santo. (CM III,2)*

Cada neófito é convidado a responder liturgicamente, na liberdade pessoal, ao convite de Deus. A Revelação pressupõe abertura da pessoa humana, mas também tomada de consciência e processo de decisão na liberdade e responsabilidade. A atitude de escuta da Palavra e da formação é atitude de ‘escuta’ do Mistério de Deus experimentado na liturgia sacramental. Cirilo reflete sobre a fé como uma dinâmica, de entrega, de confiança e de compromisso vital com Aquele em quem se crê e com seu projeto. É neste sentido que

compreendemos a ‘escuta’ das *Catequeses Mistagógicas*, do ‘audire’, da fé que chega pelo ouvido. Não como uma simples audição, mas o ouvir que aceita e segue, que obedece ao chamado, que implica em mudança de vida, em conversão<sup>520</sup>.

É uma ação evangelizadora que se reconhece como mediadora da relação entre Deus e a pessoa humana, que respeita o lugar imprescindível da experiência humana como condição de compreensão da Revelação<sup>521</sup>.

*Batizados em Cristo e dele revestidos, vos tornastes conformes ao Filho de Deus. Em verdade, Deus predestinando-os à adoção de filhos, nos fez conformes ao corpo glorioso de Cristo. Feitos, pois, partícipes de Cristo, não sem razão, sois chamados cristos e é de vós que Deus disse: ‘Não toqueis os meus cristos’. Ora, vós vos tornastes cristos, recebendo o sinal do Espírito Santo, e tudo se cumpriu em vós em imagem, pois sois imagens de Cristo. (CM III,1)*

Cirilo de Jerusalém assegura ao iniciante que no seu combatimento espiritual: “A espada do Espírito está à sua disposição!”<sup>522</sup> Para sublinhar a ação libertadora e santificadora de Deus na práxis catecumenal antiga é relevante a oração da comunidade, do catequista e do catecúmeno – e, para a ‘escuta’ da Palavra, muitas celebrações e ritos confirmam essa dinâmica.

Cirilo convida seus neófitos a se deixarem atingir pela Revelação. Através das narrativas bíblicas, das relações que vai tecendo entre figura e verdade, entre Povo de Deus e Igreja hoje, entre Cristo e cada pessoa, conduz a uma familiaridade progressiva com o jeito de Deus olhar, com a ótica de Deus, com o processo da Revelação, enfim. Na liturgia sacramental, vivenciada por cada um dos neófitos, a Palavra de Deus é apresentada como vida, como revelação de um grande Mistério, o próprio Mistério de Deus<sup>523</sup>.

A experiência vivida por cada neófito através dos sacramentos de Iniciação não se reduz a um conjunto de rituais litúrgicos, mas são etapas centrais de Iniciação ao Mistério de Deus, de consciência do mistério salvífico e de sua progressiva inserção neste Mistério<sup>524</sup>.

<sup>520</sup> Sobre o processo de Revelação e a condição de ‘ouvinte’ da pessoa humana, ver obra capital de K. RAHNER, *Curso Fundamental da Fé*. São Paulo: Paulinas, 1989, especialmente o capítulo 1.

<sup>521</sup> Cf. GELABERT, M. *Valoración cristiana de la experiencia*. Salamanca: Sigueme, 1990, p. 18.

<sup>522</sup> CIRILO DE JERUSALÉM. Procatechesi 10. In: CIRILLO E GIOVANNI DI GERUSALEMME. *Catechesi Prebattesimali e Mistagogiche*. op. cit. P. 152.

<sup>523</sup> Cf. COFFY, R. La celebración, lugar de la educación de la fe. Evangelización, Catequesis y Liturgia. In :*Phase 38*, Barcelona: Centro de Pastoral Liturgica, 1980, p. 13.

<sup>524</sup> Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 79.

Observemos alguns trechos que nos conduzem a esta mistagogia.

*Oh! Fato estranho e paradoxal! Não morremos em verdade, não fomos sepultados em verdade, não fomos crucificados e ressuscitados em verdade. A imitação é uma imagem; a salvação, uma verdade. Cristo foi crucificado, sepultado e verdadeiramente ressuscitou. Todas estas coisas nos foram agraciadas a fim de que, participando, por imitação, de seus sofrimentos, em verdade logremos a salvação. Oh! Amor sem medida! Cristo recebeu em suas mãos imaculadas os pregos e padeceu, e a mim, sem sofrimento e sem pena, concede graciosamente por esta participação e salvação. (CM II, 5)*

*Ele, quando banhado no Rio Jordão e comunicando às águas a força da divindade, delas saiu e se produziu sobre ele a vinda substancial do Espírito Santo, pousando igual sobre igual. Também a vós, ao sairdes das águas sagradas da piscina, se concede a unção, figura daquele com que Cristo foi ungido. ( CM III,1)*

Enfim, Cirilo se preocupa em fundamentar a adesão do neófito com base em uma relação com Deus, consigo mesmo, com a Igreja, com a sociedade, uma relação integral de orientação soteriológica. A cada passo ele revisa o processo e exorta o caminho a ser percorrido, integrando-se sempre mais ao Mistério salvífico.

### 2.3.5

#### A teologia narrativa da Sagrada Escritura

Cirilo possui um eixo norteador - a Sagrada Escritura<sup>525</sup>. É seu fundamento para as catequeses, seu princípio de gnose, de conhecimento verdadeiro<sup>526</sup>. Nas Homilias, apresenta a Palavra revelada com o recurso da narrativa do evento salvífico que, ao mesmo tempo, torna-se paradigmático para o ouvinte e a comunidade eclesial.

<sup>525</sup> A teologia de Cirilo nasce de sua intimidade com a Sagrada Escritura. Sua leitura bíblica é uma leitura espiritual, à luz da experiência cristã e como fonte da experiência cristã da vida. Cirilo apóia sua exposição na versão septuaginta. Cf. RIGGI, C. op. cit, p. 10; FIGUEIREDO, F. Introdução. In: CIRILO DE JERUSALEM, *Catequeses Mistagógicas*. Trad. F. VIER, introd. e notas F. FIGUEIREDO. op.cit., p. 18; MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 53; RIVAS, P.L.H. op. cit., p. 10; ELORRIAGA, C. op. cit., p. 35.

<sup>526</sup> Em Cirilo, a Sagrada Escritura é a verdadeira gnose. A gnose bíblica, quando apreendida, é uma filosofia superior que satisfaz plenamente as aspirações da mente, do coração e do espírito humano, uma verdade que brilha em sua própria luz. Dessa forma, observamos que Cirilo está dialogando com um tema filosófico próprio de seu tempo: o gnosticismo. Não debate teologicamente nem mesmo filosoficamente o movimento gnóstico, mas, pedagogicamente, apresenta uma resposta cristã à profunda questão humana sobre a origem da vida, o destino e a natureza humana. Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., p. 9-10; ver tb. notas 107 e 108 deste capítulo.

Seus ouvintes, provenientes de diferentes culturas e mesmo de religiões, tanto do judaísmo, como do paganismo, recebiam as instruções a partir do fio narrativo da História da Salvação. Bielsa comenta em sua edição crítica sobre as Catequeses de Cirilo de Jerusalém:

Mais de 2 mil referências à Escritura fazem com que cada catequese seja como um rio que canta o rumor da palavra de Deus. Assim, habituado por formação na Lei ao monoteísmo rigoroso, o ouvinte judío tinha menos dificuldade para aceitar e compreender a unidade de essência – que já acreditava e para ele era dogma indiscutível – que o mistério trinitário, substância da revelação cristã e ensinamento obrigatório a quem se preparava para o batismo<sup>527</sup>.

A escolha pela teologia narrativa é mais uma categoria mistagógica, que corresponde à pedagogia divina, e integra a história pessoal na História da Salvação. A narrativa bíblica se torna, para o neófito, uma metanarrativa, que vai não apenas esclarecendo a experiência mistagógica vivenciada nos sacramentos, mas lhe indicando um caminho mistagógico na própria vida<sup>528</sup>.

A Sagrada Escritura é trabalhada de forma narrativa e em chave tipológica<sup>529</sup>, presente não apenas em Cirilo, mas também em Ambrosio de Milão, Teodosio de Mopsuestia, João Crisóstomo e Agostinho de Hipona<sup>530</sup>. É uma teologia que desenvolve a iniciação ao Mistério mediante o recurso às figuras bíblicas do Antigo e do Novo Testamento, como um procedimento pedagógico fundado na unidade de toda a História da Salvação e analogia existente entre os acontecimentos de uma etapa com os das outras etapas, de sorte que se iluminam e ilustram mutuamente<sup>531</sup>.

Cirilo não é o primeiro a fazer uso desta metodologia<sup>532</sup>. No entanto, nele ressaltamos o aspecto de inter-relação entre a tipologia e a dimensão sacramental, entre o *typos* e o *antitypos* – *τυπὼς ἀντίτυπῶς* : um é usado para indicar o evento

<sup>527</sup> BIELSA, J.S. op. cit., p. 11.

<sup>528</sup> Cf. ARAÚJO, J. M. op. cit., p. 780.

<sup>529</sup> Cf. ONATIBA, I. op. cit., p. 17.

<sup>530</sup> Ambrosio, *De Mysteriis*; Teodoro de Mopsuestia, *Omélie Catechetique*; João Crisóstomo, *Catechesis baptismalis*; Agostinho de Hipona, *De catechizandis rudibus*. Cf. ALTANER, B. e SUIBER, A. op. cit.; SANTANA, L. F. R. *A dimensão pneumática da espiritualidade cristã*. op. cit., p. 160-161.

<sup>531</sup> Cf. ONATIBA, I. op. cit., p. 17.

<sup>532</sup> Também em Ambrosio encontramos a catequese tipológica, contudo, para ele os eventos do Antigo Testamento não estão apenas relacionados com os do Novo Testamento, mas é dele que recebem o sentido, a interpretação e a razão. Possuem uma pertença ontológica, revelada na centralidade do mistério pascal. Cf. MAZZA, E. op. cit., p. 181.

salvífico e outro para indicar o sacramento do evento<sup>533</sup>. Nas *Catequeses*, Cirilo estabelece uma relação tipológica entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento e aplica esta relação à explicação dos ritos litúrgicos.

*Entrastes primeiro no adro do batistério. Depois vos voltastes para o Ocidente e atentos escutastes. Recebestes então a ordem de estender a mão, e renunciastes a satanás como se estivesse ali presente. É preciso que saibais que na história antiga há uma figura deste gesto. Quando o faraó, o mais inumano e cruel tirano, oprimia o povo livre e nobre dos hebreus, Deus enviou Moisés a tirá-los desta penosa escravidão dos egípcios.(...)*

*Passai agora comigo das coisas antigas às novas, da figura à realidade. Lá Moisés foi enviado por Deus ao Egito; aqui Cristo, do seio do Pai, foi enviado ao mundo. Aquele para tirar o povo oprimido do Egito; Cristo para livrar os que no mundo são acabrunhados pelo pecado.(CM I,2-3)*

Para Cirilo, há uma distinção entre o Antigo e o Novo Testamento: os eventos da salvação do Antigo Testamento não pertencem ao Novo Testamento, mas sim o seu *typos*. Eles possuem uma correspondência, podem ser comparados um a um, compreendendo a pedagogia divina que se revela através dos acontecimentos salvíficos<sup>534</sup>. Através da relação *typos* e *antitypos*, Cirilo procura revelar a novidade de Cristo, já anunciada nos fatos, palavras e símbolos da Antiga Aliança<sup>535</sup>. Ele explica as figuras comparando-as com a realização sacramental experimentada pelos fiéis. É uma ação pedagógica que revela a própria pedagogia de Deus, em seu projeto salvífico revelado plenamente em Jesus Cristo e seu Mistério pascal<sup>536</sup>.

Contudo, a catequese tipológica não é o constitutivo essencial de seu método mistagógico, ele a usa em momentos precisos, a fim de atingir os objetivos de sua proposta catequética<sup>537</sup>.

Os ritos litúrgicos possuem um caráter simbólico sacramental. A catequese patrística compreende o símbolo em uma dupla dimensão, e Cirilo compartilha

<sup>533</sup> Ibid., pp. 180-186.

<sup>534</sup> Mazza analisa o vocabulário técnico utilizado com grande precisão por Cirilo e afirma que é um vocabulário já presente em Platão, ou seja, a compreensão de sacramentalidade presente em Cirilo não se refere a umnexo entre 'aquele que vê' e 'aquele que crê', mas à relação entre o uno e o múltiplo, entre o sensível e o inteligível. A propósito do valor ontológico dos sacramentos, os Padres da Igreja se serviram de conceitos já elaborados por Platão e pelo platonismo. Neste sentido compreende o sacramento como análogo, mas não idêntico ao evento histórico-salvífico. Ibid., pp. 188-190.

<sup>535</sup> Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., p. 67.

<sup>536</sup> Sobre o tema da catequese tipológica na teologia patrística, ver também o Catecismo da Igreja Católica, sobre a liturgia, n<sup>os</sup> 1093, 1150, 1151, 1152. Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis/São Paulo : Vozes/Loyola/Paulinas/Ave Maria, 1993.

<sup>537</sup> Cf. MAZZA, E. op. cit., p. 181

dessa mesma concepção. Os símbolos litúrgicos são mediações através das quais o Mistério de Deus se revela, são realidades espirituais que vêm representadas de modo figurado e, ao mesmo tempo, realizam o que simbolizam. “O *symbolum* é o rosto visível do *mysterium* de Deus, uma expressão sua”<sup>538</sup>. Os símbolos são mediadores do Mistério de Deus, caminhos de iniciação ao Mistério.

Em Cirilo, as orientações catequéticas caminham em unidade com os ritos litúrgicos e sacramentais. Não caminham à margem do rito. Sua pedagogia tem duplo caráter: antes dos ritos, é uma Iniciação ao rito e, após o rito, é uma Iniciação desde o rito litúrgico. Nas *Catequeses Mistagógicas* estamos diante deste segundo momento, para os Padres um momento privilegiado, pois após a experiência pessoal e comunitária na liturgia, se compreende muito melhor o que se viu, viveu e ouviu, pois os ritos falam por sua própria força e luz.

### 2.3.6

#### O seguimento e a conversão existencial

Um aspecto fundamental a ser abordado é a exigência da conversão. A Iniciação Cristã primitiva tem esse aspecto como condição para a acolhida na comunidade e no processo de formação cristã. Cirilo tematiza a conversão em vários momentos das *Catequeses Mistagógicas*. Fala de mudança radical, de passagem do homem velho ao homem novo, nascido em Cristo, fala da presença do mal como caminho antagônico àquele do qual o neófito participa pelos sacramentos. Também os rituais litúrgicos possuem forte acento no exorcismo, no fortalecimento contra o mal, contra satanás, suas obras e cultos<sup>539</sup>.

Os exorcismos têm particular importância, enquanto momento de fortalecimento da pessoa e de abertura para a ‘escuta’ da Palavra de Deus na própria vida. Assim, a responsabilidade e o compromisso do iniciante são fundamentais, mas sempre como resposta e cooperação à iniciativa de Deus. Os ritos de exorcismos são compreendidos como ações litúrgicas e, enquanto tais, celebram a ação de Deus e o processo de conversão e crescimento na fé dos catecúmenos. O liturgista J. Ariovaldo Silva nos ajuda a compreender o sentido dos exorcismos para a Patrística.

<sup>538</sup> Cf. VILANOVA, E. op.cit., p.117.

<sup>539</sup> Cf. YARNOLD, E. *The awe inspiring rites of initiation*. op. cit., p. 20.

Confia-se no poder libertador de Deus, pedindo-lhe a intervenção para que, na caminhada preparatória para o sacramento da regeneração, expulse do catecúmeno todos os males, vícios, apego aos ídolos, defeitos de caráter, personificados pela figura de Satanás como raiz desses males. E que o espaço dela seja ocupado pelo Espírito de Cristo, o Espírito Santo. No fundo, é a proclamação da soberania de Deus sobre todo Mal existente, acolhida pouco a pouco pelo catecúmeno, à medida que vai conhecendo Jesus Cristo<sup>540</sup>.

A força e o amor libertador de Deus potencializam a superação de todo o mal e fortalecem o neófito neste combate.

O conceito de pecado possui dimensão pessoal, mas com um forte acento no aspecto exterior, daquilo que influencia, desvia e corrompe o caminho cristão. Cirilo chama a atenção para essa dupla dimensão: a tentação presente na realidade e a responsabilidade proveniente do compromisso pessoal. O mal vem de fora, de uma força maligna, capaz de se misturar na existência, na cultura, e desviar do caminho de Cristo. É força presente, para a qual se deve buscar fortalecimento, alimento espiritual, perseverança no caminho<sup>541</sup>.

O tema da presença do mal no mundo é bastante complexo para tratarmos nos limites deste trabalho, no entanto, apenas para fins de diálogo com esta compreensão presente em Cirilo, procuramos delinear a teologia que embasa sua catequese. A ideia do mal personificado na figura de satanás, como raiz de todos os males, revela uma consciência de que o mal é externo ao homem, está no mundo, e atua de fora para dentro, descentralizando a pessoa humana, tirando-a de seu caminho. Para combatê-lo é preciso a atitude de vigilância e a vivência sacramental-comunitária, que agem como fortalecimento e potencializam a superação das tentações e a perseverança no caminho cristão.

A personificação do mal está presente na Sagrada Escritura e na Tradição da Igreja. A influência de uma força externa, personificada, auxilia a que não se detenha em uma concepção superficial e individualista do pecado. O senso de

<sup>540</sup> SILVA, J. A. A Iniciação Cristã em sua evolução histórica. Alguns apontamentos para estudo. In: COMISSÃO REGIONAL DA DIMENSÃO LITÚRGICA DO NORDESTE 3. *Liturgia e Inculturação*. Paulo Afonso (BA): Fonte Viva, 2006, p. 87.

<sup>541</sup> O tema da ambiguidade humana, presente na teologia e filosofia de nossos tempos, não vem tratado por Cirilo, mas na teologia paulina já nos deparamos com seus fundamentos. “*Não faço o bem que eu quero, mas pratico o mal que não quero*”. (Rm 7,19). Esta é uma questão, que nos confronta com a angústia existencial do mal enraizado na sociedade, na cultura, no coração humano, mas que não poderemos tratar nos limites deste trabalho. Para aprofundar o tema sugerimos GESCHÉ, A. *O Mal*. Col. Deus para Pensar. São Paulo: Paulinas, 2003; QUEIRUGA, A. T. Repensar o mal na nova situação secular. In: *Perspectiva Teológica*. Ano XXXIII. 91, Belo Horizonte: CES, 1991, pp. 309-330.

responsabilidade não tem cunho estritamente individual, pois o mal aparece na sua existência histórica, na qual o homem se insere<sup>542</sup>.

Mesmo que não enfatizemos no catecumenato atual a concepção da personificação do mal<sup>543</sup>, aqui há uma função simbólica significativa<sup>544</sup>.

Observemos que o rito do exorcismo está integrado com a unção, o que comunica a prioridade à Revelação, à ação amorosa de Deus. A acolhida da nova vida em Deus implica a renúncia a tudo que não é coerente com ela, que não é de Cristo<sup>545</sup>. É um compromisso na liberdade pessoal e na orientação existencial na unidade de irmãos e irmãs na mesma fé, na mesma luta e caminho. Podemos, assim, compreender os ritos de exorcismos e renúncia a satanás, como um ato positivo, afirmativo da vida nova, definidor de uma nova etapa, assumida pelo Batismo na comunidade eclesial. Deus é celebrado como presença atuante operando na fé e por meio da fé pessoal e comunitária<sup>546</sup>.

Cirilo exemplifica as atitudes diversas que se pode ter diante da tentação com as narrativas de Judas e de Pedro, na *Quinta Catequese Mistagógica*. Sua ênfase se volta para a ação positiva, afirmativa da graça de Deus atuante, que não abandona a pessoa humana às forças do mal, mas, ao contrário, a fortalece no combate<sup>547</sup>.

“Pecado e salvação são duas faces do mesmo mistério, no relacionamento entre o homem com Deus”<sup>548</sup>. Deixar para trás a vida anterior, modificar hábitos, costumes culturais, renunciar a tudo que afasta do projeto de Deus é apresentado sistematicamente para aquele que está aderindo à fé cristã. Para nascer de novo, pelo Batismo, é necessário renunciar à vida do homem velho<sup>549</sup>.

<sup>542</sup> Cf. LAURENTIN, A. e DUJARIER, M. *Il Catecumenato. Fonti Neotestamentarie e Patristiche la Riforma del Vaticano II*. Roma : Dehoniana, 1995, pp. 358-359.

<sup>543</sup> LAURENTIN, A. e DUJARIER, M. Comentam que os termos relacionados com a personificação do mal, como ‘demônio’, ‘satanás’, já estão muito contaminados por magias e superstições. Também a expressão ‘espírito do mal’, não é a mais adequada, pois apela para uma oposição entre bem e mal. A imagem de uma ‘figura maligna’ ou de um ‘anjo’ se acercando da pessoa não dialoga com a subjetividade atual. Daí é fundamental uma mudança de linguagem que recupere a reflexão sobre o mal e um aprofundamento dos conceitos que estão subjacentes às ‘imagens’ de representação utilizadas na evangelização. *Ibid.*, pp. 411-412.

<sup>544</sup> *Ibid.*, p. 359.

<sup>545</sup> *Ibid.*, p. 377.

<sup>546</sup> LAURENTIN, A. e DUJARIER, M. *op. cit.*, p. 296.

<sup>547</sup> Não ousamos nomear as intermináveis referências sobre o tema, mas interessante ver o comentário sobre o mesmo exemplo de Cirilo, em QUEIRUGA, A.T. *Recuperar a Criação. Por uma religião humanizadora*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 260.

<sup>548</sup> MAESTRI, G. e SAXER, V. *op. cit.*, p. 79.

<sup>549</sup> Cf. DRIJVERS, J. W. *op. cit.*, p. 90

A decisão de aderir ao caminho cristão envolve todo o projeto existencial da pessoa. No entanto, na liberdade da resposta humana, Cirilo afirma que é Deus quem nos salva, é Ele quem nos dá a salvação. A resposta humana é processual e deve se converter em testemunho por palavras e obras, por atitudes éticas e co-responsabilidade com a Tradição recebida e com a comunidade da qual participa, a Igreja de Jesus Cristo<sup>550</sup>.

*Entretanto, ouves, com a mão estendida, e dizes como a um presente: ‘Eu renuncio a ti, satanás’.(...) Renuncio a ti, satanás, artífice e cúmplice de todo mal. (CM I,4)*

*Renuncias, portanto, às obras de satanás, isto é, a todas as ações e pensamentos contrários à promessa. (CM I,5)*

*Cuida, pois, de ti mesmo e não te voltes novamente para trás, depois de teres posto a mão no arado, para a prática amarga desta vida. (CM I,8)*

*O óleo exorcizado era símbolo, pois, da participação da riqueza de Cristo.(...) Este óleo exorcizado recebe, pela invocação de Deus e pela prece, uma tal força que, queimando, não só apaga os vestígios dos pecados, mas ainda põe em fuga as forças invisíveis do maligno.(CM II,3)*

A ação litúrgica realiza a integração entre o rito e a vida do cristão. Não consiste em um dualismo que apenas propõe, mas é ação performativa, que orienta para a vida nova, a oferenda da própria existência à vontade de Deus. Possui, portanto, uma implicação direta na vida prática, cotidiana, transformando-a no “verdadeiro culto que agrada a Deus”<sup>551</sup>.

### 2.3.7.

#### O Símbolo da Fé - O Credo

O Símbolo da fé, o Credo, já foi trabalhado nas *Catequeses Pré-Batismais*, por ocasião da preparação para os sacramentos, aqui ele recebe um cunho de testemunho pessoal diante da comunidade eclesial e de fortalecimento perante o mal e as tentações de satanás. Nesta etapa estamos diante de um momento muito importante para a o processo catecumenal, a fase chamada de *redditio Symboli*, ou seja, a profissão pública do símbolo da fé pelos neófitos<sup>552</sup>.

<sup>550</sup> Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit. p. 10.

<sup>551</sup> Cf. Sl 49,14-23; 50,18-19; Os 6,6; 8,11-12; Am 6,21-25; Dn 3,37-41

<sup>552</sup> Há relatos de que cada candidato, depois das instruções e antes do Batismo, deveria ir ao bispo e recitar o credo (*redditio symboli*). Não podemos ter certeza da recitação do Credo em todos os lugares, neste período no qual Cirilo prega suas Catequeses. Cirilo enfatiza que os candidatos devem tê-lo de memória e recitar entre eles. Cf. DRIJVERS, J.W. p. 92; ELORRIAGA, C., op. cit., p. 30.

Na Iniciação Cristã, o processo de entregar o Símbolo da fé era conhecido como *traditio Symboli*, e sua profissão diante da comunidade, como *redditio Symboli*. A primeira etapa significa a recepção da Tradição apostólica; é a comunidade cristã confiando ao catecúmeno sua identidade e convidando a assumi-la em unidade com a Igreja<sup>553</sup>. A segunda etapa significa o compromisso assumido; o neófito, já batizado, retorna a Profissão de Fé à comunidade professando-a oral e publicamente<sup>554</sup>.

Desde as primeiras comunidades cristãs, a própria nomeação do Credo como ‘símbolo apostólico’<sup>555</sup> já traz em si o significado sacramental que identifica seu lugar e importância<sup>556</sup>. No termo ‘símbolo’ se reúne a experiência antropológica de que a realidade é multidimensional, de que as coisas visíveis à primeira vista apontam coisas profundas invisíveis e, para a fé cristã, a relação intrínseca entre a fé pessoal e a fé comunitária enquanto resposta a uma iniciativa de Deus<sup>557</sup>.

Seguindo a trajetória da Igreja primitiva, os Padres do século III e IV vinculam o Símbolo da fé diretamente ao sacramento do Batismo. Também em Cirilo encontramos esta relação entre a estrutura trinitária do Batismo e o Credo<sup>558</sup>. Ela nos aponta para a definição de uma identidade própria, confirmada na adesão à fé cristã explicitada no rito sacramental, assumida em comunidade e

<sup>553</sup> O Credo é proclamação da fé da Igreja, como membro da comunidade eclesial compromete-se na unidade e coloca-se em comunhão com a comunidade. É uma proclamação eclesial. Cf. COFFY, R. op. cit., p. 14; Cf. MAESTRI, G. e SAXER, V. op. cit., pp. 53-54.

<sup>554</sup> Cf. SILVA, J.A. *A Iniciação Cristã em sua evolução histórica. Alguns apontamentos para estudo*. op. cit.

<sup>555</sup> Apesar de sua origem grega - *symbolon* -, o termo aparece pela primeira vez aplicado aos credos do Ocidente latino. A expressão ‘símbolo dos apóstolos’ - *symbolum apostolorum* - surge em uma carta enviada pelo sínodo de Milão de 390 ao papa Sirício, para designar o Sumário da fé próprio da tradição romana, legitimado pela autoridade dos apóstolos, testemunhas da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Tudo indica que o processo de elaboração e configuração do núcleo do Símbolo foi complexo e diversificado. Nos textos encontrados, textos confessantes, fica plasmada a fé apostólica, cuja peculiaridade mais específica está relacionada com o acontecimento Cristo. Cf. CURA ELENA, S. Símbolos da Fé. In: PIKAZA, X. e SILANES, N. (dir.) *Dicionário Teológico: O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1988, pp. 827-836.

<sup>556</sup> Segundo E. Vilanova, o Símbolo dos Apóstolos é propriamente um símbolo litúrgico, enquanto o Niceno-constantinopolitano é teológico no sentido técnico da palavra. A fórmula antiga se mostra pacífica; a outra é abertamente polêmica: é ortodoxia que se define a si mesma. Cf. VILANOVA, E. op. cit., p. 119.

<sup>557</sup> Para a fé cristã, no conceito de símbolo se relacionam objetivamente ‘sinal’ e ‘causa’. “A graça de Deus se coloca eficazmente presente ao criar sua expressão, sua concretude histórica dentro do espaço e do tempo, ou seja, seu símbolo”. Cf. NOCKE, F. Doutrina geral dos sacramentos. In: SCHNEIDER, T. (org.). *Manual de Dogmática*. vol 2. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 190-192.

<sup>558</sup> A exigência de fidelidade aos ensinamentos apostólicos se traduz na Igreja primitiva na formulação dos credos ou símbolos batismais, que aparecem tanto em forma de questões seguidas de respostas como em formas de Símbolo recitado pelo neófito. Cf. VILANOVA, E. op. cit., p.116.

testemunhada na vida. Cirilo sublinha essa dimensão nas suas Catequeses ao se referir à unção batismal e à imersão.

*Depois disto fostes conduzidos pela mão à santa piscina do divino Batismo, como Cristo da cruz ao sepulcro que está à vossa frente. E cada qual foi perguntado se cria no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. E fizeste a profissão salutar, e fostes imersos três vezes na água e em seguida emergistes, significando também com isto, simbolicamente, o sepultamento de três dias de Cristo. (CM II,4)*

No Batismo, momento decisivo na vida cristã, a Profissão de Fé evidencia a identidade crente e a confirma publicamente, na unidade com a Igreja. É a fé cristã assumida pessoalmente, concretizada nas atitudes de uma nova vida e compartilhada na comunhão eclesial com todo o Povo de Deus. O ato de fé possui, assim, uma dupla dimensão: a dimensão de identidade e compromisso pessoal e a dimensão de renovação e fortalecimento da comunidade de fé.

### 2.3.8

#### O embasamento na Tradição

Outra importante categoria presente na mistagogia de Cirilo consiste no estabelecimento do vínculo estreito com a Tradição, no caso, com a Tradição apostólica e a doutrina do Magistério, ainda em elaboração teológica, mas já afirmada nos Concílio de Nicéia e Constantinopla<sup>559</sup>.

Cirilo pode ser acusado de não ter participado dos debates teológicos do seu tempo, ou mesmo de ser indiferente a estes<sup>560</sup>. Contudo, não se pode negar sua preocupação pastoral-catequética, o diálogo com seu tempo e as culturas, e a fidelidade à Tradição que já conhecia e trilhava<sup>561</sup>.

As *Catequeses Mistagógicas* se desenvolvem também nesta trilha e fidelidade, e convocando os neófitos a caminharem na unidade com a Tradição da qual fazem parte<sup>562</sup>.

<sup>559</sup> Cf. MC CAULEY, L. e STEPHENSON, A. op. cit., p. 34.

<sup>560</sup> Cf. CAYRÉ, F. op. cit., p. 377.

<sup>561</sup> Cf. TELFER, W. op. cit., p. 61; Cf. BIELSA, J.S. op. cit., p. 7.

<sup>562</sup> Cf. RIVAS, P.L.H. op. cit., p. 12.

*(...) Rogo-vos, para que eu, ainda que indigno, possa dizer-vos: 'Amo-vos porque sempre vos lembrais de mim e conservais as tradições que vos transmiti. (CM II,8)*

*Conservai inviolavelmente essas tradições e vós mesmos guardai-vos sem ofensa. (CM V,23)*

Cirilo não nomeia Concílios em suas homilias e nem mesmo usa categorias teológicas. Enfim, não entra no campo da especulação racional sobre o Mistério de Deus. Mantendo sua prioridade catequética, a linguagem flui de acordo com o grupo de neófitos, orientando-os segundo a experiência pascal que acabaram de vivenciar sacramentalmente, e que os convida ao seguimento e mudança de vida.

Também não apresenta uma teologia dogmática como uma imposição doutrinal, mas como um caminho já percorrido anteriormente e, do qual, se tornam caminhantes a partir de agora. Convida à escuta, ao discernimento, ao diálogo com a realidade em que vivem, enraíza cada passo no testemunho bíblico. Cirilo trabalha a tradição viva da fé cristã e a dinâmica da Revelação presente na história. Convida à acolhida e integração progressiva no Mistério de Deus. É o encontro com o evento pascal, em Jesus Cristo, a memória que firma os passos apostólicos, o caminho da Igreja e, de cada neófito. A Tradição é transmitida como verdade vivida, como prática, como agir cristão inserido no mundo.

Portanto, não podemos elencar todas as narrativas bíblicas que, apenas lidas com atenção, nos conduzem com firmeza pelo caminho catequético de Cirilo<sup>563</sup>. No entanto, observemos que Cirilo não descuida desse aspecto, não fala a partir de si mesmo, mas sempre a partir do caminho já percorrido e legitimado pela Igreja<sup>564</sup>. Dessa forma, transmite a fé cristã em suas bases, o que decorre em uma apreensão firme, sólida, unida à espiritualidade e dialogante.

Como já vimos anteriormente, um dos pilares de suas Catequeses está no Símbolo da fé, o Credo. Este é transmitido de forma tão pedagógica, que convida cada neófito a avaliar o que está por declarar, a construir os conceitos-chave presentes na Profissão de Fé, a fim de pronunciá-la com plena compreensão racional, espiritual, moral, integrando-se à fé que recebe da Igreja. Não se torna um pronunciamento mimético, apenas repetidor dos conteúdos, mas uma profissão desde dentro da experiência e do compromisso do neófito. Mais. A

<sup>563</sup> Ibid., p. 5.

<sup>564</sup> Cf. HAMMAN, A. op. cit., p. 209.

Profissão de Fé vem desde dentro da experiência transmitida, vivenciada e assumida comunitariamente. Os conteúdos essenciais da fé tornam-se referenciais para a trajetória cristã, não dada como pronta ou definitiva, mas como horizonte escatológico.

Dessa forma, podemos dizer que a ‘herança’ que Cirilo transmite, comporta também uma interpelação, tanto pessoal quanto comunitária, de apropriar-se pessoalmente do que é transmitido. O processo acaba por conduzir a uma relação fecunda entre pessoa e tradição, comportando consciência, interpretação e valorização da tradição<sup>565</sup>.

### 2.3.9

#### A perspectiva missionária

Outra dimensão da mistagogia de Cirilo de Jerusalém é a exortação à missão como consequência do seguimento de Jesus. Apesar de ser um tema diretamente vinculado a aspectos já considerados anteriormente - como a participação, o símbolo da fé, a configuração em Jesus Cristo, a conversão existencial -, a missão é o compromisso proveniente da experiência sacramental de todo cristão. Ela é a resposta concreta do discípulo de Cristo, que assume o mandato missionário, ou seja, dá testemunho de sua fé e transmite a Boa Nova que lhe foi anunciada.

*E para que mais te assegures, ouve o que diz sobre esse unguento em sentido místico: ‘Transmite tudo isso às nações, pois o desígnio do Senhor se estende sobre todos os povos. (CM III,7)*

O aspecto do testemunho é decorrente da configuração em Jesus Cristo e da conversão da própria vida, porém, mais do que ser testemunha, Cirilo convida os neófitos a serem transmissores do Mistério que experimentam e do qual participam.

A dimensão missionária é coerente com a eclesiologia presente em Cirilo. Compreende a Igreja em diálogo com o mundo em que vive. Neste enfoque percebe a comunidade local não como uma comunidade isolada, mas como comunidade sacramental e co-responsável na missão de evangelizar a todos,

<sup>565</sup> Cf. VELASCO, J. M. *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*. Santander: Sal Terrae, 2002, p. 29.

inclusive e, principalmente, àqueles que não conhecem o caminho do seguimento de Jesus..

Cirilo transmite o conceito de Povo de Deus como destinatário e também sujeito da missão, um povo comunhão-comunidade. A missão da Igreja está confiada a todos e a cada um. Estamos também aqui diante da pedagogia do caminho, da mistagogia de suas Catequeses. O caminho do seguimento de Jesus é pessoal e comunitário, profético, missionário, num processo de pertença madura e consciente ao Povo de Deus. Cirilo convida cada neófito a assumir o chamado missionário de Jesus<sup>566</sup>.

A dimensão missionária é decorrente do caminho mistagógico. Poderíamos dizer ainda, é a ação mistagógica, daqueles que, até aqui, eram apenas neófitos. A experiência sacramental é de encontro profundo, existencial, que vai buscar uma realização concreta, resposta de fé à graça atuante. A transformação ontológico-sobrenatural operada pelos sacramentos pascais torna-se testemunhal e missionária, que não apenas acolhe o convite de Jesus a segui-Lo, mas faz com que a pessoa se torne discípula e apóstola no mundo. Conduz os fiéis à maturidade da vida cristã, cooperando na expansão e no crescimento do Corpo de Cristo até conseguir a sua plenitude<sup>567</sup>.

### 2.3.10

#### A dimensão contemplativa

A mistagogia integra as dimensões contemplativa, litúrgica, pessoal e comunitária<sup>568</sup>. Vejamos como Cirilo trabalha a dimensão contemplativa em suas Catequeses.

Cirilo cultiva a atitude contemplativa ao longo de suas homilias, pois não faz defesas de tipo apologético, mas seu objetivo é outro, é conduzir o neófito pelo caminho do Mistério pascal<sup>569</sup>. Com essa referência, Cirilo provoca uma atitude contemplativa diante da História da Salvação que vai delineando, diante da

<sup>566</sup> Ibid., p. 185.

<sup>567</sup> Cf. Ef 4, 13.

<sup>568</sup> Cf. ROCCHETTA, C. *Como evangelizar hoy a los cristianos. El Rito de Iniciación Cristiana de Adultos como propuesta tipo para un nueva evangelización*. Bilbao: EGA, 1994, p. 82.

<sup>569</sup> Os Padres da Igreja desenvolvem uma catequese direcionada a grupos de origem cultura e religiosa diversas, mas não costumam fazer apologia, mas buscam uma atitude de contemplação da doutrina, articulando a dimensão orante, de beleza e encantamento, com o aspecto ético e prático.

experiência litúrgico-sacramental, diante da própria doutrina que embasa seus ensinamentos. Tudo apresentando com um enfoque orante, reverente, contemplativo das belezas que ali se revelam passo a passo, da grandeza do amor de Deus que se entrega no Mistério.

A cada passo, Cirilo convida a um olhar penetrante, de mergulhar no profundo do Mistério. Os ensinamentos sobre os objetos, os gestos, as palavras, os ritos, são realidades espirituais e, como tais, referem-se à ação de Deus no mundo, em Cristo, na comunidade reunida em seu nome. Com objetividade, mas sem assumir um caráter expositivo, Cirilo alinhava a liturgia numa atitude contemplativa. Os conteúdos e seus significados nascem do próprio Mistério experimentado na liturgia.

Nesse aspecto, a mistagogia de Cirilo convida o neófito a uma compreensão de caráter meditativo, que se abre a um diálogo entre a pessoa e Deus, como princípio que se revela. Ousamos dizer que nesse encontro entre Deus e a pessoa humana, Cirilo convida a uma relação extática, em que a própria liberdade humana e sua autoconsciência transcendem no diálogo com o Divino que se revela<sup>570</sup>.

Em síntese, reunindo todas essas características, encontramos mais do que uma metodologia, mas uma teologia do Mistério, que se transforma no grande eixo referencial de Cirilo e o conduz a selecionar conteúdos, palavras, relações, textos bíblicos, aconselhamentos.

De certa forma, os Padres são posteriores a eles mesmos, pois a teologia mistagógica é outra forma de ver os sacramentos. Abre espaço para a teologia do mistério que se apresenta de um modo melhor para descrever o realismo sacramental como presença do evento salvífico no rito litúrgico<sup>571</sup>.

Não sabemos se o autor tinha consciência deste enraizamento nas suas orientações catequéticas. Ou seja, não podemos afirmar que Cirilo tem uma teologia mistagógica sistematizada. No entanto, verificamos que possui este eixo referencial em seu trabalho teológico-pastoral. Em vistas de desenvolver as orientações catequéticas, promover a Iniciação Cristã de forma integral e fiel à

---

<sup>570</sup> Sobre esse tema ver Tillich, citado por HAIGHT, R. *Dinâmica da Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 173.

<sup>571</sup> MAZZA, E. op. cit., p. 8.

Sagrada Escritura e à caminhada eclesial, Cirilo reúne dimensões que se configuram em uma mistagogia viva.

Cirilo faz catequese sobre o Mistério, tem como base a Revelação de Deus, Mistério que se entrega, mas que não é apreendido totalmente; Mistério que convida a um caminho de espiritualidade e vida; Mistério que configura cada filho e filha em Jesus Cristo. Em unidade com os Padres da Igreja de seu tempo, concebe a liturgia como fonte da experiência mistagógica, como lugar privilegiado de encontro, diálogo e configuração crística. Os sacramentos ganham seu sentido na liturgia. Não há significado sacramental fora da liturgia, fora da comunidade de fé que experimenta o Mistério pascal na liturgia.

*(...) Mas como bem sei que a vista é mais fiel do que o ouvido, esperei a ocasião presente, para encontrar-vos, depois desta grande noite, mais preparados para compreender o que se vos fala e levar-vos pelas mãos ao prado luminoso e fragrante deste paraíso. (CM I,1)*

A Iniciação ao Mistério não tem, dessa forma, seu lugar privilegiado nas catequeses, nos ensinamentos, mas na própria celebração litúrgica. Os ensinamentos tornam-se um ouvir, acolher, interpretar, reviver para compreender. É um movimento secundário, a fim de melhor mergulhar no Mistério que se vivencia. A experiência do Mistério, ou seja, a experiência mistagógica, é mais eficaz do que todos os argumentos e ensinamentos doutrinários<sup>572</sup>.

## Conclusão

A mistagogia é concebida neste capítulo como o princípio que funda e dinamiza a Iniciação Cristã de Adultos, desde o catecumenato antigo. Nos Padres da Igreja, a mistagogia se apresenta como fundamento, como caminho de iniciação cristã, como via de integração da pessoa ao Mistério de Deus. O próprio termo nos indica essa dupla vertente, pois é composto por dois elementos – o mistério e a pedagogia. Se trata, portanto, de uma Iniciação ao Mistério de Deus, no que diz respeito à fé cristã.

---

<sup>572</sup> Encontramos essa mesma concepção mistagógica em Ambrosio e João Crisóstomo. Ambrosio fala da força dos ritos por seu próprio simbolismo e sua linguagem luminosa, e João Crisóstomo, argumenta que apenas os iniciados podem penetrar o mistério de Deus. Cf. BOROBIO, D. Función litúrgico-sacramental del ministerio del catequista. Evangelización, Catequesis y Liturgia. In: *Phase* 38, op. cit., p. 43.

Compreendendo o Mistério de Deus como já presente em toda pessoa humana, pela graça que nos insere nele mesmo, os Padres da Igreja desenvolvem um processo de Iniciação Cristã que viabilize a experiência de abertura e percepção consciente da presença do mistério em si mesmo e na história.

No centro da experiência mistagógica está Jesus Cristo. Ele é o caminho, porque ninguém vai ao Pai se não por meio dele, dado que ele é vindo do Pai e ao Pai retorna<sup>573</sup>, “dando-se como exemplo de porque o seguimos, dando-se o mesmo Espírito pelo qual caminhamos na sua estrada, escutamos sua voz, nos aproximamos com um coração capaz de conhecer os dons que nos tem dado”<sup>574</sup>. A patrística tem na liturgia o lugar privilegiado e central da experiência de participação no Mistério pascal. A liturgia é teologia em ato, presença dinâmica e operativa do Verbo de Deus oferecido em diálogo de comunhão aos homens. A liturgia é teologia primeira, fundamento de toda teologia segunda ou reflexão sistemática dos mistérios da fé. Por isso mesmo, a teologia dos Padres nos chega, na maior parte, expressada em um contexto litúrgico.

Cirilo de Jerusalém, em unidade com seus contemporâneos, desenvolve um caminho de Iniciação Cristã de Adultos que tem por eixo teológico e pastoral-pedagógico, a mistagogia. Ao longo de suas 24 *Catequeses*, 19 *Pré-Batismais* e 5 *Mistagógicas*, Cirilo integra elementos que pressupõem uma teologia subjacente, um solo fecundo que nutre suas pregações e orientações catequéticas e o conduz à seleção das mediações que viabilizam uma experiência mistagógica para seus catecúmenos e neófitos.

Percorrendo suas cinco *Catequeses Mistagógicas* pudemos fazer, juntamente com os neófitos que ouviam as pregações de Cirilo em Jerusalém, um caminho de escuta atenta e de abertura processual de nosso coração e entendimento para o Mistério que se revela a cada um de nós.

O primado da Iniciação é a própria iniciativa divina, da qual se coloca como mediador, em unidade com a Igreja, sacramento de Jesus no mundo. Cirilo abre a porta a todos, pedindo apenas a disponibilidade da escuta interior que provoca a conversão existencial. A peculiaridade de sua linguagem não é um instrumento de comunicação, mas uma mediação mistagógica, de transmissão da verdade revelada na Palavra de Deus, na História da Salvação. Sem perder de

<sup>573</sup> Jo 14,6ss.

<sup>574</sup> SCHREIBER, B. op. cit., p. 363.

vista as ações litúrgicas, fonte da experiência de participação no Mistério, Cirilo conduz os neófitos por caminhos já trilhados, a fim de aprofundarem e tomarem consciência da beleza e grandeza do caminho do seguimento de Jesus.

São categorias mistagógicas que se tornam fonte de sabedoria para todos os tempos: a centralidade da Liturgia, o ponto de referência na Sagrada Escritura, a comunhão com o Povo de Deus a caminho, a contemplação da presença de Deus no mundo, a consideração atenta das questões contemporâneas, o fortalecimento dos catecúmenos e neófitos para as lutas de seu cotidiano.

Em Cirilo, a mistagogia é um caminho no qual ele se insere e também se vê interpelado a aprofundar. Por isso mesmo é capaz não apenas de orientar, mas oferece o testemunho pessoal da graça fecunda de Deus, garantindo uma profunda harmonia entre seus ensinamentos e o caminho mistagógico que orienta aos neófitos.

Nas Catequeses Mistagógicas, Cirilo revela sua compreensão de mistagogia como momento interior ao mistério, do qual ele procura explicitar e convidar cada neófito a acolher o dom de Deus que recebeu. A cada passo, Cirilo vai convidando o neófito a experimentar a profunda comunicação de Deus na vida de cada pessoa, estabelecendo entre o neófito e Deus uma relação de proximidade e intimidade que se tornará, processualmente, seu referencial.

A mistagogia é uma dinâmica, que convida e impele a vida de cada pessoa que aceita o convite de Deus para essa experiência fundamental, a assumir sua vocação primeira, sua vocação cristã. Por isso mesmo, não consiste senão em viver plenamente o Mistério Pascal na própria existência cotidiana; morrer e ressuscitar diariamente com Cristo para oferecer assim ao Pai o sacrifício agradável aos seus olhos. É nesse dinamismo que a mistagogia, enquanto princípio e caminho, se torna sabedoria fontal da Igreja e em cada um dos fiéis.